

O GOVERNADOR

Helly Mohr

PRÓLOGO

Conhecereis a verdade e ela vos libertará (João, 8: 32).

O livro “MEMÓRIAS DE UM SUICIDA”, obra mediúnica de Yvonne Amaral Pereira, editada pela Federação Espírita Brasileira, apresenta valiosos esclarecimentos sobre a realidade espiritual dos indivíduos que tentam o auto-extermínio, entre os quais figuram:

- *Interferência psíquica por espíritos desencarnados na mente dos encarnados que têm a intenção do suicídio, com o objetivo de induzi-los à sua execução.*

- *Estado emocional intensamente desequilibrado do suicida, nos instantes imediatamente precedentes à tentativa de autodestruição.*

- *Imediato arrependimento do suicida, tão logo ocorre o cometimento fatal.*

- *Após o ato suicida se concretizar, o indivíduo é acometido de sofrimento crescente e alucinante; passa a sentir dor insuportável nas lesões corpóreas causadas pela forma do suicídio, perturbação profunda, impressões psíquicas agitadas em total descontrole e, assim que sente algum alívio, vê-se cometendo o ato de novo e tudo volta a ocorrer, o mal estar, a dor, a perturbação, as impressões, a agitação, e outra vez, outra vez, outra vez, numa repetição incontrolável que lhe parece não ter mais fim; esta fase termina, depois de certo tempo, e o indivíduo recobra um pouco do equilíbrio mental; aproximam-se dele espíritos cujas intenções são coerentes com o seu merecimento – o bom é abordado por entidades bondosas, o mau, por malfeitores.*

- *O suicida fica profundamente desapontamento pela constatação dos seus esforços para se destruir terem sido inúteis, enquanto passa a sofrer mais do que antes.*

- *Constatação da existência de operações de influência psíquica efetuadas por quadrilhas organizadas de malfeitores desencarnados que se ocupam da indução dos encarnados portadores de defeitos morais à alienação mental, ao auto-extermínio, ao envolvimento em situações de tragédia, traição, intriga, homicídio, roubo, desfalque, corrupção, escândalo, atos de terrorismo e muitos outros acontecimentos maléficos.*

O livro “Libertação”, de autoria do espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e editado pela Federação Espírita Brasileira, também registra essas atividades organizadas com fins puramente maléficos no Mundo Espiritual:

- *Entidades espirituais impiedosas atraem os desencarnados perversos de mentalidades enfermigas e frágeis, envolvidos por energias de baixo padrão vibratório e incapazes de conceber a beleza da vida superior, para reuni-los em comunidades numerosas onde os dirigem em bases sombrias de ódio desprezível e desespero silencioso. Formam-se assim, na realidade espiritual, verdadeiras cidades de perturbadores, colônias organizadas onde se refugiam grupos de desencarnados que, envergonhados de si próprios, fogem de qualquer manifestação da luz divina. São sombrios exércitos que atuam com o objetivo essencial de manter o primitivismo mental nas criaturas humanas, a fim de que o Planeta permaneça, tanto quanto possível, sob o seu domínio tirânico.*

- *A mente, em qualquer situação, tanto no Mundo Material como no Espiritual, é um pólo de atração e repulsão; por isso, ao cessarem de mobilizar a vontade, os indivíduos se tornam joguetes dos dominadores; mas, quando resolvem usá-la, precisam resolver o problema de direção, pois a sua situação pessoal sempre refletirá a sua escolha íntima.*

- *Perseguidores invisíveis reúnem espíritos para o culto sistemático à revolta e à vingança, enquanto os encarnados lhes fornecem sustentação, através da fuga constante às obrigações divinas, em ruínosa aliança – as criaturas humanas, quando manejam a vontade, escolhem a companhia que preferem e se lançam rumo ao que desejam.*

- *A sugestão mental estabelece a sintonia e a receptividade da região orgânica em conexão com o impulso acionado; assim, os micróbios psíquicos se deslocam em massa para as células que os atraem, sendo absorvidos por elas, em obediência a ordens interiores reiteradamente recebidas, produzindo a enfermidade idealizada no corpo físico, cujo enfraquecimento diminuirá a sustentação do ânimo do indivíduo.*

- *Os espíritos acostumados com o mal, não dispendo de princípios santificantes, não se transformam em servidores humildes só por terem desencarnado; se não enlouquecem por tempo indeterminado, por causa dos freqüentes desvarios na intelectualidade e no poder, são preservados e respeitados na obra evolutiva do orbe pelas suas qualidades apreciáveis, apesar das violentas paixões íntimas, sendo empregados por espíritos superiores nos serviços do avanço planetário, vigiando e reajustando os mais fracos, sendo vigiados e reajustados pelos mais fortes, convertendo-se ao Bem Supremo de maneira gradual e imperceptível, quando se adaptam ao Plano Divino em cuja execução passam a colaborar com fidelidade e valor; assim, ajudam e são ajudados, dão e recebem, impulsionam o progresso e progridem a seu turno.*

- *Personalidades desequilibradas, loucos perigosos, liderados por inteligências soberanas especializadas em dominação, constituem hordas terríveis que espreitam os desencarnes para colher as suas vítimas.*

- *Deus, a sabedoria suprema, aperfeiçoa o caráter dos transviados, empregando indivíduos de corações endurecidos, temporariamente afastados da Sua Obra, na execução dos Seus desígnios.*

- *Espíritos imperfeitos que formam essas associações maléficas, enormes e compactas, se alimentam das emanções mentais da Crosta sustentadas por milhões de indivíduos encarnados.*

Essas ações malfazejas, constantes e secretas ameaçam o equilíbrio psíquico e físico das pessoas; delas só está isento quem já tem os sentimentos evangelizados, pois os hábitos mentais inferiores estabelecem as “brechas” nas quais os influenciadores do Mundo Espiritual “encaixam” as suas ligações prejudiciais.

Em vista da importância do conhecimento geral dessa ameaça que não é perceptível à maioria das pessoas, foi escrito este livro com detalhes de operações de interferência psíquica na mente de indivíduos encarnados, fornecidos por um espírito que liderou um bando de desencarnados organizado para promover ações prejudiciais aos habitantes encarnados do nosso planeta.

Este irmão, convencido por Entidades benfeitoras da natureza prejudicial das suas ações, se dispôs a relatar as operações da associação de “justiceiros” comandada por ele, até a sua capitulação perante as forças do bem.

Se, nesta narrativa, o leitor encontrar semelhanças com dificuldades pelas quais ele, ou alguém do seu conhecimento, esteja passando e achar nela recursos para saná-las, ainda que isto beneficie somente um indivíduo isoladamente, este livro terá cumprido a finalidade da sua elaboração.

O conteúdo desta obra não tem caráter revelatório, pois os acontecimentos são semelhantes a fatos relatados em obras literárias espíritas de confiabilidade indiscutível, porém as descrições minuciosas de procedimentos de influência mental, planejados, preparados e executados pelo próprio autor ou por obediência às suas ordens, apresentadas nesta obra, revelaram-se de interesse especial, motivando a feitura deste livro.

É importante ressaltar que os eventos aqui contados são fatos verdadeiros, experiências reais do autor. Assim, para preservar o anonimato dos seus personagens, os nomes citados em todo o livro são fictícios. Qualquer semelhança com ocorrências do cotidiano de alguém não é mais do que coincidência.

CAPÍTULO I ENCARNAÇÃO QUASE VITORIOSA

Faz muito, muito tempo que isso aconteceu...

A navegação começava a ser feita com navios a vapor e as embarcações cruzavam os mares empregando propulsão mista – vela e vapor –, mecanismo arcaico, mas muito importante, naqueles tempos, constituindo um avanço enorme ao transporte marítimo.

As máquinas empregavam, como combustível, o carvão mineral e os países que controlavam a produção deste eram os mandatários poderosos do mundo.

Na época, não havia lei que protegesse os operários e estes eram tratados como verdadeiros escravos, obrigados a trabalhar do clarear do dia ao pôr-do-sol.

No sistema do serviço de extração do carvão era estabelecida uma quota de produção como meta diária para cada indivíduo e não atingi-la era motivo de demissão sumária, sem direito a apelação.

As condições da mineração eram insalubres, o trabalho era feito dentro de galerias quentes, escuras, úmidas, apertadas, abafadas, sem quase nenhuma segurança. Nalguns locais, era possível efetuar parte das operações na superfície, em outros todo o trabalho era feito em túneis subterrâneos, perfurados terra adentro, em grandes profundidades, estreitos, tortuosos, de acesso geralmente difícil...

O processo da extração do minério era artesanal, rudimentar, com recursos muito precários, contando-se com pouquíssimos aparatos mecânicos de apoio às atividades. Os acidentes eram freqüentes e geralmente de muita gravidade.

Jovem ainda, eu trabalhava numa dessas minas, cumprindo o meu trabalho sem maiores problemas... Mas, certo dia, um acidente mudou tudo. O operário que trabalhava ao meu lado usava uma alavanca para desprender da parede rochosa uma pedra muito grande, quando a ferramenta escapou-lhe das mãos e a pedra rolou para a direção errada, esmagando tudo o que estava no seu caminho e eu estava nele...

A pedra me esmigalhou o braço!

O membro atingido não foi amputado, mas não pude usá-lo mais; qualquer necessidade passou a exigir a ajuda do braço sadio. Fiquei aleijado, com aquela “coisa” mirrada, inerte, insensível, grotesca, pendurada no ombro e balançando ao lado do corpo...

Como se esta tragédia não bastasse para me aniquilar, eu sofria, como outros operários, o “*mal das minas*”, uma doença respiratória incurável causada pela aspiração freqüente dos fragmentos pulverizados do carvão, resultantes do processo de extração, esparsos no ar dentro da mina. Respirar naquele local produz a infiltração do pó nos pulmões, inalação que, se freqüente, produz danos irreversíveis nos tecidos pulmonares. Não havia máscaras protetoras. Quanto maior o tempo de permanência no local, mais progresso do mal, e ali todos trabalhavam por mais de quatorze horas diariamente.

Lísia, minha mãe, sofria de uma outra enfermidade que a prendia ao leito na maior parte do tempo. Faltavam-nos recursos financeiros e não havia, na época, tecnologia capaz de combater a doença que degenerava progressivamente as articulações delas. O único tratamento disponível era feito com ervas, extratos vegetais para proporcionar algum alívio, pois continham anestésicos e analgésicos, mas, mesmo com seu uso, minha mãe sentia dores atrozes constantemente. Meu pai nos havia abandonado há algum tempo, meu avô paterno nos dava alguma assistência, embora muito insuficiente; seu emprego numa fazenda lhe pagava muito mal e ainda conseguia nos proporcionar ajuda com o pouco que ganhava, enquanto estava vivo, mas, na época do meu acidente, ele já tinha falecido. Assim, incapaz para o trabalho e com a minha mãe doente, não tinha mais a quem recorrer.

A nossa situação passou a ser muito ruim, desesperadora...

Cheguei a praticar alguns furtos para tentar satisfazer as nossas necessidades e quando Lísia soube disso, repreendeu-me severamente, exigindo de mim a promessa de preferir a morte a tirar alguma coisa de alguém, mesmo que fosse para ter o que comer.

E assim eu fiz.

A sociedade local não era muito amigável e raramente se encontrava alguém que em alguma ocasião tivesse agido com verdadeiro sentimento fraterno.

A Alemanha estava em guerra; lutava para se estabelecer como nação livre, em busca de uma união política.

E foi em meio a esses acontecimentos que Lísia faleceu...

Fiquei arrasado, sem saber o que fazer – não tinha mais a minha mãe, nem o meu avô, nem mesmo algum amigo, não tinha mais ninguém...

Muitas foram as pessoas que, ignorando o que houvera comigo, reparando a minha dificuldade de respirar, julgavam-me portador de alguma doença contagiosa e me repeliam assustadas, sem compaixão...

Como eu poderia viver dessa maneira? Como venceria aquelas provas, diante de tantas dificuldades?

A sobrevivência exigia de mim esforços quase sobre-humanos.

Certo dia, caminhava pelo mato sem rumo, com a mente tomada por idéias sombrias, quando avistei um buraco no terreno. Curioso, me aproximei da borda para examiná-lo. Parecia muito fundo; era arredondado, com um grande diâmetro que estimei em pouco mais de dois metros, pois cabia nele um corpo humano desse tamanho.

As águas das chuvas formavam nalguns locais, por erosão do subsolo, galerias subterrâneas ligada à superfície por canais tortuosos de largura variável, ampla nalguns pontos e estreita noutros; eles afloravam na mata em aberturas chamadas de “bueiros” por onde as águas se escoavam. Sendo o terreno rochoso, as paredes desses canais eram irregulares, ásperas, cheios de saliências pontiagudas, quinas afiadas suficientemente para produzir lacerações profundas em qualquer pessoa que caísse ali; na queda, roçar o corpo naquelas paredes seria indubitavelmente inevitável e fatal.

O buraco que encontrei era um desses bueiros e, no instante em que o vi, surgiu-me a idéia de me jogar nele. Certamente, pensava eu, isso daria um fim às minhas desgraças.

Repeli esse pensamento naquele momento e continuei a minha caminhada.

Nunca tinha considerado essa possibilidade e agi assim instintivamente.

As religiões cristãs condenam o suicídio, mas isso não veio no meu pensamento, naquele momento.

Eu era indiferente a qualquer religião, isso nunca figurara nos meus interesses, mas sentia muita revolta com as ações da Igreja Católica.

Reinava, na época, grande confusão sobre essas coisas, por causa da propagação do Protestantismo nascente em todos os países cristãos.

Os seguidores de Martinho Lutero, fugindo da perseguição dos católicos, acharam refúgio naquela região da Alemanha, criando ali um verdadeiro caos religioso e político.

Com esses conflitos, não havia como eu atender a uma religiosidade, mas, enquanto minha mãe estava viva, eu a acompanhava à igreja, todos os fins de semana, a fim de receber as bênçãos do Vigário da nossa vila.

Lísia se esforçara em me ensinar a sua religião. Falava muito sobre isso e eu escutava com muito respeito; não concordava com o que ela dizia, mas não a deixava perceber a minha contrariedade e a ouvia com fingida atenção, sem discutir, sem proferir uma só palavra, enquanto rejeitava tudo intimamente.

Não aceitava que alguém, como sabíamos, tinha um trono de ouro, enquanto seus adeptos sofriam necessidades atrozes, sem nada ser feito em benefício deles.

Morávamos num casebre miserável e passávamos inúmeras necessidades. Às vezes, eu precisava catar raízes no mato para nos alimentar. E, enquanto isso, algumas pessoas viviam em contrastante conforto, a ponto de se permitirem extravagâncias, como mandar preparar pratos feitos com língua de beija-flor, para lhes serem servidos no jantar... Quantos desses pequenos pássaros precisavam ser abatidos para atender a esse capricho?

Ficava atordoado de tanta revolta, quando pensava nisso.

Desse modo, eu vivia entre a harmonia do carinho devotado à minha mãezinha e a intensa insatisfação íntima que não podia deixar transparecer para ela.

Não sentia revolta contra a Natureza, pois sempre encontrava algum alimento quando procurava no mato; era pequenos animais para caçar ou peixes para pescar e não podia me queixar disso. O que me deixava indignado era o total abandono dos necessitados, tanto pelas autoridades civis, quanto pelas religiosas.

Não fiz, naquela época, contato direto com as idéias do Protestantismo; no futuro, iria conhecê-las e descobrir que defendiam o mesmo que eu considerava essencial, isto é, a assistência ao adepto – não se pode atrair alguém para mostrar-lhe Deus, deixando-lhe vazio o estômago. Era inaceitável querer que pessoas carentes tirassem do próprio sustento para dar a quem não tinha necessidades, no meu modo de pensar. Para mim, faltava à Igreja Católica apenas um exército armado e canhões, mas também isso ela já teve.

Ficava me sentindo muito mal, quando pensava nisso.

Depois que a mãezinha morreu, abandonei tudo, mas não deixei de crer em Deus. Nos momentos de maior agonia, pensava nEle e escutava a advertência carinhosa de Lísia, aconselhando-me a não desprezar as instituições religiosas. Mas os sentimentos de abandono, vergonha e desamparo que abrigava dentro de mim, eram muito mais fortes.

Busquei ajuda na fazenda onde o meu avô havia trabalhado. Sabia que ele tinha sido benquisto pelos empregados como pelos patrões e procurei-os para pedir algum apoio.

Lembro-me até hoje do jeito desconfiado com que me receberam. Perguntaram-me que tarefa haveria para alguém nas minhas condições e respondi que poderia cuidar dos animais, recolher feixes de feno, transportar coisas de pouco peso; alguém como eu, com um braço só, podia fazer muitas coisas ainda. Eles prometeram pensar no meu pedido...

Mas isso me pareceu uma recusa. Afinal, era natural que quisessem trabalhadores produtivos e recusassem os pouco eficientes. O que fariam, então, com quem produzisse muito pouco, como seria o meu caso?

Não esperei a decisão deles e fui embora, desconsolado...

Reconheço hoje que a pressa para sair dali teve, por único motivo, o orgulho imenso que abrigava no meu íntimo; não aceitava o que era, não entendia o episódio como uma lição, nem aceitava ter feito por merecer aquele tratamento.

Há um preceito filosófico que diz: “para aprender, tem-se que reconhecer que não se sabe.”. Mas isso não acontecia comigo.

Como o Criador de tanta grandeza permitia que eu ficasse numa situação dessas?

Esta pergunta fervilhava no meu pensamento e urrava, repetidas vezes, profanações contra Deus.

Tinha sido humilhado e odiava aquelas pessoas por isso.

Procurei outros lugares para conseguir serviço.

Costumava freqüentar a feira onde oferecia ajuda às pessoas no transporte das suas coisas. Escondia embaixo da blusa o braço mirrado amarrado contra o corpo e pedia para me deixarem carregar os seus pacotes, bolsas, cestas etc..

Algumas pessoas me davam o que transportar, recompensando-me depois, entretanto eu aceitava o que me ofereciam, mas ficava chateado depois, cismando que não pagavam pelo serviço, mas por esmola.

Queria trabalhar, mas não concebia ser pago por pena das minhas condições físicas.

Às vezes, quando me aproximava de alguma mulher para oferecer os meus serviços, um acompanhante dela se interpunha para impedir a aproximação, quase sempre grosseiramente, como se eu fosse alguma ameaça. E eu corria para longe deles, decepcionado, sem poder reagir, tão enraivecido que ficava mordendo os lábios até o sangramento. Afinal, sofrera um acidente, mas não cometera nenhum pecado; meu único erro fora não ter tempo de tirar o braço do caminho daquela pedra, quando ela rolou. Não via motivos para aquela atitude.

Nesses momentos, ficava nervoso, sem conseguir me acalmar para expor o com dignidade o meu problema; só me restava xingar e resmungar em voz baixa, disfarçada, raivoso, magoado...

Na verdade, queria ser tratado com reverência como se faria a alguém importante, alguém com a imponência que, tempos depois, eu ostentaria orgulhosamente.

Desconheço que nível de instrução tinha a minha mãe, mas ela sempre citava as lições de causa-e-efeito dos esclarecimentos de Jesus Cristo, especialmente a de todos receberem segundo os seus feitos, incluindo nisso as pessoas possuidoras de facilidades, as de necessidades moderadas, as que viviam de modo miserável como eu e várias outras cujos problemas conhecíamos. Mas eu não acreditava nisso.

Nos momentos de contrariedade, meu ouvido registrava o som de um burburinho irritante, como se estivesse cercado de muitas pessoas, falando todas ao mesmo tempo. E entre sons confusos, às vezes, distinguia algumas frases: *“O sofrimento só vai acabar quando você morrer! Você não merece o que estão fazendo! Ser tratado assim é muito indigno, inadmissível!”* E isso fazia agigantar-se o orgulho dentro de mim, até me sentir sufocando de ódio contido. E as vozes continuavam: *“A saída é a morte! O único jeito de fugir desse tormento é dar cabo da vida! Você está passando pelo que não merece, Deus está sendo injusto com você! Não existe isso de justiça superior, de Providência Divina, você está abandonado à sua própria sorte!”*.

Na realidade, eu tinha a mente cheia de autopiedade e essas idéias já existiam no meu pensamento; as frases escutadas apenas as ressaltavam, fazendo-as crescer em importância, até eu não conseguir mais pensar em outra coisa, sem saber distinguir os meus próprios pensamentos do que aquelas vozes falavam.

Não entendia como isso me aparecia na mente... Minha mãe falecida também tinha acesso ao meu íntimo. Escutava a sua voz, advertindo-me para não aceitar aquelas sugestões, pois atender àqueles conselhos me faria muito mal.

Antes, enquanto ela estava ainda encarnada, mesmo não concordando com as suas colocações, eu nunca aceitara qualquer idéia de autodestruição. Porém, naqueles momentos, enquanto ela insistia na busca do socorro do Alto, as vozes rugiam: *“Deus não existe! De nada adianta esperar por auxílio! A Providência é pura ilusão! Você está abandonado à própria sorte!”*...

A influência dessas frases foi aumentando, a repetição persistente daquelas idéias conflitantes foi gerando em mim intensa desarmonia psíquica, agravada pelas minhas fraquezas morais... E me deixei convencer da necessidade de dar um basta naquilo tudo através do suicídio e passei a imaginar como e quando iria fazer isso.

Na verdade, a idéia da autodestruição já me surgira antes na mente, quando me negaram amparo na fazenda onde meu avô trabalhara, e reaparecia insistente nas ocasiões em que era tratado com desconfiança, repulsa ou desprezo.

Naquele dia fatídico, caminhava angustiado, vindo da vila, mais especificamente do mercado.

Tinha sido destratado, humilhado...

Fora agredido com violência por um homem que, com a mão no meu peito, deu-me um empurrão violento, quando ofereci ajuda à dama que ele acompanhava. Fez isso com tanta força que me derrubou por cima de uma banca cheia de mercadorias que se espalharam pelo chão. A madame ainda tentou me ajudar, mas ele a puxou pelo braço firmemente, afastando-a dali. E o dono da banca me repreendeu rispidamente: *“Como você foi se aproximar de uma dama daquele jeito?”* e, ato contínuo, apesar de lhe garantir não ter feito nada além de me oferecer para carregar a cesta de compras, ele me enxotou dali como se eu fosse um animal pestilento.

Fugi dali revoltado, trêmulo de raiva...

Num determinado instante, sem atinar no que fazia, tomei a direção daquele bueiro que já conhecia... Tendo chegado à borda dele, sufocado pelo desgosto, sem cogitar no que aconteceria depois, mergulhei sem hesitar naquela abertura escura e ameaçadora...

No exato momento em que me percebi caindo, imenso arrependimento tomou conta dos meus pensamentos e quis desesperadamente voltar, mas não podia mais... Não tinha no que me agarrar e, mesmo que conseguisse não, agüentaria ficar pendurado por muito tempo...

Gritei desesperadamente por socorro.

A distância até o fundo do bueiro era muito grande, mais de trinta metros, e fui caindo, roçando-me nas arestas cortantes da parede áspera, rasgando o corpo todo naquelas escarpas pontiagudas...

Parecia que a queda não ia acabar mais...

Choquei-me com violência contra a superfície irregular do chão, ficando estirado ali sem poder me mover, apavorado, sentindo os ossos triturados, dores terríveis em todas as partes do meu corpo estropiado, sangue escorrendo de inúmeros ferimentos na pele rasgada, as forças se esvaindo...

A sensação da dor era indescritível, horrivelmente intensa e ainda não consigo definir as impressões que tive, antes da chegada do momento crucial da morte, mas uma intensa agonia se prolongou por muito tempo, até o instante da falência total do funcionamento do corpo. E ainda depois disso, continuei a sentir dor, como um reflexo interminável, sem alívio...

Num certo momento, tudo pareceu voltar no tempo e me vi de novo na borda do bueiro, mergulhando, voltando a me rasgar todo naquelas rochas, chocando-me contra o fundo... E voltou a acontecer outra vez; e outra vez; e outra vez, numa repetição enlouquecedora, tenebrosa, horror que me dava a impressão de não acabar mais...

Depois do que me pareceu muito tempo, cessou aquela insuportável repetição.

Atordoado e quase desmaiando, tive a impressão de ouvir sons indistintos, parecendo gargalhadas, como se várias pessoas que eu não via, observassem aquelas ocorrências e estivessem se divertindo muito com o seu desfecho.

Perdi os sentidos por um tempo que não sei avaliar e, quando voltei a mim, reuni as forças que ainda me restavam e passei a gritar desesperada e repetidamente por socorro.

CAPÍTULO II DEPOIS DO SUICÍDIO

Já me convencera de que não seria socorrido mais, quando se aproximaram quatro homens que foram seguidos, logo depois, por outros cujo número não me recordo.

Foram chegando e ficaram ali, por perto, conversando entre eles, zombando de mim às gargalhadas, sem qualquer sinal de se importarem com a minha situação.

Isso me deixou muito chateado. Era uma falta de respeito inconcebível. Para que, então, ficavam ali? Se não iam me ajudar, por que não me deixavam agonizar em paz?

Tinham aspecto grotesco, barbas por fazer, braços e pernas peludos, ventres protuberantes, disformes, roupas sujas e mal feitas com retalhos de couro de animais; pareciam homens pré-históricos, simiescos, aqueles do tempo das cavernas...

Num certo momento, inesperadamente, um deles me perguntou se estava interessado em sair dali e, antes que eu respondesse, convocou os outros:

– Hei pessoal, vamos tirar essa porcaria daí!

Fiquei injuriado com essa referência ao meu estado, mas não tinha como reagir.

Agarraram-me pelos braços e foram puxando aos solavancos. Fiquei surpreso ao perceber que estavam me arrancando do corpo preso na rocha. Achei que enlouquecera. Depois, mandaram-me olhar para onde estivera caído e o que vi me deixou muito chocado: o que tinha ali, ao invés de um corpo humano, era um amontoado disforme de carne e ossos em estado avançado de decomposição – já havia passado muito tempo desde que saltara no bueiro...

Mas, como podia estar olhando aqueles restos que eram meus mesmo? Sentia-me intensamente perturbado: tinha um outro corpo, ferido, ensangüentado, mas tão material quanto aquilo nas pedras, cabeça, braços, pernas, tronco, roupa esfarrapada e tudo o mais, muito machucado, mas palpável, real, tinha até lascas de pedra ainda espetadas nele.

Enquanto me punham de pé, os “trogloditas” arrancaram aquelas lascas de mim...

Que confusão era aquela? Tinha morrido ou não? E aqueles restos presos na rocha, de quem eram? Tinha mesmo enlouquecido ou o que estava acontecendo era real? Estava muito confuso, mas eles, indiferentes à minha perturbação, nem se preocuparam em me dar qualquer explicação, começando a caminhar, arrastando-me junto com eles.

Não conseguia andar direito, precisava do auxílio deles e, de vez em quando, se revezavam no meu amparo, mas, ao mesmo tempo em que me ajudavam, me xingavam e zombavam de mim muito desagradavelmente.

Saímos daquele lugar, não pela chaminé pela qual caíra, porém por uma galeria comprida, estreita e tortuosa que mal dava para um homem andar de pé; no fim dela havia um riacho e eles prosseguiram a caminhada pela sua margem, durante um tempo que me pareceu longo demais...

Finalmente chegamos a um casebre em ruínas, em meio a vários outros com a mesma aparência. O interior era fétido, imundo, asqueroso, paredes nuas e manchadas, fezes pelos cantos... Nunca estivera num lugar tão asqueroso. Apesar de pobres e quase sem recursos para sobrevivência, todos os locais onde eu e minha mãe moramos eram sempre bem cuidados, com muita limpeza e higiene, mas aquele lugar não era nada parecido com isso; qualquer pessoa o acharia sem condições de servir de habitação para ninguém.

Foi ali que me largaram e se foram embora.

Retornavam diariamente, trazendo-me caldos mal cheirosos de aspecto repulsivo que diziam ser canja feita com restos de animais caçados por eles. Às vezes eram raízes para eu mastigar, tudo sempre com sabor muito desagradável, mas que me saciava a fome.

Fiquei ali por muito tempo.

As dores dos ferimentos eram muito intensas e me atormentavam constantemente.

Via serem trazidos outros espíritos àquela aldeia horrível, para receberem tratamento semelhante ao meu, mas só eu permaneci naquele casebre horroroso, por vontade deles, como se fosse a minha prisão particular.

Quem chefiava aqueles “trogloditas” era um sujeito carrancudo que tinha metade da barba e do rosto queimados. Chamava-se Gorne e, apesar de todo aquele desconforto, me tratava de forma amigável, embora exigente na obediência às suas ordens; corrigia com aspereza as demonstrações de intimidade na presença dos outros elementos do bando.

Curiosamente, desde o nosso primeiro contato, senti uma confiança inexplicável nele.

Certa vez, longe dos capangas, ele comentou que eu era especial e, por isso, me tratava de forma diferente.

Não acreditei nisso. Todos os outros passavam por dificuldades iguais ali, enquanto eu era mantido no maior desconforto.

Depois que recuperei um pouco do meu equilíbrio emocional, Gorne revelou a ligação existente entre nós, motivo do alegado tratamento especial: fôramos comparsas de crime numa encarnação anterior.

Na época em que isso ocorreu, Lísia, minha mãe da vida corpórea anterior, encarnara para ser minha genitora, embora com outro nome. Era uma beata, exercia atividades religiosas sob aprovação e supervisão da Igreja Católica. Ainda não havia a denominação de “freira”, mas a mulher que se devotava a essas tarefas fazia voto de castidade e dedicava o seu tempo todo exclusivamente à execução de serviços inspirados nas lições de Jesus Cristo.

Certa vez, ela conheceu um homem por quem se apaixonou.

Ele pertencia a uma condição social de alta relevância local e era casado, enquanto ela era pobre, mas muito atraente e bonita. O resultado deste relacionamento amoroso foi ela ficar grávida e eu nasci assim, filho bastardo dele.

Por causa desse “passo em falso”, ela teve que abandonar a sua situação oficial e, embora continuasse a desempenhar as mesmas funções religiosas de antes, agia por conta própria, isto é, sem o amparo da Igreja. Passou, por causa disso, a viver com muita dificuldade material, além de ser alvo constante do preconceito das outras religiosas que a tratavam com severidade maldosa e exagerada.

Não foi possível, assim, ela me dar uma orientação adequada, falhando na minha educação e, jovem ainda, me tornei um marginal...

Deparei-me, em certa ocasião, com um indivíduo envolvido numa briga na taberna; era ele, Gorne, na época com outro nome.

A legislação da época era muito precária quanto ao homicídio e encontrar o corpo de alguém assassinado, na beira da estrada, era um acontecimento banal e freqüente. Não havia respeito ao valor da vida humana e ocorriam mortes até por motivos fúteis, sem que as autoridades tomassem qualquer providência.

Na briga, Gorne estava prestes a ser atacado à traição e eu interfeiri, impedindo o ato covarde. Salvei-o de morte certa, mas me envolvi também no confronto. Lutamos lado a lado e vencemos a peleja. Apesar dos nossos ferimentos, matamos quatro dos adversários, mas fomos obrigados a fugir para não sermos presos, pois eles eram personagens de importância na sociedade local.

Surgiu assim estreita amizade entre nós e viemos a cometer muita patifaria juntos.

Quando ele me contou isso, não lembrei desses acontecimentos de imediato, mas aceitei-os como reais e, passado algum tempo, voltaram-me outras lembranças entre as quais as desse episódio.

Recuperava muito lentamente o meu equilíbrio mental.

Mas, continuei “hospedado” naquele casebre por um longo período, demasiadamente longo no meu entender...

Cansado de viver naquela sujeira e desconforto, já começava a ficar desarvorado, quando eles resolveram me transferir, junto com outros “hóspedes”, para um outro abrigo, alegando que já podíamos habitar um local de melhor qualidade e mais adequado ao nível de adaptação à situação de desencarnados que já alcançáramos.

O orgulho extremado, sentimento causador das minhas inúmeras atitudes erradas, além de motivador da tentativa de auto-extermínio, era a característica mais forte da minha personalidade; submeter-me tão docilmente aos maus tratos daqueles elementos rudes, ignorantes, era muito incoerente; mas eu estava sob profunda e constante perturbação psíquica, sentia-me como se estivesse embriagado, sem equilíbrio mental suficiente para agir de acordo com as minhas faculdades normais e, como faria uma criança perdida dos pais, deixava-os me conduzirem sem qualquer reação.

Tempos depois, recobrada a minha lucidez, perceberia que aqueles indivíduos eram pouco capazes e que eu poderia inverter a situação, isto é, trocar a minha subordinação a eles pela deles a mim.

Na ocasião da transferência para o novo local, já me sentia bem melhor; conseguia andar sem ajuda e pedir o que comer ou beber. E eles me atendiam, fornecendo o que eu solicitava ou indicando onde eu mesmo podia me servir. Pude, assim, acompanhá-los sem maiores embaraços.

Levaram-nos para um local que parecia um grande acampamento, cheio de pequenas cabanas dispersas no terreno e de aspecto muito superior ao dos casebres que nos servira de morada; eram construções aconchegantes, confortáveis e bem conservadas, em visível contraste com o antigo abrigo.

Ali, fomos acomodados.

Com muita freqüência, eles nos levavam a reuniões cuja finalidade, de início, não revelaram, alegando que descobriríamos oportunamente. Esses eventos eram chamados por eles de “reuniões para esclarecimento” e não nos permitiam recusar o comparecimento a eles. O local onde esses encontros ocorriam era um anfiteatro amplo, de arquibancadas circulares. Tinha uma plataforma no centro para onde éramos levados, um de cada vez, para sermos submetidos a longos e desagradáveis interrogatórios. As perguntas tinham sempre um objetivo comum: fazer-nos recordar os eventos da última vida corpórea. Exigiam que os descrevêssemos, ali mesmo, na frente de todos, detalhe por detalhe, sem se importarem com o constrangimento que o relato público de acontecimentos pessoais e íntimos pudesse provocar. Mas, não houve exceções – nenhum de nós deixou de passar por esse tratamento.

Nessas sessões, só davam ênfase às ocorrências que nos inspiraram rancor, revolta, vergonha, fazendo-nos recordar o mal que nos foi naquelas ocasiões.

Curiosamente, eles mostravam ter o conhecimento minucioso de tudo o que cada um passara. “*Você se lembra, amigo Fulano, daquele sujeito que agiu de tal maneira, perturbando acintosamente a sua moral? Você se lembra daquela mulher que não lhe foi fiel?*” E falavam de coisas muito íntimas, obviamente com o propósito de anular o nosso equilíbrio emocional. E sempre conseguiam nos fazer ficar muito descontrolados. Era comum alguém ter acessos de raiva, ao que eles reagiam com violência, dando empurrões, bofetadas, xingamentos, acusações ofensivas, deixando o indivíduo tremendo de ódio, muitas vezes chorando, impotente...

Eu mesmo passei por isso várias vezes.

O conhecimento dos pormenores da nossa vida demonstrado pelos inquisidores era muito estranho, mas ainda não tínhamos lucidez suficiente para notar isso.

Tudo era feito sem nenhum aparelho ou instrumento, apenas com argumentação. E eles eram eficientes nisso, porque conseguiam nos fazer contar episódios que nem queríamos lembrar da nossa vida particular. Falavam em tom de cumplicidade, mas com muita firmeza: *“Você lembra desse fato assim, assim?”* E nos sentíamos obrigados a descrever os detalhes do tal fato ali mesmo, na frente de todos, misteriosamente, como se uma força desconhecida nos impelisse a isso.

Se o interrogado se recusasse a obedecer, eles reagiam agressivamente, vociferando, entre outras coisas: *“Você não está procedendo como homem! É um covarde! Age como um maricas!”*, prosseguindo com o interrogatório, obrigando o indivíduo a falar, extraíndo aquelas lembranças doídas do seu íntimo, sempre intercalando a ação com instantes de alívio, nos quais lhe enalteciam o orgulho, instigando desejos de vingança, oferecendo apoio, cumplicidade: *“Você precisa recuperar a sua capacidade que é muito especial, de grande valor para nós. É uma pessoa séria e não merecia o que lhe aconteceu. Precisa obrigá-los a pagar por isso e nós o ajudaremos, vamos lhe dar o que for preciso para a sua desforra. Vai poder obrigar esses inimigos a sofrerem o mesmo que lhe fizeram!”* E voltavam insistentemente a pressionar o indivíduo para que continuasse com os relatos.

Era horrível e impiedoso. Eu que, às vezes, até chorava de tristeza ou de agonia, quando me submetiam a isso, ficava enraivecido, sufocado pela ânsia de me vingar daquelas pessoas pelas humilhações que me impuseram...

Apesar de não ter sido fácil, esse tratamento desagradável acelerou aos poucos, o reequilíbrio dos meus pensamentos, permitindo-me recuperar as faculdades psíquicas e deixar a condição de “alienado mental”, como eles me chamavam.

Os inquisidores evitavam propositalmente quaisquer lembranças de eventos felizes, pois isto diminuiria a nossa revolta, enfraqueceria os sentimentos negativos que queriam manter vibrantes no nosso pensamento. A finalidade desse tratamento era somente reavivar as lembranças do ódio pelos que nos tinham feito mal, intensificando o desejo de vingança que já aninhávamos na mente,.

Fui obrigado a participar de muitos desses encontros, algumas vezes assistindo a interrogatórios, outras na posição de interrogado.

Não é qualquer fato que pode abalar quem está perturbado por idéias de revolta; é preciso tocar-lhe profundamente o íntimo antes e foi isso o que eles fizeram nas vezes em que me interrogaram, forçaram-me a recordar ocorrências muito desastrosas daquela vida corporal por mim mesmo interrompida, como as situações prejudiciais a que meu avô e minha mãe foram submetidos, os golpes desferidos no meu orgulho pelo menosprezo das pessoas, a revolta pela minha condição social inferior, a repugnância pela assistência que me ofereciam... Desse modo, eles me fizeram relembrar cada contrariedade, cada momento consternador a que fora submetido. Mas, como consequência disso, me fizeram emergir vagarosa e progressivamente da perturbação, estimulando a recuperação gradativa do controle dos meus pensamentos, auxiliando-me, assim, a recobrar o equilíbrio mental destruído pela tentativa de auto-extermínio. Até então, não raciocinava direito; ora me sentia intensamente arrependido, ora ficava seguro de ter agido bem. Tudo me parecia confuso, sem sentido. Vivia constantemente em delírio e permaneci assim, profundamente atordoado, até recuperar lucidez suficiente para reconhecer-me suicida e desencarnado.

Vivia agora em outra realidade, muito semelhante à existência física anterior, mas de um outro mundo – o Mundo Espiritual.

Certa ocasião, quando as lembranças me voltavam à consciência, estava meditando sobre o acontecido desde o suicídio, quando me dei conta da estranheza de ter gritado por socorro naquela galeria por tanto tempo sem ninguém me acudir e eles terem aparecido de repente, inexplicavelmente, para me recolher.

Já sabiam que eu estava ali, naquela situação?

Consultei-os sobre isso e eles disseram que ouviram os gritos, resposta que me satisfez naquele momento, porém continuei a remoer intimamente os detalhes daquele episódio até concluir que eles tinham estado o tempo todo em contato psíquico comigo naquela vida corpórea que eu interrompera com o suicídio; isso explicava o recolhimento inesperado na galeria do bueiro e também o conhecimento minucioso dos eventos da existência deixada demonstrado pelos inquisidores nas sessões de “esclarecimento”.

Falei-lhes disso e eles confessaram ter sido assim mesmo o que fizeram; riram muito, zombaram de mim, me abraçaram calorosamente, alegando que esse modo de agir tinha por motivo a amizade que os ligava a mim.

Fingi me satisfazer com esta explicação. No futuro, iria tratar disso.

Quando eles consideraram satisfatório o estado da nossa lucidez, nos encaminharam para uma nova atividade. Teríamos instruções de influência psíquica, interferência mental, indução de atitudes, assim como tudo o mais necessário para o domínio dos pensamentos de quem nos causou malefícios, um verdadeiro curso de formação de influenciadores.

Nas aulas, para a demonstração das ações, sempre que possível, eram aproveitados vários acontecimentos reais do cotidiano dos encarnados; muitas vezes fomos conduzidos a locais da realidade material para assistirmos eventos adequados ao nosso aprendizado, nos quais observávamos as ações dos encarnados e dos desencarnados que interferiam psiquicamente nos seus comportamentos.

Os duelos estavam na moda naquela época; sua prática era muito freqüente. Muitos homens se enfrentavam em combates pessoais que geralmente resultavam na morte de alguém, sob o pretexto de defesa da honra, ou mesmo por alegações incoerentes, às vezes pueris, sempre motivados pelo orgulho dos contendores. Bastava, às vezes, um indivíduo olhar fixamente para um outro para que este, ou alguém em seu nome, o desafiasse para escolher local, hora e as armas, a fim de bater-se com ele. Isso era irrecusável e raramente alguém passava toda a sua vida encarnada sem se envolver em situações dessa natureza.

Os instrutores aproveitavam os desentendimentos para nos ensinar a instigar as pessoas a desafios que as envolveriam em disputas mortais. Levavam-nos para observar os confrontos armados – enquanto a luta ocorria na realidade corpórea, nós, da realidade espiritual, a assistíamos sem perder um só detalhe. Quando se tratava de alguém alvo do desejo de vingança de um de nós, fazíamos de tudo para que o seu adversário vencesse e, quando isso ocorria, capturávamos o recém desencarnado após o golpe mortal, a fim de entregá-lo à sua antiga “vítima” para a correspondente desforra.

Alguns dos abatidos nessas lições escapavam ao nosso assédio, isto é, desencarnavam e atravessavam o nosso cerco, ilesos – eram os protegidos pela Providência Divina, porque possuíam méritos para isso.

Nesse período, aprendemos várias maneiras de induzir as pessoas a cederem à nossa vontade, sempre aproveitando os seus defeitos morais. Se o indivíduo gostava de beber alcoólicos, devíamos oferecer-lhe uma convidativa dose bem forte; se fosse ciumento, induziríamos outro homem a dirigir um cortejo à sua mulher; se corrupto, promoveríamos chances tentadoras de lucro desonesto; ao sovina, faríamos sentir-se ameaçado de perda dos seus pertences; ao vaidoso, apontaríamos rivais mais populares... Como esses, foram-nos ensinados muitos outros processos geradores das condições favoráveis ao acesso mental dos indivíduos-alvo.

Nas Cortes palacianas, viviam pessoas ociosas em grande número. Sem nada útil a fazer, ocupavam a maior parte do seu tempo com intrigas, maledicência, disputas de prestígio; mulheres trocavam segredos e mentiras; homens tratavam das conseqüências dos mexericos, um cobiçando a mulher do outro, ou querendo brilho maior perante os

poderosos; inúmeros outros comportamentos eram convenientes às ações psíquicas interferentes dos malfeitores espirituais. Aquele que se aproximasse de uma pessoa com qualquer intenção inconfessável, favorecia o testemunho dos seus atos por alguém que poderia fazê-lo cair em desgraça e ambos se tornavam vulneráveis à ligação mental com agentes influenciadores. Nenhuma dessas oportunidades era desperdiçada.

Ao nos mostrarem as ocorrências, os instrutores restringiam as nossas observações a situações em que as atitudes justificavam de alguma maneira a atuação que nos ensinavam; não nos davam acesso às informações completas sobre cada caso. Isso era intencional, para não percebermos a natureza real daquelas ações ou, como acontecia em muitas situações, aproveitavam a nossa incapacidade de prestar atenção a muitos detalhes.

Todavia, apesar de tantas intrigas naquelas sociedades poderosas, havia atitudes reveladoras de muita nobreza de pessoas que, mesmo cercadas de ouro e poder, cultuavam sentimentos de elevada qualidade e agiam com bastante distinção. Os instrutores não incentivavam a observação deste tipo de atitude, mas nem sempre podiam evitá-la e percebíamos essas pessoas, mesmo as detentoras de alguma “brecha” na personalidade, ficarem imunes ao assédio mental, isto é, havia barreiras ao acesso à mente delas contra as quais nada era possível fazermos.

E não havia uma Corte palaciana só, eram inúmeras, espalhadas por todas as regiões do planeta; isso convinha à efetivação das inúmeras operações de assédio psíquico que ocorriam, muitas promovidas pelas equipes do grupo que nos acolhera.

Não tive conhecimento sobre a existência de outras organizações que atuassem dessa maneira nos palácios, entretanto muitas ações ocorriam em diferentes locais ao mesmo tempo e isso podia significar a ação de mais de uma coordenação na direção das tarefas. Nada fiquei sabendo a esse respeito. Esse assunto não foi, em nenhum momento, motivo de preocupação para mim e nunca soube de qualquer situação problemática causada por simultaneidade de atividades desenvolvidas por grupos diferentes no mesmo evento.

CAPÍTULO III

A PRIMEIRA LIDERANÇA

Foram muitas as instruções sobre técnicas de influência que tivemos, mas havia algumas que eu sentia não serem eficientes e, sem entender como fazia isso, concebia alternativas de ação com mais possibilidade de sucesso que as deles. Parecia que já tinha feito isso antes, pois essas idéias surgiam na minha mente automaticamente, sem que eu pudesse saber de onde elas vinham.

Por exemplo, quando fracassavam as tentativas feitas para conseguir acesso à mente de um indivíduo-alvo, os instrutores recomendavam o abandono da operação; entretanto, no meu entendimento, o elemento podia ser atingido indiretamente através do assédio psíquico em alguém com quem ele tivesse alguma ligação afetiva, como o filho, um amigo, o cônjuge, o irmão, a mãe, o pai, desde que esta pessoa fosse dotada de defeitos na personalidade, portanto vulnerável à influência psíquica; induzir a referida pessoa ao erro, tem grande probabilidade de gerar, no alvo principal, o comportamento favorável às condições adequadas para a sua influência mental pelos assediadores.

Na primeira vez que revelei essa idéia, os instrutores não a aceitaram, alegando ineficiência, mas, diante da minha insistência em fazerem um teste, resolveram aplicá-la e o resultado foi surpreendente, pois o indivíduo-alvo reagiu exatamente como eu previ.

Para armar um triângulo amoroso, por exemplo, eles ensinavam forçar um dos parceiros a se colocar em situação de desgraça de qualquer forma, a fim de provocar a revolta do outro e no meu entender era desaconselhável agir assim.

Supondo que o indivíduo-alvo fosse uma mulher casada, o certo seria fazê-la sentir confiança em outro homem, a ponto de não se importar em esconder o seu relacionamento extraconjugal com ele. Se receasse ser descoberta não deixaria ninguém se aproximar dela além do marido. Então, era preciso levá-la a um envolvimento intenso, criar um forte vínculo afetivo com o amante para que ela não tenha receio de ser flagrada no adultério. Conseguido isso, poderiam ser promovidas as condições emocionais adequadas para o cônjuge ser induzido a ser capaz de cometer um delito por ciúmes. Depois, era só armar uma trama sutil que provocasse o encontro simultâneo dos três e induzi-los ao completo desentendimento por interferência sugestiva no psiquismo deles, a fim de garantir a violência da explosão do conflito. Este processo podia ser empregado eficazmente na geração de escândalos políticos, envolvimento em situações comprometedoras e muitas outras ocorrências prejudiciais.

Todos se admiravam com essa idéia, enquanto elas eram muito óbvias para mim; estranhava eles não terem adotado esse processo, antes das minhas sugestões.

Enquanto ia recobrando a bagagem mental, recuperava também o antigo domínio das faculdades, aumentando gradativamente a minha capacidade de idealizar opções para melhores resultados, tanto nas operações que eles tinham dificuldade para realizar ou não conseguiam efetuar, como nas ações consideradas impossíveis até então, e os surpreendi muitas outras vezes com as minhas sugestões, aumentando o respeito deles pela minha habilidade nesses assuntos.

Passado algum tempo, vários elementos do grupo me consultavam sobre qualquer tarefa, deixando de procurar para isso o líder da equipe, gerando crescente rivalidade entre eles e os que preferiam prestigiar o chefe Gorne; ocorreram alguns conflitos e eu passei a cogitar na formação de um grupo separado sob o meu comando.

Revelei esse pensamento ao Gorne que reagiu, proibindo as consultas a mim.

A princípio, alegou estar me protegendo de problemas em nome da antiga amizade, mas acabou por me acusar abertamente de tentar usurpar o seu comando.

Houve um confronto entre nós, eu o venci e assumi o lugar dele na chefia da equipe, enquanto ele passou a ser meu subalterno.

Este episódio não teve grandes repercussões, nem gerou reações problemáticas, pois conflitos de opinião, disputas de poder e separações eram ocorrências freqüentes em todas as equipes. Afinal, todos ali eram orgulhosos. Disciplina, hierarquia, obediência, fidelidade, fatores indispensáveis à harmonia dos trabalhos em equipe, não tinham valor para eles. Assim, o meu comando foi rapidamente reconhecido por todos e assumi a minha primeira liderança no Mundo Espiritual.

Sempre que ocorre mudança no comando de uma organização, alguns subordinados, por terem mais tempo de trabalho que os outros no grupo, reivindicam o direito a novas posições; isso gera disputas, confrontos, discussões acaloradas e os ânimos precisam ser controlados até que todos se acomodem, nos diversos postos.

Enfrentei problemas desse tipo; se não conseguisse resolvê-los, teria sido deposto.

Também tive que lidar com atos de indisciplina, covardia, traição, tentativa de usurpação do comando – os elementos do grupo testavam-me a capacidade de liderá-los.

Além disso, havia os que aproveitavam o conflitos para se evadirem do grupo.

Era difícil manter constante o efetivo da equipe; ocorria muita perda de pessoal por diversos motivos, como deserção, transferência para outras organizações, captura de elementos por outros grupos. Mas também acontecia um fato curioso e desagradável: de

vez em quando, surgiam inesperada e secretamente espíritos que seqüestravam determinados elementos da equipe. Pareciam policiais recolhendo malfeitores procurados: apontavam certos companheiros nossos e estes os acompanhavam sem hesitar, atraídos por uma força irresistível, sem esboçarem qualquer reação.

Muito tempo depois, saberia que esses “seqüestradores” eram entidades espirituais de categoria moral que recolhiam aqueles elementos para encaminhá-los para novas encarnações, agindo em atendimento à intercessão de alguém junto ao Mais Alto.

Fui alertado sobre incursões como essas, mas só vi acontecer quando chegou a minha própria vez de ser recolhido, o que aconteceu depois de algum tempo na chefia daquele bando de malfeitores.

Mas, apesar de todas essas dificuldades, o grupo sob a minha liderança passou a mostrar maior eficácia nas operações, resultado do emprego dos métodos até então usados, alterados por modificações arquitetadas por mim, atraindo a admiração de uns e causando inveja em outros.

Éramos subordinados a um comando geral que nos cobrava, além dos resultados das operações de assédio prejudicial, o convencimento dos integrantes da organização sobre a indispensabilidade da cobrança das “dívidas” àqueles que lhes causaram algum mal. Era preciso, insistiam, promover a qualquer preço e com urgência o castigo dos “inimigos”, os mesmos apontados nas desagradáveis sessões de “testemunhos de grupo”. Não falavam em “vingança”, reconhecida como barbárie, mas em “fazer a justiça” e obedecíamos porque ardia, no nosso íntimo, a ânsia da desforra.

Foi-se passando o tempo e o meu grupo cada vez se destacava mais dos demais da organização. Os asseclas do “aleijado”, como apelidaram os meus comandados, estavam se tornando cada vez mais invencíveis. Ante esta forma pejorativa com que os elementos não integrantes da minha equipe se referiam a mim, ficava enraivecido, ferido no meu orgulho de líder eficiente, mas disfarçava o descontentamento, planejando intimamente desforra no momento adequado.

Certa vez, um determinado indivíduo me perguntou se acreditava no poder curativo das plantas, propôs fazer um tratamento com ervas no meu braço mirrado e fez uma série de aplicações de extratos vegetais no meu braço defeituoso.

Com a repetição persistente, o tratamento foi dando resultado, até a surpreendente recuperação total do membro afetado.

Para mim, aquela cura se dera pela aplicação sistemática daquelas substâncias; mais tarde, entendi ter sido o meu pensamento o verdadeiro restaurador do braço defeituoso – a ação das ervas fora pura sugestão.

Geralmente, depois do desencarne, o espírito demora em perceber que o pensamento pode comandar o corpo que continua com ele depois da morte, conforme a sua própria vontade. Nesse episódio da recuperação do meu braço, entretanto, isso ocorreu inconscientemente, pois fui sugestionado de forma muito eficiente.

A organização não contava só com indivíduos de condição intelectual inferior, mas também com espíritos de considerável saber, capazes de muitas realizações, como essa da recuperação do meu braço. No bando havia elementos intelectuais, pesquisadores, estudiosos, artistas, engenheiros, administradores, políticos, peritos em artes bélicas, médicos, juristas, técnicos em muitas áreas do conhecimento e muitos outros que, apesar de saberem tanto, não percebiam a natureza errônea das operações da organização. Eles estavam convencidos da vida continuar daquele modo indefinidamente, ideia resultante de auto-sugestão ou auto-hipnose. Assim, eles fixavam os pensamentos numa idéia e nesta concentravam todas as bases de qualquer raciocínio.

Comigo aconteceu assim também, porque não conseguia pensar em mais nada, a não ser em fazer sofrer os indivíduos que, no meu entender, tinham me tratado de forma humilhante, causando-me indizíveis sofrimentos.

Como os outros, ansiava pela chance da desforra.

Os mandantes da organização incentivavam essa fixação de idéias: *“Você foi injustiçado e tem que fazer com que a lei seja cumprida, o quanto antes! Não perca tempo! Faça logo o que é preciso fazer! Divulgue essa idéia entre os seus companheiros! A organização tem o aval da correção nas suas operações! Nós estamos com a razão! É indispensável fazer a justiça, antes que o tempo tire os inimigos do nosso alcance!”*.

Na verdade, eles cumpriam, sem se aperceberem disso, as necessidades de progresso dos indivíduos-alvo, presos ao mecanismo inexorável da Lei de Causa e Efeito. Mas, faziam crescer as suas próprias dívidas, criando sofrimentos futuros para si mesmos, como efeito das ações maléficas – puniam os devedores e seriam punidos por isso.

No curso de influenciadores, aprendemos também a interferir nas conversas entre os encarnados. Hábeis instrutores ensinaram como produzirmos alterações na entonação das vozes, a fim de fazer alguém se sentir ofendido, a mudar e truncar palavras para modificar o sentido das frases, a impedir a audição de palavras e declarações, tudo de forma a gerar desacordo e conflito entre os participantes dos colóquios.

O influenciador precisa ser sutil para não ser descoberto nas ações de interferência psíquica e nem todos têm esta capacidade, mas havia especialistas na organização com extrema habilidade nisso.

Hoje, inúmeras ocorrências têm peculiaridades semelhantes às das ações que nos ensinaram, mesmo que aprimoradas e modernizadas, indicando a possibilidade de ainda existir essa organização na atualidade. Observando com atenção, é possível reconhecer verdadeiras “cortes palacianas” nos sistemas de poder vigentes em muitas nações, onde intrigas e escândalos figuram no cotidiano, mesmo nos governos não monarquistas, assinalando prováveis envolvimento dos personagens por agentes espirituais inferiores.

Onde houver falha moral, existirá “tomada” para os agentes influenciadores efetuarem as suas conexões psíquicas interferentes.

As opções de procedimento arquitetadas por mim eram mais eficazes do que as preconizadas no curso.

Meu prestígio foi aumentou de tal modo que, passado algum tempo, espalhando-se a fama da minha grande habilidade como estrategista, os demais integrantes daquela quadrilha passaram a me procurar como se eu fosse o conselheiro-geral de todo o bando.

O comando da organização, do qual todos recebiam ordens, não via isso com bons olhos, mas a satisfação do sucesso crescente das operações fazia com que todos fingissem não perceber o que acontecia, aceitando secretamente a minha aproximação da chefia de toda a organização, função que, na verdade, eu queria assumir.

Enquanto isso, as vitórias nas tarefas de assédio mental da organização se repetiam sucessivamente, satisfazendo a todos. Eram cada vez mais raras as operações sem sucesso.

Em várias ocasiões, houve contato com outras organizações do Mundo Espiritual voltadas também para o mal. Quase sempre havia confrontos, pois existia muita competição, grupos que lutavam para sobrepujar outros, disputas de prestígio, de poder, de áreas de atuação, de vítimas, do mesmo jeito como ocorre atualmente com os traficantes de drogas, sempre empenhados em combates sangüinários para estabelecer, expandir ou defender as suas áreas de domínio.

A nossa organização esteve envolvida em muitos desses confrontos drásticos, em geral com aprisionamentos de elementos pelos dois lados. Diversas vezes precisei escapar de oponentes, ou os obriguei a fugir.

Na nossa equipe, apesar do respeito votado às minhas habilidades, muitas situações exigiram demonstrações de poder, a fim de provar a minha capacidade de aniquilar qualquer rebeldia e garantir o comando do grupo sem contestações. E eu tomava as providências necessárias para controlar os ânimos exaltados, conforme as características dos elementos envolvidos. Os ignorantes exigem de quem quer liderá-los poderes superiores aos seus, para se submeterem e nisso eu os superava com facilidade. Entre os componentes de qualquer grupo, sempre há elementos que podem mudar de idéia apenas com argumentação, enquanto é preciso o exemplo para outros, mas há indivíduos para os quais nem mesmo isto basta; a estes é necessário métodos de persuasão violentos. Muitas vezes precisei aplicar castigos cruéis para manter o controle da equipe e, mesmo assim, nem sempre pude conseguir tudo o que queria deles, principalmente por causa das interferências do comando superior. Mas também isso consegui superar, pois passei a buscar a cumplicidade de algum elemento mais influente na organização, quando ocorriam ações de rebeldia na equipe.

Não passou muito tempo para que Gorne, o comparsa de outras épocas, se sentir incomodado em ser meu subordinado. Éramos amigos, enquanto estávamos em iguais condições e ele podia me fazer determinações, mas, quando passei a usufruir de maior confiança geral, ele se retirou do meu grupo. Não nos tornamos inimigos, mas ficamos incompatíveis, assumindo ele a liderança de outra fração, enquanto eu chefiava a minha, sob a coordenação do comando geral, cada um executando as suas tarefas de acordo com as ordens superiores. Usávamos técnicas e métodos próprios; ele era mais chegado ao ouro, às compensações econômicas, enquanto eu preferia as questões emocionais, mas reinava acima de nós os interesses da organização.

Era muito difícil para qualquer indivíduo manter-se por período demasiadamente longo na direção de atividades como as daquela organização; passado algum tempo situações inesperadas impõem a sua substituição, gerando costumeiramente algum tipo de problema para o conjunto. (((????)))

Todos, sem exceção, são vigiados constantemente pela Providência; os que se ocupam do mal não gozam de total liberdade de ação, pois os Prepostos Divinos interferem nas suas ações, se e quando necessário, obedecendo à vontade do Criador que tudo sabe e a tudo preside.

Comigo não foi diferente, passado algum tempo na posição de chefia e prestígio, fui também “capturado” por tarefeiros do bem, a fim de ser encaminhado a uma nova encarnação, muito antes de isso ocorrer com o líder supremo da organização.

Na verdade, não fui capturado, porque os meus supostos captores, respeitando-me o livre-arbítrio, apenas me convidaram amavelmente para acompanhá-los, mas não pude resistir à superioridade moral deles e os segui automaticamente, sem nem pensar em esboçar qualquer reação.

A Providência Divina atua em todos os acontecimentos, com o intuito de aproveitar qualquer ato, mesmo errado, para atender à Justiça Maior. Tudo é observado pelo Criador, da pulsação das microscópicas partículas subatômicas até o mover interminável das imensas galáxias no Universo infinito e tudo o mais. Por isso, é impossível alguém receber o que não merece; o tormento pelo qual passamos vem das nossas próprias ações, feitas de modo a sermos envolvido nele. Mas são inúmeros os recursos para minorar qualquer sofrimento conseqüente desses desatinos, mas se encontram apenas no viver o bem, no bem e para o bem.

Agir deste modo é o que desprezamos continuamente e deixamos de beneficiar a nós próprios em obediência cega às fraquezas morais como o egoísmo, o orgulho, a vaidade etc.. Toda sagacidade que poderíamos empregar no bem é usada no mal, pondo a perder,

assim, os tesouros da paz e deixando de construir a nossa felicidade nas moradas que habitamos conformes com o nosso progresso espiritual.

Roguemos a Deus que, com a Sua misericórdia infinita, permita os companheiros espirituais mais esclarecidos nos mostrarem sempre o necessário a fazer e a refazer, com a competência que os caracteriza, apontando os caminhos a serem percorridos na busca da plenitude.

Todos os indivíduos que, em alguma época, ajudamos a desamparar serão nossos tutelados no tempo certo e aqueles para cujos crimes contribuímos de algum modo, dependerão de nós para conseguirem amparar, por sua vez, os vitimados por eles.

Deus instrui os que já podem entender, concede-lhes a possibilidade de serem Seus secretários no amparo aos responsáveis pelo progresso espiritual das Humanidades, orientando-os na condução e esclarecimento dos seus tutelados.

CAPÍTULO IV ENCARNAÇÃO RESTAURADORA

Movida pelo grande amor que me devotava Lísia, minha mãe querida, já em posição de maior elevação espiritual, suplicou aos Enviados da Luz que me removessem daquela oficina do mal e conduzissem a uma vida corpórea capaz de me favorecer o reequilíbrio do corpo espiritual, intensamente desarmonizado pelo ato suicida.

No nível de progresso em que estamos ainda não temos bastante auto-suficiência para, sem ajuda, realizar a nossa elevação espiritual; ainda precisamos do amparo dos abnegados trabalhadores do bem para isso. Por isso, bondosos tarefeiros espirituais foram me remover daquele ambiente, onde eu estava cometendo crimes e induzindo outros espíritos a feitos inconfessáveis, interrompendo a corrente de cometimentos errôneos que já avultavam as minhas dívidas perante a Justiça Maior.

Eles eram três indivíduos, incrivelmente belos, dois rapazes e uma garota.

A elevação moral garante a subordinação incondicional dos menos evoluídos; o desejo manifesto de um espírito mais adiantado na escala do progresso geral é uma ordem irresistível para os que lhes são inferiores. E estes tarefeiros eram muito superiores a mim.

Conduziram-me, então, a um veículo onde já se encontravam outros “convidados”, dois homens e duas mulheres desconhecidos para mim. Eles ostentavam deformidades semelhantes às que eu ainda tinha, isto é, lacerações, hematomas, escoriações, feridas abertas e sanguinolentas, o que me fez concluir terem suicidado também.

Não reparei no aspecto exterior do veículo, mas o interior era espaçoso, confortável, iluminado e agradável. Talvez fosse movimentado por princípios magnéticos, pois não havia ruído de motores. Curiosamente, também não tinha qualquer aparato visível que servisse de comando, isto é, completa inexistência de volante, pedais, instrumentos, alavancas, botões, mostradores ou outros órgãos utilizados na pilotagem conhecida.

Depois de nos acomodarem, enquanto dois dos tarefeiros espirituais, como se fossem guias de turismo nos distraíam com informações sobre o itinerário percorrido e a percorrer, pareceu-me que o terceiro se encarregou do necessário para mover o veículo cujo deslocamento ocorreu com uma rapidez vertiginosa, incomparável à de qualquer outro transporte que eu conhecesse; não era com velocidade comparável à da luz, uma vez que conseguíamos observar as paisagens do percurso, mas era muito grande.

Passamos por muitos locais; alguns eram lúgubres, nevoentos, onde havia espíritos agindo como se estivessem enlouquecidos, contorcendo-se, gritando apavorados como se ameaças terríveis os atormentassem; outros lugares eram bonitos, agradáveis à vista,

fazendas, pastagens, plantações, pomares, pessoas agindo normalmente, caminhando e cumprindo afazeres de diversas naturezas; vi também montanhas, florestas, lagoas e muitos outros ambientes.

Após algum tempo, chegamos ao destino, um local que me pareceu um campo universitário, com grandes áreas arborizadas, pátios amplos, pavilhões de vários pavimentos dispostos em caprichosa simetria, tudo com uma arquitetura agradável e aparência de muito conforto.

Os nossos ciceroes nos conduziram a acomodações situadas em locais diferentes para cada um de nós. A mim informaram que, onde eu ficaria, teria acesso a vários recursos próprios para o meu reequilíbrio psicológico e a melhoria vibracional do meu perispírito, fatores que diziam serem indispensáveis à minha preparação para a reencarnação.

Mostraram-nos várias instalações destinadas aos tratamentos dos suicidas separadas conforme o processo do ato fatal, ou seja, uma para afogamento, outra para envenenamento, outra para enforcamento, outra para tiro na cabeça etc.. E, em todas, notei muitos pacientes, curiosamente em número inferior ao de atendentes que, em média, eram três para cada atendido.

De mim, cuidaram os mesmos indivíduos da "captura", a moça e os dois amigos, cujos nomes não me deixaram saber, mas que estiveram comigo quase o tempo todo da minha permanência ali, raras vezes revezando-se com outros espíritos, quando havia algum impedimento à presença deles junto a mim.

Depois de um pequeno período de repouso, conduziram-me a uma sala, onde tinha um equipamento desconhecido para mim e fui esclarecido dele ser próprio para expor lembranças numa tela, um projetor especial que seria usado em socorro à minha memória, numa terapia com a mesma finalidade daquele sistema rude e agressivo usado pelo grupo que me acolheu depois do suicídio. Mas o tratamento dos meus atendentes foi muito diferente: comportaram-se com muita delicadeza, bondosos, pacientes e tolerantes.

Entretanto, mesmo sendo tratado assim, reagi muito, porque não admitia a condição de reencarnante, rebeldia que era totalmente inútil perante a superioridade moral dos meus inquisidores. Protestava veementemente, mas não conseguia deixar de obedecer a nenhuma das suas sugestões. Diziam bondosamente: "*Você, meu irmão, não gostaria de beber um pouco desta água?*" e era como se me ordenassem engolir logo a água toda, o que eu fazia instintivamente.

Nesses momentos, eles apenas comentavam gentilmente que qualquer reação teria o efeito de causar muitas dores a mim mesmo, pois eu me recusava a aceitar o que era para o meu próprio bem. E, invariavelmente, acabava cedendo às vontades deles, impotente, contrafeito, sem a menor vontade de atendê-los.

E a terapia continuou...

As projeções dos meus pensamentos no aparelho forneceram uma retrospectiva detalhada da minha última vida corpórea.

Aqueles episódios certamente eram já do conhecimento deles. Por serem espíritos mais evoluídos, tinham acesso aos registros da minha mente, como se lessem num livro aberto. Portanto, não necessitavam da minha narrativa e, na verdade, eu é que era beneficiado ao recordar todos os meus feitos, os errados e os certos, daquela fase física da minha existência.

Depois desta etapa, como acontece em todas as encarnações, uma outra equipe constituída de entidades espirituais de competência indiscutível, autorizados pela Vontade Divina, planejou os acontecimentos principais da futura encarnação, orientados de modo a gerarem as melhores condições para a normalização do meu corpo espiritual.

As emoções desequilibradas da minha intenção de autodestruição, acrescidas da perturbação dos acontecimentos que se seguiram e das lesões físicas resultantes do ato fatídico produziram grandes desajustes no campo vibratório do meu perispírito; a correção dessas anomalias era indispensável para permitir uma nova encarnação normal de provas e expiações, sem risco de ser submetido a sofrimentos desnecessários ao meu progresso.

A regularização do estado vibratório do corpo espiritual do suicida é proporcionada por uma encarnação reparadora, ou mais de uma se necessário, que deve ocorrer após o ato de auto-extermínio, para que o perispírito, no desempenho da sua função modeladora do corpo material durante a gravidez, produza melhorias nas suas próprias condições vibracionais.

O desequilíbrio do corpo espiritual faz com que essa encarnação seja cheia de problemas de saúde orgânica, manifestados ainda durante a gestação no ventre materno, gestação essa que poderá ser prematuramente interrompida ou seguida de complicações depois do parto e infância cheia de graves enfermidades.

Acontece isso por causa da transferência das anomalias para o arcabouço físico, durante a formação deste, que o perispírito efetua, em forma de deficiências orgânico-físicas, a fim de que o espírito se liberte delas ao desencarnar.

A minha reentrada na vida corpórea foi, então, uma encarnação compulsória, por que, em vista dos meus feitos, da minha inferioridade e ignorância sobre as finalidades reais da vida física, não havia como levarem em conta a minha opinião, além do que eu não tinha méritos que justificassem outro modo de agir; todo o favorecimento com que me premiavam se devia apenas à súplica de Lísia aos escalões superiores da vida.

A Providência Divina nos oferece constantemente os recursos necessários para o nosso progresso, mas quase sempre os recusamos, achando que somos capazes de vencer as dificuldades por nossa própria conta, pretensão resultante do amor próprio exagerado, distorcido e teimosamente cultivado no nosso caráter.

Impossibilitada de ser minha genitora, Lísia recorreu a uma mulher encarnada, detentora de qualidades especiais, e lhe propôs receber-me como filho, para que eu regressasse à realidade física em condições favoráveis aos objetivos daquela encarnação.

Chamava Moira e tinha vínculos de antigos compromissos comigo, assim como Lísia e os demais elementos do grupo que tinha me acolhido depois do suicídio também.

Encarnados e desencarnados, formamos uma grande família, colaborando uns com os outros na satisfação mútua das necessidades de ajuste. De vez em quando, um de nós se atrasa em relação ao progresso dos demais e se afasta como foi o meu caso, mas não é abandonado à mercê dos próprios enganos; os que avançam na escala evolutiva se esforçam pela sua recuperação.

Moira, mulher simples, de quase nenhuma condição financeira, passava por dificuldades diversas com o marido e os filhos. Aceitara me conceber no seu ventre, porque sentia que assim poderia reparar algo do seu passado. Seus cinco filhos davam-lhe já muito trabalho e, como se isso não bastasse, o marido, um lenhador, se entregava com muita facilidade a coisas mundanas, negligenciando freqüentemente os deveres familiares. Ela já vivia sobrecarregada pelas pesadas responsabilidades da criação da prole e ele ainda acrescentava a isso as preocupações das necessidades materiais do lar. Não foram poucas as ocasiões em que Moira precisou prestar serviços muito humildes, para obter os recursos da sobrevivência familiar.

Quando foi convidada pelos benfeitores espirituais para mais aquele encargo, o de ser minha mãe, ela hesitou em dar a sua aceitação. Entretanto, os bondosos promotores do encontro, além de lhe prometerem o apoio incondicional deles, lembraram-lhe a sua dívida comigo, vínculo que facilitaria a nossa convivência. Moira não se recordava disso, pois,

ligada ao corpo físico, trazia despertas na mente apenas as lembranças necessárias às ocorrências daquela encarnação, enquanto as demais permaneciam abafadas, latentes na memória espiritual, à espera de eventos que provocassem a sua vinda à tona.

Os benfeitores espirituais descreveram-lhe, então, o que aconteceria comigo e com os demais participantes do meu futuro convívio familiar, se ela aceitasse o encargo, sem deixarem nada ao improvisado, nem medirem esforços para tudo ficar completamente esclarecido, permitindo-lhe antever realizações grandiosas, possíveis ainda naquela vida corpórea. Conhecedores do drama que ela já carregava, eles aproveitavam a oportunidade para favorecer o seu progresso, possibilitando-a gerar, em seu próprio favor, muitos louvores e méritos resultantes daquela experiência de abnegação e devotamento.

Iria ser uma oportunidade valiosa de crescimento e, compreendendo isso, ela não viu mais motivos para se negar à tarefa.

Toda esta fase de preparação reencarnatória durou cerca de quatro anos, desde o meu resgate do bando de malfeitores até o início da nova etapa corpórea.

Aproximando-se o momento da concepção do arcabouço físico, submeteram-me ao abafamento progressivo da memória, enquanto amorteciam as vibrações do meu perispírito, tornando-o cada vez mais denso, até atingir as condições adequadas ao contato com a materialidade da existência física e, no instante da concepção, fui ligado ao óvulo fecundado gerador do corpo físico de que me serviria na vida corporal ali começada.

Moira achava que seria uma gravidez curta e não foi isso o que ocorreu, mas ela não recuou na sua decisão – a grande dificuldade das minhas deficiências foi acrescentada aos problemas que já enfrentava.

Depois que tudo passou, Moira ficou muito feliz por ter aproveitado tão valiosa oportunidade, ciente de ter me ajudado, resgatando antigas dívidas existenciais, o que lhe foi muito gratificante e, apesar de não ter feito o suficiente para compensar integralmente os prejuízos que me causara no passado, conseguiu me proporcionar um imenso benefício.

O espírito precisa do envolvimento com os indivíduos a quem deve para resgatar compromissos contraídos com o mal que lhes causou em tempos de insensatez, através do bem que lhes proporcionar, do contrário, não poderá alcançar a própria felicidade.

Fui o seu sexto filho, o último e mais problemático daquela sua vida corpórea.

O marido era detentor de poucos princípios morais, não era responsável como ela, mas os dois estavam juntos para ajustar certas contas.

De início, quando ele soube da gravidez, ficou indignado e se recusou a aceitá-la, alegando não terem capacidade de receber mais um na família. Com o que iriam alimentar um filho a mais além dos que já lhes davam tantas dificuldades?

Moira o convenceu a mudar de idéia. Às vezes, apesar das suas falhas morais, curiosamente, ele se curvava ante a vontade dela.

Naquela época, não havia recursos médicos para a assistência adequada à gestação; quando muito, alguém que sabia um pouco sobre o poder curativo das ervas, aconselhava chás, repouso, banhos e nada mais.

Moira sofreu muito, durante toda a gravidez, mas as bondosas entidades espirituais que lhe haviam prometido apoio estavam vigilantes e a amparavam, cuidando para a oportunidade não ser desperdiçada.

Durante toda a gestação, permaneci completamente inconsciente; houve várias ameaças de aborto, obrigando Moira a ficar acamada, em repouso por longos períodos, impedida de cuidar dos outros problemas pelos quais a família passava.

Nasci um bebê cheio de deformidades, tantas que só uma pessoa muito abnegada poderia me aconchegar ao colo, mas Moira fazia isso com incomparável ternura.

Qualquer mãe anseia por um recém nascido saudável e bonito, mas eu era muito deformado e de aspecto bastante desagradável.

Na primeira vez que me viu, aquela mulher sofrida ficou em estado de choque; precisava estar muito consciente do seu compromisso maternal para aceitar uma criança como eu e ela ficou apavorada, impotente, sem conseguir imaginar o que ia fazer. Mas, passado o primeiro impacto, ela foi se acostumando gradativamente a gostar de mim, uma criaturinha frágil e indefesa que acabou conquistando a sua ternura incondicional.

Algumas pessoas lhe disseram que não seria condenável se desfazer de uma monstruosidade como eu; achavam justo ela poupar-se dos sofrimentos a que forçosamente se submeteria se me abrigasse no seu lar. Entretanto, Moira recusou-se a dar ouvidos à essa sugestão delas.

A minha infância foi cheia de transtornos; sofria enfermidades diversas, deficiência respiratória e vários outros problemas orgânicos, tudo agravado pela ausência de recursos na época e o quase nenhum conhecimento dos que cuidavam de mim, às vezes ministrando tratamentos mais prejudiciais do que benéficos à minha já delicada saúde.

Era uma criança muito problemática, com inúmeras deficiências, dificuldade em satisfazer as minhas necessidades fisiológicas, me alimentar, me locomover – precisava de ajuda para tudo. Não falava, só conseguia emitir grunhidos ininteligíveis, ruídos que só Moira entendia.

Às vezes, ela me aconchegava ao colo, pedindo perdão a Deus pela sua fraqueza e suplicando forças para prosseguir com aquela maternidade. Nesses momentos, se enchia de esperança, seu afeto por mim crescia e me estreitava mais nos braços, murmurando frases carinhosas... E eu entendia cada palavra dela, cheio de gratidão por tudo o que me fazia e isso transparecia no meu olhar de algum modo, pois ela dava mostras de percebê-lo claramente sempre que me abraçava.

Aos poucos, fui recuperando a lucidez dos pensamentos, saindo daquela letargia mental. Sentia uma vaga impressão de alguma coisa conter as minhas faculdades normais, impedindo o seu uso. Estava aprisionado num corpo limitado, com as capacidades espirituais não diminuídas, mas impedidas de se manifestarem, ainda que de forma parcial, latentes, abafadas, embotadas...

Quando necessário, o organismo físico incapaz funciona como um cárcere, negando liberdade às tendências do indivíduo. Isso o impede de agir de forma condenável, gerando prejuízos ao objetivo da encarnação.

Era o que ocorria comigo; mas, em meio a toda a fragilidade, tinha a clara intuição de ser indispensável agir com muita docilidade para garantir a boa vontade das pessoas de cujo amparo dependia.

Sempre que podia, Moira improvisava brinquedos artesanais rústicos com linhas, trapos, sementes, gravetos e me distraía com eles, feliz e agradecido, enquanto meus irmãos me evitavam com receio de causar algum dano, se precisassem mexer em mim e por não conseguirem entender os meus gestos e grunhidos.

Certa vez, o mais velho deles, já aprendiz do ofício do nosso pai, se queixou à mãe do tratamento especial que me dava, reclamando que ela parecia não gostar mais dele e dos outros irmãos, uma vez que só dava atenção a mim. Foi difícil para ela convencê-lo da necessidade de ser necessário assim, pois eu era o mais frágil, afinal.

No auge do descontentamento pelas dificuldades de ter uma criança tão doente na família, meu pai externou certa vez o desejo de me abandonar no mato.

Na verdade, ele não era o único a pensar que isso seria melhor para todos, mas queria fazer isso pessoalmente.

Moira, indignada, o demoveu severamente desse intento. Ele tinha um sem número de defeitos, mas ela conseguia, às vezes, fazê-lo atender às suas vontades, coisa rara numa sociedade em que as mulheres não tinham direito à voz ativa perante os homens. Embora nem sempre a obedecesse, ele não a contrariava em certas situações especiais, como essa certamente era.

Um padre também propôs a Moira que se desfizesse de mim, como se eu fosse um objeto imprestável e ela ficou profundamente indignada, estendendo a sua revolta à instituição que ele representava – a Igreja Católica.

Isso a atrapalhou muito. Não teria passado por várias das dificuldades que precisou enfrentar, caso não tivesse se importado tanto com essa sugestão infeliz.

A Igreja, na época, tinha muita força, coroava reis, condenava nobres e soberanos. As pessoas mais simples só podiam se curvar perante uma instituição com tanto poder. Discutir com um sacerdote era inadmissível, podendo resultar em punições bastante severas.

Contudo, Moira foi sempre muito amparada pelos companheiros espirituais que lhe prestaram o seu apoio eficaz, possibilitando-lhe dar conta das suas obrigações maternas, durante os pouco mais de cinco anos de duração da minha encarnação, nos quais o seu tempo foi praticamente todo dedicado a mim, sem ter abandonado os outros filhos.

Os ganhos do nosso pai eram diminutos, insuficientes para o sustento da família e inúmeras vezes, ela precisou contar com a ajuda dos vizinhos. A incoseqüência dele trazia muitos dissabores à família; se enchia de dívidas e os cobradores invadiam o nosso casebre, subtraindo, entre ameaças e agressões, as míseras moedas economizadas com sacrifício, agravando as já grandes dificuldades pelas quais passávamos.

Mas Moira era uma mulher de fibra. Deus concedeu a ela forças suficientes para atender também aos filhos e a ele, em especial, além de, suportando corajosamente todos os problemas, conseguir me prestar a sua assistência carinhosa, até que aquela minha existência corpórea terminou.

Esta verdadeira heroína, além dar conta dos meus cuidados, conseguiu preparar os meus irmãos para assumirem as responsabilidades próprias das suas vidas e, a partir de certa época, devotou-se com exemplar abnegação à assistência do marido, quando este, por sua vez, precisou acamar-se adoentado.

Só quando estava já gravemente enfermo, à espera da desencarnação, tempos depois do meu retorno ao Mundo Espiritual, ele reconheceu a sua negligência no apoio à sua família e especialmente a ela.

Moira se dedicou exclusivamente ao cuidados do marido, durante cerca de quatro anos, até a sua morte. Depois, chegou o momento dela, feliz por ter aproveitado a oportunidade de saldar os seus compromissos com o companheiro, também regressar à Pátria Maior – tinha cumprido com sucesso, dentro das suas limitações, os deveres daquela vida corpórea.

Eu, com quase cinco anos de idade, desencarnei antes que se completasse o meu ajustamento àquele corpo físico, com bastante das anormalidades do meu perispírito restauradas.

Do mesmo modo como alguém todo queimado que, de repente, tivesse o corpo untado com um bálsamo para tirar-lhe completamente a dor, ficar livre finalmente do corpo incapaz, depois de um período tão difícil, fez-me sentir um alívio imenso, indescritível.

Felizmente tudo acontecera conforme o planejamento feito pelos nossos benfeitores espirituais; os problemas pelos quais passara equilibraram as condições do meu corpo

espiritual o suficiente para permitir a possibilidade de ser encaminhado para uma etapa corpórea de provas e expiações que me favorecesse a retomada do progresso espiritual.

Fora uma encarnação restauradora bem sucedida.

CAPÍTULO V PRECIOSA CHANCE

Tão logo terminou a operação do meu desligamento integral do arcabouço de carne, fui conduzido a uma enfermaria infantil, onde permaneci internado algum tempo.

Estava com menos limitações, mas ainda deficiente. Passava muito tempo chorando desconsolado, a chamar repetidamente pela minha mãe, porém já não grunhia e conseguia me fazer entender melhor. Sentia-me ainda como uma criança de pouca idade na realidade do Mundo Corpóreo. Esta impressão persistiu por algum tempo, assim como a de precisar beber, comer, dormir e outras mais próprias de uma criança encarnada.

No Mundo Espiritual não há bebês, jovens ou idosos, exceto os indivíduos que ainda não se adaptaram completamente à realidade para a qual foram transferidos com a desencarnação. Nele, os espíritos não sofrem as mudanças físicas da idade próprias do corpo material; a aparência com que se apresentam é a que lembram ter e o perispírito reflete as suas impressões fielmente; desencarnando na infância, na juventude ou na velhice, eles assumem temporariamente o aspecto correspondente e gradativamente se adaptam à situação de desencarnados e recuperam a forma de seres humanos adultos.

Assim acontecia comigo, mantinha o aspecto de uma criança de cinco anos de idade, mas fui mudando gradativamente os meus pensamentos, ajudado por entidades bondosas. Em apoio às minhas dificuldades, os meus atendentes espirituais, além de me aplicarem energias regeneradoras, me induziram algumas vezes a recordar certos acontecimentos de vidas progressas. Agiram sempre com carinho, mas persistiram nessa forma de agir até eu voltar a ter a aparência de antes daquela encarnação, despojado agora de muitas das deformidades produzidas pela tentativa infeliz de auto-extermínio – nada mais de feridas sanguinolentas ou de lacerações e fraturas.

O equilíbrio da mente aumenta o controle do indivíduo sobre o seu perispírito, permitindo-lhe livrar-se de defeitos morfológicos úteis apenas às suas necessidades existenciais. No meu caso, as deformidades haviam cumprido a sua finalidade na encarnação deixada para trás e ficaram no corpo físico do qual me desligaram.

Passada essa fase, os mesmos três meus acompanhantes desde o resgate do antigo ambiente de crime me submeteram, certa vez, a uma série de perguntas, para avaliarem o nível de normalidade do meu psiquismo. Sondaram-me as impressões sobre a minha situação real, analisaram os meus sentimentos e o que lembrava daquela última vivência na carne; discutiram os resultados e concluíram que eu estava em condições de administrar um corpo físico normal; poderia, portanto, ser encaminhado para uma encarnação expiatória, a fim de diminuir as imperfeições da minha personalidade.

No nível de evolução em que me achava, tinha ainda muitas restrições e concordar em afastar-me do caminho do mal não significava realmente um crescimento efetivo; enfraquecera o anseio da vingança, mas querer passar a trabalhar pelo bem era outra coisa; este desejo quase não tinha nenhuma força no meu íntimo ainda.

Da mesma forma que alguém escravizado a um vício e se livra momentaneamente dele, mas retorna à prática prejudicial, porque a sua vontade de parar com isso não é forte o suficiente, eu estava ainda propenso a repetir os mesmos erros, enquanto não concretizasse a reforma efetiva dos meus sentimentos.

Na nova encarnação, conforme a programação feita, as situações iriam ser de natureza favorável ao enfraquecimento da minha tendência para o mal.

Lísia seria a minha genitora de novo e, para isso, ingressou na vida material antes de mim que permaneci em tratamento na realidade espiritual, recebendo instruções até chegar o momento de encarnar também.

Depois que ela nasceu e atingiu a juventude, os meus três assistentes dedicados passaram a me levar para visitá-la, mais ou menos rotineiramente, sob a sua vigilância cuidadosa.

A vida corporal de Lísia era cheia de riqueza moral. Suas condições materiais eram modestas, isto é, sem a fartura que costumamos valorizar tanto, mas com os recursos adequados ao sucesso da minha encarnação como seu filho.

Costumava ir vê-la no jardim da sua casa.

Os meus acompanhantes garantiam-me que ela seria a minha genitora, enquanto cuidavam do necessário para eu poder estar com ela, sempre que fosse possível.

Lísia, por sua vez, tinha alguma percepção da minha presença perto dela, pois se mostrou um pouco assustada nas primeiras vezes; depois, se acostumou com a minha companhia e me procurava mentalmente, quando pressentia a aproximação.

Íamos os quatro, eu e os meus três orientadores. Vez por outra, um deles recebia outra incumbência e era substituído, mas quase sempre eram eles que me acompanhavam.

Entretanto, durante a fase da preparação encarnatória, com novos esclarecimentos a mim fornecidos, aumentou a minha capacidade de análise, surgindo-me na mente alguns questionamentos desagradáveis. Tinha recobrado um pouco do equilíbrio mental, já conseguia recordar muita coisa do passado, mas a maioria das lembranças me pesava enormemente na consciência.

Isso não foi conseqüência das ações dos meus orientadores, pois eles não faziam nada que pudesse ameaçar o sucesso do empreendimento reencarnatório planejado. Obedientes à Lei Divina que determina a ausência de qualquer constrangimento à liberdade de escolha do espírito, faziam com que as reações dependessem exclusivamente da minha vontade. Assim, eu tinha a consciência completamente livre; nela estavam aquelas dúvidas; o pressentimento do fracasso e uma sensação de perigo cresciam no meu íntimo.

Os amigos espirituais, percebendo a minha aflição, insistiram para que eu não fraquejasse; aquela oportunidade era de grande valia; seria muito difícil conseguir outra tão benéfica, tão redentora...

Mesmo assim, o remorso se avolumava dentro de mim, crescia cada vez mais o medo de enfrentar as conseqüências das minhas inúmeras faltas graves passadas. Sabia que a Lei se aplicava em todas as ações e a todos os seres sem exceção: todo ato gera um efeito de mesma natureza que retorna para o seu autor, atenuado ou agravado pelas circunstâncias do cometimento.

A perspectiva das cobranças que me seriam feitas naquela encarnação me apavorava.

A Providência Divina interfere nesse processo, controlando a severidade da ação de retorno para o culpado, conforme o seu merecimento, a sua capacidade de suportá-la e de aprender com ela. Os assistentes tinham me ensinado isso, mas eu tinha dúvidas.

Analisei as encarnações passadas e me enchia de remorso. Suicídios, assassinatos, estupros, violações, torturas, traições, conspirações, além de muitos outros crimes mais, constavam da lista dos males ocorridos com a minha autoria, com o meu auxílio ou por minha ordem e o confronto inevitável com as conseqüências me deixava muito apreensivo.

Mesmo sabendo disso, os tarefeiros da Espiritualidade deram início às diversas providências necessárias à preparação da minha entrada na nova etapa de vida corpórea.

A regra geral preceitua a indução do encarnante, especialmente quando é pouco evoluído, a um sono letárgico, com o amortecimento das suas vibrações psíquicas e o abafamento da memória, antes do momento da sua ligação ao corpo.

Entretanto, chegando o momento da fecundação da célula inicial do meu futuro corpo físico, eles me conservaram lúcido, com o propósito de me beneficiarem com o esclarecimento resultante disso.

Todo este processo é realizado por espíritos capacitados, orientados por entidades superiores que, conhecedores das necessidades evolutivas do encarnante, supervisionam e coordenam criteriosamente todas as fases da preparação da encarnação.

Mas a dúvida ainda me afligia teimosamente...

Na ligação do espírito à célula inicial do corpo físico, é feita uma única tentativa, porque o processo é muito complexo, exigindo uma quantidade elevada de providências especiais. Se aquela oportunidade não fosse aproveitada, seria muito pouco provável conseguir outra em pouco tempo.

Isto aumentou mais ainda o meu receio.

Eles me estimulavam com frases de entusiasmo, confiança, garantias de amparo divino e eu continuava temeroso. Como teria fé na ajuda da Providência Divina, se nem conseguia confiar em mim mesmo? Fizera as minhas contas – as dívidas a resgatar eram grandes demais –, não me sentia forte o suficiente para resgatá-las, não me sentia capaz à altura das dificuldades a serem enfrentadas.

Lutava contra a apreensão e o desânimo, esses opressores inclementes, inutilmente.

E assim me sentia quando ocorreu a minha ligação ao óvulo fecundado gerador do meu arcabouço físico; no meu pensamento só havia lugar para o temor que enfraquecia o meu vínculo com o organismo físico em formação. O meu perispírito promoveria a moldagem daquele corpo instintivamente, mas o potencial do meu livre-arbítrio me permitia recusar a encarnação e, entregue totalmente à fraqueza psicológica, a partir de certo momento, não consegui mais manter a compatibilidade das minhas vibrações com as do organismo materno e isso interrompeu a gravidez, ou seja, fez ocorrer o aborto.

O arcabouço material, uma vez desligado do espírito, não pode mais manter a organização; por algum tempo, a fisiologia da mãe, por força das próprias vibrações, pode manter o mecanismo do funcionamento dele, mas chega o momento em que isso não basta para a manutenção da gestação e o aglomerado de tecidos sem vida é recusado.

Foi um acontecimento lastimável...

Lísia ficou profundamente frustrada, embora a interrupção do processo gerador não tivesse sido causada por ela; eu é que a promovera inconscientemente, sob a perturbação de um medo que não conseguira vencer.

No momento em que me dei conta de ter posto a perder aquela oportunidade valiosíssima, senti um arrependimento profundo, percebi que agira irracionalmente, como um louco que, crendo-se ameaçado, foge em total descontrole, atropelando o que ou quem estiver no caminho, como o faria um animal acuado. Sabia o valor daquela chance para a minha existência de espírito cheio de culpas, mas a minha força de vontade fora debilitada por minha própria culpa, pois tinha me julgado incapaz de enfrentar aquela expiação, achando que viveria como alguém com uma arma potente forçado a agir sem poder usá-la para se defender dos adversários.

Com muito esforço, muito carinho e muita paciência, os meus três assistentes conseguiram conter as minhas explosões de ressentimento. Precisaram até de dardos mentais sedativos para me acalmarem, como se estivessem tentando domar um potro selvagem. Minha mente ardia de remorso, desespero, angústia, revolta, autopiedade, raiva pela minha fraqueza, orgulho ferido, decepção e outros sentimentos tão ou mais negativos.

Enquanto isso, em meio aos meus impropérios e acusações, os três companheiros amorosos, com doçura, serenidade e firmeza, conseguiram gradativamente me acalmar.

Ainda me lembro claramente da expressão carinhosa da moça: *“Meu irmão, nada é perdido pelo Criador que, com certeza, lhe concederá uma outra chance; só não sabemos dizer quando. Se não for com a mãe que você tanto ama, alguém vai ser capaz de lhe oferecer o que precisa. Deus é Providência.”*

E foram me incentivando o autocontrole, pouco a pouco, até eu adormecer.

Quando despertei, fizeram um minucioso relato das questões que me tinham me envolvido naquele receio arrasador, esclarecedores e carinhosos, acrescentando: *“Todos somos passíveis de agir assim. Em todas as circunstâncias, há sempre o risco disso ocorrer; só Deus é infalível. Aguarde a sua vez e ela chegará. Todos os recursos para o sucesso estarão sempre à sua disposição, dentro de você mesmo. Nós não podemos fazer nada no seu lugar, pois você precisa usar a sua vontade e agir como é necessário para o seu próprio bem.”*

A duração de quarenta, sessenta, setenta anos ou o quanto seja não significa o mesmo tempo na realidade espiritual; o que parece uma eternidade para um encarnado, para um espírito com mais evolução, não passa de um rápido instante. Eles mencionavam outra oportunidade como se fosse acontecer na próxima semana, mês ou ano, mas, passaria muito tempo, antes de ser-me possível uma nova reencarnação.

Apesar da minha falha tão grave e do meu comportamento desagradável, os meus cuidadores não me abandonaram: continuaram a promover as visitas a Lísia no Mundo Corpóreo periodicamente.

O sofrimento que percebia nela me doía como se espetassem o meu coração com ferro em brasa, mas eu precisava disso para diminuir a minha autopiedade.

Lísia ficou incapacitada de gerar outro filho em consequência do aborto e passou a fazer o que gostava mais: cuidar de crianças. Recolhia as das ruas, para dar-lhes ajuda, orientação, comida, banho, vestes, abrigo e isso foi crescendo, crescendo, até que fez uma pequena escola.

Várias pessoas, ligadas a ela por laços de fraternidade muito fortes, prestavam-lhe sempre o seu auxílio de diversas formas, até nos momentos de maiores dificuldades. Além disso, ela tinha uma facilidade imensa de se expressar e conseguia motivar as criaturas de maior poder econômico da comunidade a oferecerem recursos para a manutenção daquelas crianças; ia à casa de cada uma delas, sem esquecer nenhuma, ganhava uma roupinha aqui, um pouco de alimento ali, um objeto de utilidade acolá, levando à frente o seu trabalho, sem esmorecimentos.

Depois que ela faleceu, pessoas bondosas mantiveram a instituição, denominada na época de “Escola para Crianças Desvalidas”, pois acolhia pequenos carentes, órfãos e abandonados – Lísia conseguira plantar a semente da educação infantil naquele local.

Acompanhei todos esses acontecimentos e teria ficado imensamente feliz em poder avistar-me com ela novamente, mas perdi completamente o seu contato, depois do seu falecimento, e não pude encontrá-la mais; conseguia vê-la enquanto pertencia à vida corpórea, mas ela tomou um destino desconhecido para mim.

O aborto deixara-me uma intensa angústia moral, assim como o suicídio, mas não sei qual foi o mais doloroso.

Consciente dos prejuízos que a minha atitude covarde causou a ela e a mim mesmo, não desejava desperdiçar nenhuma outra oportunidade mais e não reagi quando os meus três amigos espirituais me encaminharam para a preparação de uma nova encarnação.

Os tarefeiros espirituais de condições mais elevadas nos deixam escolher o que fazer em certas situações, mas, em outras, decidem o nosso procedimento e não conseguimos

resistir às suas determinações. Não fazem imposições ostensivas, mas argumentam de jeito a não nos deixarem margens para agirmos de outro modo. Eles falam com suavidade, mas claramente, sem deixarem nenhuma opção a não ser a obediência irrestrita.

Mostraram-me austeramente o que precisava ser feito para eu não sofrer mais ainda.

Perguntei-lhes se contaria com a ajuda deles e eles confirmaram, confessando estarem, em verdade, me auxiliando há muito tempo, não por minha causa, mas em atenção ao pedido de Lísia cujos méritos justificavam os cuidados que me prodigalizavam.

Depois de saber disso, não poderia mais deixar de atender aos desejos dela, a pessoa que eu mais amo. Já fora desobediente uma vez, fizera com que ela passasse por muita dor e estava disposto ao que fosse preciso para não desapontá-la novamente.

CAPÍTULO VI O FILHO DA CORTESÃ

Os tarefeiros espirituais providenciaram o necessário para eu ingressar numa outra vida corpórea, na qual teria por mãe alguém com quem eu não possuía vínculo afetivo tão forte quanto o que me ligava a Lísia. Se eu não fosse bem sucedido no processo encarnatório, não me angustiaria tanto de tê-la feito sofrer.

Ela se chamava Brena e, desta vez, aproximando-se o momento da concepção, os tarefeiros me induziram a um sono letárgico com o abafamento dos registros da minha memória, mantiveram-me num estado de semi-inconsciência e restringiram a minha liberdade ao mínimo necessário para cumprir as funções que me competiam nas etapas iniciais da nova encarnação.

Mais tarde, no transcurso da encarnação, despertariam na minha mente várias recordações, fazendo voltarem tendências de comportamento, algumas das quais eu deveria dominar, outras obedecer, conforme as necessidades do meu progresso evolutivo.

Retornara à realidade corpórea, sendo agora filho de uma cortesã que não tinha condições de me dar muito carinho. Meretriz profissional, dotada de beleza estonteante, suas atenções eram objeto de disputa por muitos pretendentes, entre eles alguns homens bem importantes da sociedade local.

Um cavalheiro de destacada projeção social conquistou os seus favores, os dois tiveram encontros amorosos, ela engravidou e ele se tornou meu pai, transtornando com isso a vida dela.

Nenhuma prostituta quer ser mãe; um filho dificulta muito a sua atividade profissional. Entretanto, ao conceberem, muitas destas mulheres agem com muita responsabilidade e se doam com abnegação especial às tarefas maternas, suportando corajosamente os problemas decorrentes.

Brena era alguém assim. Não admitiu, mesmo intimamente, ser feito alguma coisa para evitar a continuidade da gravidez. Depois que eu nasci, esforçou-se para não falhar na minha criação, embora não pudesse oferecer uma dedicação muito esmerada, e evitou entregar as suas obrigações maternas aos cuidados de qualquer outra pessoa, sempre me prodigalizando o carinho possível, sem interromper os seus afazeres profissionais.

Enquanto isso, meu pai biológico se ocupava das atividades sociais, no convívio dos que constituíam a sua família oficial; afinal, era casado com uma dama da alta sociedade local e eu era o seu filho bastardo.

Em busca também da melhoria das próprias condições materiais, Brena aproveitou-se da boa situação econômica dele para me sustentar condignamente. Fazia-lhe pequenas chantagens dissimuladas, às quais ele consentia com algum prazer, porque se sentia um pouco tocado intimamente de afeição paterna por mim. Sua esposa era estéril, ele estava

feliz por ter um filho e provia prazerosamente o nosso amparo material, proporcionando-nos uma vida bastante confortável.

Auxiliada por ele, Brena pode adquirir uma bela moradia, para poder me manter afastado do ambiente do prostíbulo, cujas viciações me contaminariam a personalidade.

Evidentemente, essa proteção estava no planejamento superior, para me possibilitar enfrentar os confrontos sem sofrer novas quedas. Mas nem sempre os acontecimentos se desenrolam conforme o que é previsto. Deus concede o livre-arbítrio a todos os Seus filhos, fazendo com que constitua um obstáculo intransponível à interferência dos espíritos superiores. Resultado disso, livre para escolher os meus caminhos, eu cometi outros erros, acrescentando mais dívidas às muitas que já possuía.

Enquanto eu crescia, Brena dividia o seu tempo entre os seus cuidados maternais e o atendimento aos compromissos da sua profissão, comportando-se desse modo até que ficou enferma por ter sido acometida de um mal hoje conhecido como “sífilis”.

Não se poderia esperar outro futuro para a mulher que mantivesse relacionamento sexual freqüente com homens de todo tipo, como ela fazia. Na época, nem se cogitava dos recursos de segurança orgânica dessas atividades de contato físico íntimo e eram raras as meretrizes não portadoras de doenças sexualmente transmissíveis.

Brena permaneceu acamada, com a saúde sendo debilitada progressivamente, até o falecimento, acontecimento doloroso que foi muito lastimável e para mim.

Contava eu, então, cerca de oito anos de idade, nessa época.

Havia um amigo dela, Entom, um homem de caráter firme que não tinha filhos e freqüentava a nossa casa, prestando inestimável ajuda à formação da minha personalidade.

Paternal e carinhoso, ele me devotou cuidados que não tive de nenhum outro homem, favoreceu-me o contato com as letras, colocando à minha disposição grande número de obras literárias, nas quais aprendi lições valiosas que vieram a ser grandemente úteis para a satisfação dos meus interesses, mais tarde.

A combinação de uma ânsia instintiva de aprender com as minhas tendências íntimas e o auxílio desse cavalheiro permitiu-me adquirir vastos conhecimentos sobre assuntos gerais, artísticos, científicos e outros relativos a diversas áreas do saber humano.

Meu genitor cavalheirescamente não deixou nos faltar absolutamente nada, prestando, por intermédio de Entom, por quem nutria extrema confiança, todo o apoio necessário a ela e a mim.

Com a falta de Brena, eu ficaria totalmente desamparado se Entom não me apoiasse abnegadamente pelo resto da sua existência corpórea.

Terminadas as providências do falecimento da minha mãe, ele fixou residência na nossa casa e passou a se dedicar inteiramente aos meus cuidados, proporcionando-me educação esmerada em todos os aspectos, como um pai consciente teria feito a seu filho.

Com extremados amor e devotamento, Entom cuidou de me orientar em tudo o que precisasse saber, pondo-me em contato com obras literárias de conteúdo irrepreensível. Arte, filosofia, ciências, medicina, economia, estratégia bélica, lutas marciais e muitas outras áreas do conhecimento foram objetos do meu estudo e eu me deleitava com isso, porque o aprendizado sobre todos esses assuntos me interessava muito.

Entom fora um bom amigo da minha mãe e gostava de mim o bastante para exercer, de maneira exemplar, a função de meu tutor, durante todo o tempo que conviveu comigo.

Meu pai biológico não foi tão presente na minha vida como ele – gostava de mim, mas os seus compromissos familiares o prendiam demais.

Lembro-me dele, certa vez, ter-me presenteado com um magnífico cavalo branco que eu montava orgulhosamente sempre que podia.

Estava já com doze anos de idade, quando houve um acontecimento extremamente constrangedor e traumatizante que gerou modificações drásticas na minha personalidade.

Era muito difícil guardar-se segredo sobre alguma coisa, especialmente num ambiente de prostituição. Neste, as informações “viajavam” de ouvido em ouvido com rapidez e a notícia daquela paternidade extraconjugal se espalhou tanto que, no prostíbulo onde Brena trabalhava, todos sabiam que eu era filho daquele fidalgo – não passou muito tempo para os integrantes da família oficial dele terem conhecimento disso.

Seus sogros não se conformavam com o fato da filha não lhes dar um descendente e saber da minha existência os deixou muito envergonhados, foi um golpe mortal no seu orgulho de gente abastada – jamais me considerariam seu descendente.

Em certa ocasião, depois da morte da minha mãe, eles contrataram cinco malfeitores, homens inescrupulosos e violentos, para me aplicarem um castigo exemplar.

Eles vigiaram a nossa casa, aguardando o momento em que eu estivesse sozinho, desprotegido, para invadirem a propriedade e me atacar.

Fizeram coisas terríveis comigo: impiedosamente me espancaram e estupraram repetidas vezes com selvageria cruel, desenfreada, inconcebível.

Num certo momento, indaguei-lhes aos gritos, por entre dentes quebrados, lábios inchados e ensangüentados: *“Por que fazem isso comigo? Não fiz nada contra vocês! Sequer os conheço! Que mal lhes causei, nalgum dia? Que têm contra mim?”*. O resultado foi voltarem a me violentar, às gargalhadas, com impropérios e mais socos, pontapés, empurrões, naquela sodomia nojenta, insuportável e violenta.

Supliquei-lhes que me matassem, mas eles me largaram estirado no chão em estado de choque, o corpo todo machucado, ensangüentado, a roupa em farrapos, e se foram.

Depois de um tempo que me pareceu uma eternidade, Entom chegou e ficou muito enraivecido com o que viu ter acontecido comigo. Cheio de remorso por não ter chegado a tempo de me defender, apressou-se em me prestar os primeiros socorros, enquanto enviou homens à procura dos bandidos, providência inútil, pois eles já tinham desaparecido.

Naquela época, o conceito de honra era levado aos extremos do radicalismo; o ato simples da entrega de uma pluma do chapéu a uma pessoa era considerado garantia da palavra inatacável do remetente; qualquer documento lacrado com um pingo de cera com um brasão impresso valia tanto quanto a palavra de um rei. E a minha honra tinha sido ofendida de uma forma inconcebível, imperdoável...

Jurei para mim mesmo que faria os responsáveis pagarem caro por aquilo.

Esse incidente marcou o começo da minha degradação moral.

Transformei-me num indivíduo amargo, desconfiado, arredo, inconformado; tudo para mim era desconfiável, depois daquele dia nefasto, nunca mais tomaria qualquer decisão sem saber completamente as suas conseqüências, nunca mais deixei de procurar tirar a maior vantagem possível de qualquer situação em que me envolvesse.

Aqueles malditos facínoras tinham ferido profundamente o meu amor próprio e eu me tornei um vingador implacável.

Eram mudanças drásticas no meu caráter e Entom desperdiçava o seu tempo, insistindo em me apresentar argumentos para diminuir o impacto daquele acontecimento terrível. Repetia teimosamente que, sendo muito jovem, certamente podia encontrar ainda inúmeras razões para melhorar os meus sentimentos no futuro...

Mas tudo isso foi inútil – eu não conseguia acreditar nele. Apesar de reconhecer a sua grandeza de caráter, não consegui me convencer a esquecer o ocorrido; meu instinto foi mais forte que a razão – a ânsia da vingança continuou ardente no meu íntimo.

Quanto ao meu pai, embora soubesse da sua assistência incessante na satisfação de qualquer das minhas necessidades materiais e até dos meus caprichos, nunca me

interessara em me aproximar dele; qualquer ajuda material não valia tanto como a tutela amorosa proporcionada por Entom que, de poder aquisitivo modesto, provia fielmente o meu conforto com os recursos fornecidos pelo meu genitor.

A indiferença pela gravidade do que me aconteceu que meu pai biológico demonstrou não me causou espanto. Ele não tinha posses materiais, era casado com uma mulher cujos pais controlavam avultada fortuna e, por conveniência, aceitava ser tratado como um subalterno inferior aos demais integrantes da família, obedecendo às vontades do sogro sem contestações. Ante o que me fizeram, agiu com total omissão, como se nada tivesse acontecido e eu o odiei por isso.

Muito tempo depois, eu ainda tinha as funções do intestino descontroladas e não conseguia me sentar de maneira normal, sobressaltava-me apavorado quando ouvia qualquer voz estranha, vivia me escondendo como se fosse um fantasma, tudo e todos me pareciam ameaçadores e evitava sistematicamente locais freqüentados por outras pessoas; eles disseram que espalhariam a notícia do que fizeram comigo.

Mudamo-nos para uma propriedade extensa, na mesma localidade; era como um pequeno feudo onde vivi em segurança, embora sem muita liberdade, sob a proteção e a vigilância constantes de Entom, meu guardião incansável.

Contava cerca de dezoito anos de idade, quando o meu tutor retornou para a realidade espiritual, acometido por uma enfermidade que lhe causou muito sofrimento nos últimos momentos de vida corpórea.

Ninguém mais me impediria de satisfazer a minha vontade.

Herdei recursos suficientes para o meu sustento sem precisar trabalhar e seria natural sair pelo mundo em busca de aventuras, a me exhibir para os outros a cata de alguém que me valorizasse de alguma forma, como a maioria dos jovens faria, mas, apesar de todo o tempo passado desde o ataque daqueles monstros, ainda não tinha me livrado totalmente dos problemas intestinais, nem conseguira domínio emocional suficiente para enfrentar as pessoas sem alguma proteção como a que me era proporcionada por Entom, razão pela qual decidi permanecer quieto no meu refúgio, dedicando meu tempo aos estudos.

Sentia uma curiosa compulsão para o aprendizado; onde houvesse um novo livro, uma nova teoria, doutrina ou descoberta, procurava febrilmente o conhecimento integral do assunto, consumindo inúmeras velas com a leitura freqüente. Dotado de memória fotográfica, era excepcional a minha facilidade em gravar tudo o que fosse do meu interesse. E isso me permitiu coletar vasto conhecimento sobre muitos e variados assuntos.

Numa certa época, obtive acesso às artes marciais, por meio de um capitão-de-guarda que favoreceu o adestramento correspondente. Pedi-lhe, certo dia, para figurar entre os seus comandados, mas não me aceitou na sua guarda, alegando ser o meu interesse pelos livros incompatível com aquelas funções. Entretanto, percebendo o meu entusiasmado desejo de aprender o manejo das armas, dispôs-se a me instruir nas suas horas de folga e fez isso com eficiência, ensinando-me os rudimentos das lutas e do manejo dos artefatos nelas empregados.

Contagiado com o meu entusiasmo, colocou à minha disposição guerreiros exímios em diversas modalidades de luta para me adestrarem nas suas especialidades, lutadores de grande experiência em combates que me ensinaram as suas habilidades, orgulhosos da minha admiração pelas suas capacidades e de instruírem um aprendiz com avultados interesse, talento e facilidade no aprendizado das técnicas que dominavam.

Tinha grande interesse em saber lutar bem com qualquer arma, além duma instintiva tendência belicosa; a ajuda deles foi muito valiosa e conveniente para mim.

Com o suceder dos treinamentos adquiri a habilidade de antecipar os movimentos dos meus mestres que ficavam surpresos por alguém tão jovem como eu conseguir tanta

agilidade. Consegui me tornar um guerreiro extremamente hábil no manejo de qualquer arma em uso na época. Em pouco tempo capacitei-me como mestre, destacando-me pela minha exímia destreza entre os que possuíam este título, superando até mesmo os que tinham sido meus instrutores. Dificilmente, naquela época, alguém com tão pouca idade poderia conseguir tanta capacidade na arte de lutar.

Depois disso, ocupei o meu tempo com o ensino do exercício dessas atividades, mas a lembrança daquelas atrocidades reverberava incessantemente nos meus pensamentos.

Numa certa ocasião, encontrei inesperadamente um dos meus algozes.

Os facínoras que me atacaram desempenhavam funções comuns na sociedade da época; eventualmente se prestavam a serviços maléficos por dinheiro ou perdão de alguma dívida, indiferentes às conseqüências dos seus atos inescrupulosos, mas tinham os seus ofícios, sua vivência em família.

No extenso e bem cuidado jardim num determinado palácio, passeava despreocupado um dos participantes daquele acontecimento inesquecível.

O patife caminhava pelas alamedas, conversando com a esposa e as duas filhas.

Tomado instantaneamente de profunda raiva, bradei em voz alta: “*Miserável! Nós já nos conhecemos!*”. Ele não me reconheceu de pronto; tinha passado mais de vinte anos desde aquela ação fatídica e uma barba bem cuidada cobria parte do meu rosto.

Mas a fisionomia dele estava gravada na minha mente e soube quem ele era, no exato momento em que o vi.

Ato contínuo, para avivar-lhe a memória, contei o episódio do estupro, detalhe por detalhe, ali mesmo, em alto e bom som, para que as pessoas que observavam o encontro ouvissem claramente.

Finalizei, encolerizado: “*Vou matá-lo, covarde! Escolha o local onde quer morrer, aqui ou em outro lugar! Mas vamos resolver isso já!*”.

No meu íntimo, ardia a vontade de enfiar-lhe a espada na garganta, ali mesmo, mas me controlei, aguardando a sua reação.

O patife vacilou, sem saber o que fazer: se não aceitasse o desafio, estaria em desonra, se aceitasse, confirmaria a acusação.

Espantadas, a esposa e as filhas o fitavam, perturbadas pelo que tinham ouvido. Para elas, ele era um homem amoroso, incapaz de cometer um ato covarde como aquele.

Saíram os quatro dali e eu esperei impaciente, até que ele voltou acompanhado por três outros homens.

Na Corte, nunca se estava só. Sem outra coisa a fazer, as pessoas passeavam pelos ambientes, vigiando umas às outras, esperando presenciar algum acontecimento de que pudessem tirar proveito de alguma maneira. Ele era alguém de importância, respeitado no manejo das armas, e eu lhe fizera uma ofensa terrível na presença de uma multidão de palacianos curiosos, interessadíssimos no que ocorria entre nós.

Isso era imperdoável; não havia como se negar a um desafio desses e ele gritou: “*Vamos passar isso a limpo!*”.

Uns poucos cavalheiros presentes, por acharem baixeza demais alguém se dizer estuprodo só para fazer um desafio, declararam crer em mim, enquanto outros se manifestaram a favor do miserável.

Decidimos bater-nos em duelo ali mesmo, naquele mesmo instante.

Com apenas dois golpes, deixei-o caído, com a minha espada cravada no seu corpo, sem que tivesse sequer me roçado de leve com a sua arma!

Daquele eu estava vingado e o instante em que o feri mortalmente, senti uma alegria intensa surgir dentro de mim – castigara o primeiro dos covardes que me torturaram.

Satisfeito, bradei para todos ali ouvirem: *“Ainda há outros patifes que também vão passar pelo fio da minha espada! Eles me atacaram em segredo, mas eu os executarei em público, como fiz com este, para todos os presentes testemunharem a justiça sendo feita!”*.

Deixei-os ali, cuidando do agonizante e me retirei para tratar dos meus afazeres.

Tinha sido quase uma covardia vencer aquele desgraçado, considerando-se a superioridade incontestável da minha destreza em relação à dele, mas não senti qualquer sinal de arrependimento por tê-lo matado daquela forma, em nenhum momento. Pelo contrário, fiquei feliz por ter podido cumprir o meu juramento.

Mas ainda faltavam quatro!

CAPÍTULO VII DUELO FATÍDICO

O desfecho espetacular do combate deixou os que o assistiram impressionados.

Depois desse episódio, tornou-se freqüente eu ser contratado para duelar em nome de alguém, como também orientar o planejamento de desforras, batalhas, e até executá-las pelos meus clientes, ficando conhecido como duelista imbatível, destemido, estrategista ardiloso e insuperável no sucesso dos empreendimentos belicosos em que me envolvia.

Crescia em prestígio e a minha auto-estima se agigantava cada vez mais.

Enquanto isso, o desejo da vingança contra os outros quatro miseráveis que ainda não encontrara e odiava mortalmente, permanecia intenso no meu pensamento.

Não percebia que esse sentimento não tinha origem só na minha vontade. Espíritos desencarnados de hábitos mentais semelhantes aos meus interferiam no meu psiquismo, intensificando o ódio e a ânsia de vingança que já havia nele.

Na verdade, poderia impedir a atuação nefasta desses meus “hóspedes” mentais se os notasse, mas isso não me seria conveniente e inconscientemente cooperei com eles, aliando-me aos seus esforços, provendo-me de forças para as ações perversas que iria cometer, com os seus estímulos, numa aliança nefasta – eles atendiam aos meus anseios.

Entretanto, em todas as minhas ações, incluídas nisso as para as quais fui contratado, evitei sempre a covardia; ao contrário, concedi aos meus antagonistas a possibilidade de se defenderem em todas as situações, sem exceção nenhuma, mesmo àqueles patifes que me traumatizaram profundamente com a sua violência. Lutei com eles e os venci, um a um, porque os superei em sagacidade, em destreza e em selvageria também, pois amputei a genitália de um deles, antes de matá-lo.

Quando assumia um contrato, cuidava sempre de abordar o indivíduo-alvo, dar-lhe ciência da sua condenação e deixá-lo se defender, antes de atacá-lo para consumir o ato, o que nunca deixei de fazer, embora nem sempre tivesse facilidade nesses empreendimentos. Foram inúmeras as tentativas de contra-ataque e enfrentei muitas emboscadas, tendo sido ferido várias vezes. Felizmente, apesar do seu reduzido número, os meus aliados de confiança sempre me apoiaram para favorecer o desfecho, invariavelmente bem sucedido, dos trabalhos em execução – nunca fui batido.

Conseqüentemente, muitos crimes foram cometidos no cumprimento dos contratos firmados comigo, uns sob a minha orientação e outros com a minha autoria, uns por meu próprio interesse, outros pelos dos meus clientes. Inúmeros indivíduos sofreram, portanto, prejuízos provocados pelas minhas ações.

Nunca permiti qualquer envolvimento afetivo nem associação amorosa com ninguém; não constituí família, nem deixei mulher alguma envolver comigo, não só por causa do trauma de ter sido estuprado, mas também para não possibilitar situações de vulnerabilidade nas minhas atividades – uma família seria o melhor dos alvos para os

inimigos me constrangerem. Além disso, não podia fixar residência, por causa do risco que isso representaria à minha segurança; não tinha um esconderijo ou um lugar especial que me servisse de base, abrigando-me sempre em locais convenientemente próximos das áreas de ação das minhas operações.

Entretanto, nunca aceitei uma incumbência sem antes efetuar uma análise cuidadosa dos indivíduos que seriam alvo das operações. Só aceitava os casos em que o prejudicado merecia indubitavelmente o que lhe seria feito, recusando o em que as pessoas não mereciam comprovadamente o desfecho encomendado e negava-me ao contrato sem qualquer satisfação imediatamente – só dizia que não ia fazer e pronto.

Quando alguém alcança algum destaque, muitos torcem pelo seu fracasso e vários até se esforçam para dificultar o seu trabalho, a fim de derrubá-lo. O ditado popular diz que “não se atira pedra nas plantas estéréis, só naquelas que dão fruto” e os dos meus serviços, mesmo negros, eram bastante apreciados pelos meus clientes, embora causassem muita inveja em algumas pessoas.

Mas, isso nunca causou prejuízos consideráveis aos meus afazeres, porque sempre soube achar meios de me defender desses invejosos, mantendo inalteráveis o sucesso e a rapidez dos resultados dos meus empreendimentos.

Um dos vários serviços para que me contratavam era a assessoria a operações de conquista de hegemonia dos clientes sobre locais do seu interesse. Frequentemente, me procuravam para este serviço. Alguém fazia contato comigo, propondo a minha ajuda na conquista do domínio de determinada localidade e eu, primeiramente, analisava a proposta para verificar se a pretensão do cliente era viável. Se concordasse em executar o serviço, fixava o meu preço sobre o qual não permitia regateio. Uma vez fechado o contrato, examinava o local da operação, investigava todas as pessoas envolvidas, avaliava as providências e levantava as necessidades para o desenvolvimento das atividades para, depois arquitetar a estratégia a ser adotada, traçando o plano mais adequado para o sucesso pretendido. Uma vez concluída esta preparação, reunia as forças disponíveis, os recursos materiais, aguardava o momento mais adequado para desfechar as ações planejadas com toda a precisão possível e iniciava o combate.

Sempre, mesmo com forças diminutas, promovi operações de muito sucesso.

Tudo isso me parecia muito fácil; os detalhes dos planos fluíam na minha mente sem a menor dificuldade. A habilidade com as armas, as técnicas bélicas e a liderança do pessoal a ser empregado concorriam para a execução eficaz das ações.

Atitudes de natureza ética, como benevolência, tolerância, indulgência, eram deixadas fora de qualquer cogitação, precisavam ser rejeitadas completamente, para que as ações fossem desfechadas de maneira implacável, do contrário o sucesso se tornaria muito difícil de ser conseguido. As normas das minhas operações determinavam atuações impiedosas, visando o enfraquecimento do inimigo, como impedi-lo de dormir, de se alimentar, de descansar, contaminar a sua água, queimar as suas plantações, sumir com os seus animais, fazer tudo, enfim, para anular a sua resistência.

Honradez, misericórdia, justiça, piedade e outros sentimentos nobres como esses tinham que ser abafados para poder-se impor a derrota ao inimigo. Era indispensável “petrificar o coração” e agir sempre pela força bruta.

Mas não admitia covardia ou falta de respeito à dignidade dos adversários, exigindo sempre a oferta de rendição, antes de desfechar a ofensiva esmagadora.

Os resultados, sempre positivos, deixavam evidente o meu talento para a guerra, o que, acrescido da ânsia de vingança e da maldade incrustadas no meu íntimo, tornava-me quase impossível de ser vencido.

As agressões a que me submetiam eram coerentes com os esforços que devia despendar para a melhoria do meu caráter, constituíam provas, expiações, resgates de dívidas comportamentais indispensáveis para o meu progresso espiritual. Possuía o acervo intelecto-moral para suportá-las, mas era muito jovem ainda quando fui atacado daquele jeito, além de, na verdade, não passar de um perverso ligado àquele corpo imaturo; por isso mergulhei naquele mar de malefícios, negando-me ao aperfeiçoamento felicitador.

Convencido do direito de me vingar do que me tinham feito, cheio de autopiedade e orgulho, frutos de um egoísmo agigantado, concentrei a vontade e a inteligência nas atividades maléficas, desperdiçando insensatamente as oportunidades de acerto daquela existência corpórea.

Dotado de um corpo físico admirável, tanto em beleza quanto em vigor, herança genética dos meus pais que se destacavam por essas características entre as demais pessoas da região, possuía excepcional habilidade em todas as modalidades de exercícios daquela época: manejava com desenvoltura as espadas mais pesadas com uma só mão, vergava os arcos de maior peso com habilidade e grande pontaria, carregado com grandes pedras nas costas, percorria velozmente os itinerários de maior alcance e dificuldade, escalava encostas íngremes com rapidez.

Juntando essas capacidades aos meus conhecimentos e à minha rapidez de raciocínio, estava provido do suficiente para superar de forma correta as provações daquela etapa física da minha existência. Nada impediria a constituição de um núcleo familiar para ocupar-me, como faz a maioria das pessoas, da educação dos filhos e de realizações afetivas, apoiado por uma esposa amorosa. Mas ainda não incorporara à minha personalidade virtudes suficientes para anular o orgulho e a autopiedade nela dominantes, e envolvi-me voluntariamente em muitos desatinos, embora guardasse a impressão íntima da natureza maléfica do que fazia.

Conforme me informaram depois, os três amigos, os mesmos companheiros persistentes das ocasiões anteriores, agentes do meu resgate do bando de facínoras desencarnados, tentaram de tudo para me convencer a não participar daquelas atividades prejudiciais, mas não os atendi, hipnotizado pelo culto ao meu amor-próprio exagerado.

Foram eles que promoveram a tutela de Entom, a fim de permitir que ele me ajudasse a anular a tendência para o mal, cumprindo com retidão os propósitos daquela encarnação.

Mas eu dispensei os princípios morais dentre os inúmeros que ele me transmitiu.

Mesmo ocupado com os freqüentes acontecimentos belicosos que vivi, investiguei cuidadosamente tudo o que pudesse ter alguma ligação com os meus torturadores e os colaboradores daquele ataque perverso – encontrei-os todos e cumpri o meu juramento.

Alguns escaparam da minha participação pessoal na sua morte, como foi o caso dos sogros do meu pai biológico.

Quando descobri a participação deles naquele episódio, procurei-os enlouquecido de raiva e os encontrei doentes, acamados, em condições de saúde deploráveis.

Fui inicialmente abordado pela esposa estéril do meu pai que, revelando-se uma das poucas pessoas daquela família com alguma dignidade, confessou-me entender o meu ódio, dizendo-se capaz provavelmente de agir de modo parecido se estivesse no meu lugar, suplicando pela vida dos seus pais.

Tratei-a com respeito, mas não a atendi; fui até eles para cumprir impiedosamente o meu juramento de vingança e, junto ao seu leito de morte, bradei as acusações, enchendo-os de pavor e de angústia, apressando o desfecho fatal das suas enfermidades.

Um a um, todos que estiveram envolvidos naquela agressão sem sentido foram justificados de uma forma ou de outra, com ou sem o meu concurso e, só quando soube da morte dolorosa do último deles, julguei cumprido o meu juramento.

Finalmente senti-me vingado e pode, a partir de então, continuar a vida sem o peso daquela lembrança atormentadora.

Prosegui, então, com os trabalhos de assessoramento aos que me contratavam para orientá-los ou substituí-los nas operações maléficas já descritas.

O pagamento dos serviços era feito algumas vezes em dinheiro, outras em bens materiais. Com isso, ganhei várias propriedades, das quais algumas foram vendidas, outras dadas em pagamento ou em recompensa de favores especiais e algumas foram tomadas por invasores; muitas nem sequer conheci, pois nunca me interessei por bens materiais dos quais não pudesse usufruir.

Encontrei muitos indivíduos que me serviram com fidelidade. A maioria deles era motivada por interesse material, mas alguns trabalhavam comigo por gostarem da minha liderança.

Alguns, depois de desencarnarem, vieram à minha procura, quando, tendo regressado ao plano espiritual, passei a conquistar ali os meus comandos.

Muitos integravam o bando de facínoras desencarnados do qual fui resgatado – fôramos comparsas antes, éramos naquele tempo e o seríamos depois.

Destacando-me nos ambientes palacianos pela minha bonita aparência, era muito assediado pelas palacianas que, quando desejavam algum homem, aceitavam qualquer proposta, mas não me deixei envolver amorosamente com ninguém, embora aceitasse namoros passageiros quando isso facilitava os trabalhos que executava. Em vários casos, precisei aproveitar o cortejo de alguma dessas mulheres para alguma providência inerente à operação desenvolvida – o favor de uma dama enamorada podia me favorecer o acesso a lugares, informações e pessoas do meu interesse. Planejei e executei vários trabalhos contando com a ajuda, mesmo involuntária, de algumas delas e muitas foram as vezes em que isso foi de extrema necessidade à concretização das minhas intenções.

Certo dia, recebi de um Conde uma proposta de serviço.

Estudei o contrato, concluindo por aceitar a tarefa e executei-a com sucesso, graças ao auxílio de uma determinada dama pertencente à sociedade local.

Desse episódio, surgiram problemas que me levaram à derrocada física.

Essa mulher me ajudou, contando como certo conseguir ter relações mais íntimas comigo e eu, depois de conseguir o que queria, a repudiei.

Acostumada a ser cortejada por homens da nobreza que costumavam suplicar as suas carícias, ela se ofendeu profundamente com a minha recusa. Sentiu isso como uma bofetada no seu rosto de mulher mimada e engendrou a sua desforra sutilmente, evitando a ação direta, provocando uma situação constrangedora que me envolveu num desafio irrecusável.

Sem saber das confidências desonrosas a respeito da minha capacidade como homem que ela fizera ao Conde, apresentei-me a ele para dar-lhe conta do serviço encomendado e receber o pagamento devido.

Achando no que ela lhe dissera um pretexto para não cumprir a sua parte do trato, o fidalgo, rodeado pelos seus amigos, declarou em alto e bom som duvidar da minha masculinidade...

Isso era uma ofensa inconcebível e fiquei profundamente indignado...

Reagi prontamente, bradando furioso: *“Tenho o direito de provar a minha honra! Escolha o local, hora e as armas para lutarmos até a morte! Vença o que tiver razão!”*.

Era indiscutível a minha superioridade no manejo de qualquer arma em relação a ele e, chegado o momento da luta, teria sido fácil vencê-lo logo de início, sem que pudesse sequer me tocar com a sua espada. Porém, mesmo conhecedor dos riscos de desconhecer o modo de agir do adversário sob pressão emocional, na ânsia de causar-lhe a maior humilhação possível, permiti que me ferisse algumas vezes, zombando da sua pouca destreza. Para deixá-lo cada vez mais furioso e envergonhado perante as testemunhas.

Deixava-o crer que poderia me atingir mortalmente e, no último instante, com um leve toque da minha arma, desviava a ponta da sua espada facilmente, transformando num leve arranhão o que, na intenção dele, era para ser um ferimento letal. Uma escoriação na perna, outra no braço e um diminuto arranhão no abdome resultaram disso e continuei brincando com a falta de habilidade dele, até que, num rápido golpe, trespassei-lhe a garganta com a minha lâmina, deixando-o estirado no chão, contorcendo-se de dor.

Tinha limpado a minha honra!

O duelo terminou com a morte do meu adversário e eu me recolhi à minha residência.

O resto do dia transcorreu normalmente; à noite, comecei a me sentir como se atacado de gripe: o corpo doendo e quente, ardendo por dentro, náuseas, vertigens...

No dia seguinte, estava pior ainda e tive que permanecer no leito, precisando da assistência de outras pessoas.

O quadro foi-se agravando, advindo uma prostração crescente, enfraquecendo-me gradativamente até não mais conseguir me levantar da cama.

Várias das pessoas que me visitaram, estranharam aquela exaustão progressiva e rápida que aquele mal desconhecido me causava.

Fui muito ajudado naquela situação; colaboradores prestimosos prestaram-me serviços inestimáveis, uns por amizade sincera, outras por desejo de compensação, mas me proporcionaram um apoio muito valioso.

Começando a pressentir a aproximação do momento de morrer, não conseguia mais me mover no leito, delirava, minha mente desequilibrada fazia-me falar coisas sem nexos, ininteligíveis... Em cerca de uma semana, esgotaram-se totalmente as condições de manutenção do funcionamento orgânico e fui perdendo, pouco a pouco, a consciência até mergulhar numa profunda e opressiva escuridão.

De vez em quando, via um pouco de luz, me voltava a lucidez por alguns instantes, o suficiente apenas para constatar aquelas pessoas se esmerando para cuidar de mim e me sentir estimado, lastimando perder aquele tratamento afetuoso que nunca conhecera. Mas passava a maior parte do tempo mergulhado na escuridão. De vez em quando, o ambiente voltava a se iluminar repentinamente, mas, antes que conseguisse me habituar à claridade, escurecia tudo de novo.

Num certo momento, senti como se estivesse sendo transportado para um canto do aposento e, sonolento, a visão um pouco nublada, pude notar o corpo deitado na cama e, por algum tempo, não consegui entender como podia estar ali, vendo a mim mesmo deitado no leito... Havia dois de mim? Quem me tinha me removido da cama?

Permaneci assim, profundamente perturbado por cerca de seis horas, intervalo entre as primeiras constatações do meu óbito e a execução das providências para o sepultamento...

Assistia a tudo isso, sem entender nada.

Durante a cerimônia fúnebre, amigos, entre os quais figuravam integrantes de importância da corte palaciana, prestaram-me homenagens honrosas.

O combate, como era costume na época, fora lícito, sem nada que desabonasse a minha dignidade, atributo tão desejado, mas cuja conquista causa muitos prejuízos morais por fazer parte do orgulho e que gera tão grandes obstáculos ao progresso espiritual.

Depois do enterro, comecei a ter consciência do ocorrido e gradativamente me vieram à mente lembranças daquela vida corpórea: cenas da infância, do tratamento que me davam no bordel, episódios da minha vida com Entom, o ataque dos malfeitores, as maledicências de que fui alvo, as ações sanguinárias contra os adversários e muitas outras.

Esses adversários não eram inocentes, mas, eram como crianças diante do meu poder, em vista da minha destreza no manejo das armas – matá-los tinha sido um ato de covardia.

Profundamente consternado, relembrei todas aquelas passagens de forma detalhada, como se projetassem numa tela as imagens nítidas, com todos os pormenores.

O óbito ocorrera por causa do que se conhece como “septicemia” ou “infecção generalizada”. O meu procedimento irônico e irreverente no duelo, deixando-me ferir daquela maneira, tornara-me responsável pela contaminação letal – inconscientemente, cometera um suicídio.

Os espíritos que depois me recolheram me contaram que, auxiliado pelos cúmplices, o Conde recobriria a lâmina com fezes e isto me adoentou mortalmente.

Era o costume nomear-se, com a concordância dos duelistas, alguém para ser o árbitro da luta, em cujos encargos figurava o de apresentar, antes do combate, várias armas aos contendores, a fim de serem examinadas e aprovadas, antes do uso. Mas, quando se tratava de um aristocrata, como o Conde, era comum ser-lhe permitido usar os seus próprios petrechos bélicos no duelo. Assim, ele pôde usar a sua arma preparada. E, em consequência da falta de recursos médicos da época, arranhar-me com ela foi o suficiente para causar o meu retorno ao Mundo Espiritual.

Depois de ter-me desligado do corpo, minha mente foi invadida por uma sensação crescente de desolamento e remorso com a recordação dos erros cometidos, das chances valiosas de crescimento espiritual desperdiçadas e das dívidas assumidas perante a Justiça Maior com os meus feitos maléficos.

Para a consciência, não há fuga da responsabilidade do que se faz, nem há como justificar-se com o desconhecimento das consequências dos cometimentos. Na realidade, a recusa às ações corretas é motivada pelo desejo de proceder assim, o que me levou à conclusão de não ter levado isso em conta nas minhas decisões.

CAPÍTULO VIII

RETORNO À ANTIGA CHEFIA

A mesma retrospectiva dos acontecimentos da vida corpórea deixada voltou a ocorrer depois, ocasião em que o meu sentimento de culpa me fez prestar atenção apenas nos procedimentos incorretos, isto é, nas minhas desobediências às Leis de Deus – a consciência implacável me cobrava cada um dos numerosos delitos que cometera. Não sei precisar quanto tempo isso durou, mas, em certo momento, as imagens começaram a se desvanecer na minha mente e os mecanismos naturais de defesa psíquica iniciaram o retorno dos meus pensamentos ao equilíbrio.

Foi quando divisei, perto de mim, um cavalheiro finamente vestido em atitude de calma expectativa.

“*Seja bem vindo!*”, disse ele, com entusiasmo.

Permaneci calado, atordoado e assustado com aquela situação desconhecida.

A Providência Divina invariavelmente incumbe alguém de assistir a quem se liga ao arcabouço material ou se desliga dele, tão logo recupere a consciência – ele estava ali para desempenhar esta função. Eu fora ajudado no processo da encarnação e, agora, era auxiliado na desencarnação.

“*Quer ajuda?*”, perguntou ele, mas sem esperar pela minha resposta, umas pessoas que estavam também ali me deitarem numa maca e me transportaram em determinada direção, num percurso durante o qual, vez por outra, eu observava curioso o cavalheiro, caminhando ao lado.

Num destes momentos, ele me perguntou: “*Você tem conhecimento do que está ocorrendo? Sabe a situação em que se acha?*”.

Respondi-lhe que estava ferido e me sentia muito doente para pensar nisso.

Ele retorquiu atencioso: “*Isso é do passado! Estou me referindo ao que está ocorrendo no presente!*”; percebendo a minha confusão, contou que o funcionamento do meu corpo físico tinha cessado, causando o meu desligamento dele e eu passei para a mesma situação deles – a das almas-sem-corpo –, situação natural de todos os indivíduos depois que morrem; eles estavam ali para me amparar nessa transição perturbadora. Falou isso muito amigavelmente, garantindo estar tudo sob controle.

Passado algum tempo, chegamos a uma construção semelhante a uma capela abandonada em ruínas, sem imagens nem altar; ali, eles me acomodaram, prometendo voltar assim que fosse possível, aconselhando-me bastante repouso para poder recuperar um pouco das minhas forças.

Dois ou três dias depois, ainda sozinho ali, senti-me menos fraco e saí para examinar os arredores...

No lado de fora, encontrei um panorama nada agradável: solo sem vida, mato ressequido, fragmentos de pedra irregulares espalhados por toda parte, árvores desfolhadas, desolamento, tudo num completo abandono...

Fiquei ali, sentado numa pedra, esfomeado, meditando nos acontecimentos recentes, até que, num certo momento, escutei um burburinho ao longe, como se um grupo de pessoas se aproximasse daquele local.

Pensei em me esconder nas ruínas...

Esta desorientação, oriunda da falta de entendimento do que lhes está acontecendo é característica da maioria dos espíritos, logo após a desencarnação; eles permanecem nessa perturbação por se recusarem a crer que desencarnaram. E, para facilitarem o reequilíbrio dos pensamentos deles, benfeitores espirituais os reúnem em grupos itinerantes, de forma que, a convivência com outros indivíduos em situação semelhante à deles lhes possibilite, compartilhando as suas experiências, se ajudarem uns aos outros, nessa fase.

Em grupos como esses, para manter os componentes juntos e guiá-los, tarefeiros espirituais fazem-nos se locomoverem continuamente sem rumo definido, parando somente para satisfazer as necessidades que os integrantes ainda pensam ter, ou seja, repouso, alimento, sono, banho etc.. Eventualmente, algum integrante separa-se da turma e segue destino concorde com os seus interesses pessoais, de acordo com a sua sintonia mental.

Na realidade espiritual, os indivíduos sentem atração pela companhia dos que têm personalidade semelhante à deles, por causa da sintonia peculiar ao seu próprio modo costumeiro de pensar; assim, os que se comprazem com a desonestidade, por exemplo, dirigem-se para onde este sentimento é dominante, enquanto os que já têm na honestidade a sua preferência procuram pelos que lhes são iguais neste aspecto.

Os espíritos benfeitores nada fazem para evitar que esses companheiros ajam assim, por respeitarem incondicionalmente o livre-arbítrio deles, e os aconselham, quase sempre sem conseguirem a atenção deles, porque os seus propósitos os convidam a outras coisas, como ocorreu comigo que, embora fosse instruído para o bem, preferia as atuações maléficas. Isso ocorre como a transmissão de sinais de rádio, de televisão ou de telefonia: as emissoras irradiam as suas diversas programações, mas os espectadores só se interessam por determinados assuntos, sintonizando os seus receptores apenas nos canais que os apresentem.

Assim aconteceu comigo naquela capelinha: na verdade: vários grupos passaram por ali, mas eu só percebi aquele formado por indivíduos cujos interesses geravam vibrações com as quais eu sentia sintonia.

Eram cerca de quinze indivíduos de aspecto pobre, roupas simples, não muito limpas e muitas esfarrapadas, tagarelando num linguajar quase incompreensível, caminhando juntos sem demonstrarem pressa nenhuma.

Pararam numa certa distância de mim e um deles que se comportava com ares de chefe do grupo, me perguntou, amavelmente: “*Você é um recém chegado?*”.

Não soube o que responder, mas me dei conta naquele momento que estava sentado ali, naquela pedra, por muito tempo.

Mas o tal indivíduo continuou a falar com evidente solicitude: “*Por que não se junta a nós? Não vai aparecer ninguém aqui tão cedo. Estamos indo para um lugar agradável, onde tem alojamento e boa comida. Isso aqui é muito isolado. Não aconselharia ninguém a ficar sozinho num lugar como esse.*”.

Achei que ele tinha razão. O que podia temer? Afinal, não poderia morrer mais uma vez e aceitei o convite, alertando-os de estar muito fraco, podendo não ter como acompanhá-los se seguissem com muita pressa. Mas eles me prometeram esse ajuda e o grupo retomou a caminhada interrompida, levando-me junto.

Assim que começamos a andar, um deles se aproximou de mim com evidente intenção de conversar. Era um homem, um pouco mais alto do que eu, com o corpo coberto de feridas sanguinolentas, andando com dificuldade... Seu aspecto era muito semelhante ao meu.

Caminhando ao meu lado, aquele indivíduo passou a me contar o que tinha ocorrido com ele para estar daquele jeito; relatou um pouco da sua vida, das suas preocupações, demonstrando interesse em me deixar à vontade para também falar-lhe dos meus problemas. Entendendo, então, que não fora o único a passar por aquelas dificuldades. Senti-me bem, mais seguro. Quando ele cansou de conversar comigo, outro tomou o lugar dele e, assim, andando e conversando, prosseguimos naquela andança sem fim...

Cruzamos com outros grupos em várias ocasiões e, reconhecendo algum sinal de animosidade nos seus componentes, dispersávamos-nos, escondendo-nos nas redondezas até o nosso líder chamar para nos reunirmos de novo.

Quando tínhamos fome, o líder nos fazia parar e aguardá-lo por algum tempo, sempre breve, e trazia alimento do qual nos servíamos sem perguntar como ou de onde surgia.

Andamos por muitos lugares, incorporando ao grupo indivíduos que encontrávamos nos caminhos, como tinha acontecido comigo, e tudo se passava sem quase dificuldades, enquanto caminhávamos sem rumo, mas não sem liderança.

Numa certa ocasião, um indivíduo que me pareceu muito familiar juntou-se a nós e aproximou-se de mim, perguntando-me se não lembrava dele. Disse chamar-se Gorne, acrescentando que já estivéramos juntos no passado, e me convidou para um outro grupo ao qual ele pertencia, onde eu teria melhores condições de comodidade e tratamento.

Curiosamente, confiei de imediato nele, sem saber que o motivo disso era a minha sintonia inconsciente com seus interesses, e aceitei a proposta sem hesitar.

Antes de sairmos do grupo, apesar do novo companheiro dizer que ninguém se importaria, avisei o líder do bando que estava deixando. Este, demonstrando muita boa vontade, me disse que eu era livre para seguir a minha vontade, pois ninguém daquele grupo estava preso a nada e desejou-me felicidades.

Seguimos, então, eu e Gorne, numa outra direção.

Na conversa que mantivemos enquanto caminhávamos, Gorne nem tentou disfarçar o seu interesse em conquistar a minha simpatia: “Foi muito bom vir comigo, meu amigo; você merece um tratamento melhor. Meu grupo vai lhe oferecer mais conforto e o atendimento condizente com as suas condições especiais. Afinal, você frequentou cortes reais, conviveu com damas e cavalheiros da nobreza; merece, portanto, ser tratado de forma diferente dos outros.”, insistia e, com essas bajulações como, me excitava propositalmente o orgulho.

Fui recebido com muita amabilidade e fiquei mesmo numa situação muito melhor que a oferecida pelos andarilhos do bando do qual saíra. Os “novos” companheiros me

trataram como se fosse um príncipe: acomodações confortáveis, luxuosas, cama macia, lençóis limpos e perfumados, serviçais cerimoniosos e cheios de reverências que me serviam de modo respeitoso, apressando-se para atender cada desejo meu, como se eu fosse uma autoridade para eles, deixando sempre bem claro que eu era alguém de muita importância.

Não me lembrava disso, mas soube depois que estava de volta à companhia dos mesmos malfeitores que eu liderava quando fui “capturado” pelos tarefeiros espirituais. Não os reconheceria, mas eles sabiam quem eu era, razão por que me tratavam com aquele cuidado tão especial.

Assim que me viu descansado e adaptado às rotinas locais, Gorne me submeteu a sessões de avivamento das lembranças. Com habilidade e sutileza, conversava comigo amigavelmente, fazendo-me recordar muitos acontecimentos passados, trazendo de volta à minha mente os eventos da liderança que exercera naquele grupo. Ele e alguns daqueles comparsas tinham-me recolhido no fundo daquele bueiro, quando tentei exterminar a mim mesmo na existência física anterior.

As experiências de outras fases da vida de qualquer indivíduo são muito difíceis de relembrar. Se ele não possuir habilidade para isso, precisa da ajuda de alguém que tenha o conhecimento das passagens cuja recordação é desejada, como Gorne fez comigo. Com o relato superficial que fazia, ele me instigava a recordar o que queria, limitando-se intencionalmente à época específica do seu interesse, evitando fazer qualquer referência às ocorrências de antes e de depois dela – sugeria determinado acontecimento e, com suas indagações, os detalhes do ocorrido surgiam na minha memória.

Os benfeitores espirituais empregam o mesmo processo quando querem promover o reequilíbrio psíquico dos recém desencarnados que ficam perturbados com a nova situação em que se vêem. Esse procedimento tem o objetivo de fazê-los notar as oportunidades de acerto desperdiçadas, além de lembrar onde e como erraram. Isso dá origem a sentimentos de culpa, porém os tarefeiros do bem não as induzem com este propósito e evitam, ao contrário, qualquer menção que pareça acusação ou crítica.

Arrependimento e remorso são gerados pela consciência culpada, mas Gorne só me induzia a lembrar dos malefícios que eu fizera.

No momento em que surge na sua mente um desejo maléfico direcionado a uma pessoa, o indivíduo fica automaticamente vinculado a ela, estabelece a Lei Maior, mesmo sem haver a ação resultante ou que esta não atinja o seu objetivo.

Sem consciência disso naquela encarnação, eu concentrava o meu interesse na aplicação do castigo inclemente nos causadores de prejuízo de outros, ficando satisfeito quando os alcançava. Mas, este procedimento estabelecia com cada um deles um compromisso que eu não poderia deixar de saldar oportunamente.

A Justiça do Mais Alto prescreve a obrigatoriedade da expiação pelo seu autor; isto significa que ele tem que ser submetido aos mesmos efeitos do que promoveu. No exato momento em que atua, o agente fica ligado a quem com isso atinge; é um vínculo que, se o ato foi maléfico, só desaparecerá quando ele compensar o que causou ao outro.

Deus interfere neste mecanismo inexorável com Sua misericórdia infinita, fazendo a expiação ocorrer somente quando o autor do mal puder crescer espiritualmente com o correspondente sofrimento que Ele fraciona, conforme o quanto de dificuldade o indivíduo pode suportar sem sucumbir.

Há muitos espíritos que alegam terem o direito de agir como instrumentos da Justiça Maior e promovem, por sua própria conta, o castigo dos culpados que alcançam, denominando-se “justiceiros”. Eu era um deles e agira assim, nos eventos que Gorne me induziu a recordar.

Hoje, compreendo o engano dessa atitude, mas não me importava com a lei naquela época; era um facínora interessado unicamente em descontar a dor do meu amor-próprio ferido, traçando um rastro de desolação, sem considerar os efeitos disso no meu futuro.

Os indivíduos podem conservar indefinidamente o mesmo hábito de proceder, enquanto não adotam um modo diferente de pensar. É assim porque as pessoas têm uma tendência natural à conservação das convicções e, mesmo quando aceitam idéias novas, há sempre uma demora para conseguirem incorporá-las ao seu jeito costumeiro de agir, especialmente se os hábitos a serem modificados são muito antigos, muito arraigados. Assim ocorreu com os espíritos para cuja convivência Gorne me trouxe: desde que fui capturado para reencarnar, eles permaneceram durante todo tempo usando os mesmos processos, sem alterá-los por não conhecerem outras formas mais eficientes de agir.

Eles me acolhiam de novo, voltando a me entregar a sua liderança, pois ainda precisavam das minhas orientações. Não foram me capturar e, sim, resgatar da situação ruim em que me encontrava, porque a minha presença no grupo era muito desejada.

Entretanto eu me debatia ainda entre os reflexos condicionados do corpo físico e o mecanismo vacilante do despertar da memória espiritual. Nesta situação, não se readquire o equilíbrio de imediato, a não ser no caso dos seres mais evoluídos e sem máculas morais, o que decididamente eu não era.

Mesmo como estava, era possível lembrar os esclarecimentos que oportunamente recebera, mas era difícil aceitar a nova realidade, além disso, me negava teimosamente a reconhecer a minha situação real. Se não reagisse desse modo, teria me adaptado à condição de desencarnado mais facilmente, ficando logo livre dos incômodos reflexos da vida corpórea.

E o tempo foi passando...

Certo dia, meditando sobre essas lembranças, concluí que Gorne e seus cúmplices tinham me assediado psiquicamente durante aquela encarnação, tinham encontrado na minha mente condições adequadas para penetrarem nos meus pensamentos e interferirem nas minhas decisões, induzindo-me a agir conforme os seus objetivos. E dessa interferência resultaram vários feitos maléficos cometidos por mim, atos que, na realidade, condiziam com os interesses abrigados no meu íntimo, pois eles não teriam como contrariar o que eu tinha na personalidade.

Nenhum dos integrantes do bando sabia avaliar perfis psicológicos, elaborar estratégias eficazes, habilidades que eu possuía e utilizava com facilidade; eles me tratavam bem por causa do grande valor que atribuíam a esses aspectos pessoais, os quais, mais tarde, também os motivariam a me entregar o comando do grupo.

Trataram-me assim, como hóspede importante, por cerca de dez anos e, assim que readquiri o controle consciente das minhas faculdades, passei a prestar-lhes os meus serviços, cumprindo as incumbências e orientações que me davam.

Por meu próprio arbítrio, fui ensinando-os a fazer alterações em várias das suas rotinas de ação, imprimindo-lhes mais eficiência e eles passaram a alcançar melhores resultados em menos tempo, com menos esforço e com menores efetivos.

Era o que isso o que queriam de mim.

Eventualmente, elementos mais experientes do grupo, começaram a submeter os seus procedimentos à minha apreciação, antes de cada operação.

Nem todas as minhas sugestões eram aceitas; por exemplo, para mim era indispensável o conhecimento das ações costumeiras dos indivíduos-alvo, antes de atacá-lo, prática que eles não aprovaram, considerando um esforço a mais sem utilidade. Contudo, foram se habituando a confiar em mim, até se tornarem totalmente dependentes

das minhas orientações e, como era de se esperar, assumi-lhes a liderança, conforme já fizera antes.

Os eventos se repetiam: o acolhimento do grupo, a fase de reequilíbrio das percepções, o crescimento do meu poder sobre eles e a assunção da liderança do grupo.

Gorne me conduzira sutilmente a esta posição.

Muitos dos antigos integrantes do bando estavam ainda desencarnados desde a época da minha presença anterior no grupo, por falta de interesse deles em voltar à vida material ou por ninguém ter intercedido em seu favor, como Lísia fizera no meu caso. Outros reencarnaram, tomando novos rumos, uns foram resgatados como eu, mas, mesmo afastados do grupo, muitos conservaram os vínculos com ele.

Gorne que fora o imediato no meu comando anterior e ficara na liderança deles quando fui removido; agora, me devolvia a antiga posição de chefia, acatando as minhas opiniões sem objeções e deixando-me livre para agir, ciente do risco de, assim, perder a sua autoridade no grupo. E isto acabou acontecendo, quando os seus liderados pararam de lhe pedir orientações, preferindo me procurar abertamente para ajudá-los nos seus trabalhos.

Sem demonstrar contrariedade, Gorne cedeu-me a chefia do grupo, permanecendo em posição subalterna. Devolver-me aquela posição fora uma questão de honra para ele, pois reconhecia a superioridade da minha capacidade de satisfazer completamente os propósitos do grupo e se sentira agradavelmente prestigiado por tê-lo designado para o comando do grupo, no período em que fiquei ausente.

CAPÍTULO IX A GOVERNADORIA

Em qualquer coletividade há sempre disputas pelo poder, especialmente nas épocas de mudança de chefia. Indivíduos ambiciosos aproveitam os conflitos criados pelas modificações inevitáveis para provocarem situações problemáticas, a fim de conquistarem algum tipo de vantagem. Mas foi-me fácil assumir a direção daquele grupo, porque isto já era o desejo dos seus integrantes.

E o grupo prosseguiu com as suas operações sem necessidade de grandes alterações.

Minha capacidade sempre foi muito superior à de qualquer um daqueles facínoras. Eles me achavam infalível, porque tudo o que faziam alcançava sucesso, quando agiam exatamente como os orientava. O relacionamento entre nós era como o de um adulto chefiando jovens inexperientes que o obedeciam instintivamente, sem raciocinar.

Incuti neles a crença de possuir poderes terríveis e temiam me contrariar, o que era muito conveniente à manutenção da disciplina no grupo. Mas, mesmo assim, nem sempre foi fácil controlar aqueles delinquentes e precisei muitas vezes, para mantê-los submissos às minhas determinações, mostrar-lhes o quanto eu podia ser insensível, intolerante, incapaz de admitir insubordinação, além de impiedoso nas punições. Quando alguém cometia um erro, o castigo era inevitável, cruel e aplicado publicamente, a fim de desestimular os demais a cometerem quaisquer erros. Era a ânsia de vingança enraizada no íntimo deles a principal razão de se submeterem à minha liderança, pois conheciam a minha capacidade de lhes fornecer condições eficazes para as suas desforras, mas alguns me obedeciam por temerem os meus “poderes especiais” e a minha destreza na dominação psíquica.

A manutenção da disciplina em qualquer organização pode ser conseguida por um chefe carismático, isto é, possuidor da faculdade natural ou desenvolvida de inspirar nos seus comandados a admiração e o desejo de agradá-lo. Um líder assim consegue que seus seguidores o obedeam cegamente, magnetizados pela sua personalidade. O comandante que não tem essa capacidade necessita da crença de ser dotado de poderes superiores, para coagi-los à obediência às suas ordens; tem que fazê-los temer as conseqüências de qualquer inobservância às suas normas, criando neles uma “barreira” mental que os impeça de pensar em desobedecer, de tomar iniciativas desautorizadas ou de negligenciar as suas funções. Isto pode ser conseguido pelo condicionamento dos seus reflexos através do exercício persistente e repetitivo de lições duras de prêmio e castigo, para conseguir a obediência sem hesitações dos seus liderados.

Os meus assessores mais próximos, os de maior confiança, obedeciam por me adotarem como seu líder natural, os demais integrantes do grupo cumpriam as tarefas que lhes eram determinadas por coação e reflexo condicionado.

Além disso, a fim de proporcionar as melhores condições possíveis ao sucesso das tarefas, instituí normas severas de ação a serem seguidas em todas as atividades, entre as quais figuravam a proibição de qualquer missão ser cumprida por um executor isolado, para favorecer a vigilância sobre as atuações individuais, a divisão das responsabilidades e facilitar o controle geral, a exigência das equipes serem constituídas de dois elementos chefiados por um terceiro; cada par dessas equipes formava um subgrupo sob as ordens de um chefe; cada par de subgrupos formava uma fração, por sua vez liderada por um outro elemento e assim por diante, formando os diversos escalões sucessivos; os líderes superiores ficavam sob o meu comando direto, o comandante-em-chefe, a quem chamavam de “Governador”; todos os elementos estavam sempre sob a observação de um chefe que, por sua vez, era vigiado por outro, a quem era subordinado.

Outro cuidado exigido era o de cada elemento receber o mínimo indispensável de informações sobre a sua tarefa, a fim de garantir que somente eu tivesse o conhecimento global das operações.

Com esses procedimentos, o grupo conseguia alcançar resultados muito satisfatórios e equipes com pequeno número de tarefeiros eram bem sucedidas em operações contra organizações de grande efetivo.

À medida que progredia o meu controle sobre eles, dispensei os menos capazes, conservando no grupo somente os mais hábeis em assédio psíquico. Estes possuíam muita fraqueza de caráter, característica que torna o espírito vulnerável à influenciação, fator importante para o meu domínio sobre eles. Depois recrutava outros elementos, sempre preferindo os de peculiaridades na personalidade que convinham aos meus objetivos.

O poderio do grupo expandiu tanto que, em certa época, cheguei a contar com cerca de seis mil e trezentos auxiliares diretos e um número muito maior que esse de colaboradores provisórios, usados apenas durante o desenvolvimento das tarefas.

Vários elementos desertavam por medo de não serem capazes de cumprir as missões que lhes eram atribuídas, alguns eram resgatados do grupo por seus entes queridos ou recolhidos por tarefeiros espirituais. Assim, era necessário o recrutamento constante para compensar as faltas de pessoal e manter as equipes com o efetivo adequado às tarefas.

Havia um núcleo permanente de assessores com cerca de trezentos indivíduos, um efetivo não muito grande, mas de expressiva qualidade, composto por elementos inegavelmente valorosos, hábeis no uso das suas faculdades em atos incorretos, sempre dispostos a qualquer esforço para defender os seus pontos de vista, desinteressados pelo bem e pela sinceridade, dotados de desmedida auto-estima, além de muita covardia, falhas de caráter que favoreciam o meu domínio psíquico sobre eles.

Arrebanhávamos elementos preferencialmente no Mundo Espiritual, mas buscávamos também colaboradores úteis entre os que estavam ainda na vida material.

Evitávamos incorporar ao grupo elementos pertencentes a outras organizações, porque isso sempre criava problemas. Por exemplo, a disputa por determinado indivíduo o fazia exagerar o próprio valor e isso não nos interessava, porque, além de tornar indispensável negociar o concorde dos seus chefes, ele não ficava grato a nós e o recrutado devia ser conquistado e não comprado, precisava se achar atendido por muito favor, a fim de se sentir obrigado a dar o melhor de si para nos agradar, para continuar merecendo os nossos auxílio e confiança.

Este era o procedimento adotado com os indivíduos mais inteligentes dentre os que desejávamos juntar a nós; os demais eram capturados, dominados pelo medo e obrigados a executar as tarefas da melhor forma possível, temendo cair no contragosto dos seus chefes.

Todos eram submetidos a rigorosa seleção, sendo escolhidos sempre os de bom potencial para a influência psíquica e dotados de falhas de caráter. Preferíamos sempre os arrogantes, os ambiciosos, os prepotentes, os invejosos, os vingativos, os revoltados, os orgulhosos, os insinceros, os vaidosos, os intolerantes, os impiedosos, os covardes...

Muitos dos que tinham características da personalidade favoráveis ao nosso domínio e condizentes com os nossos objetivos eram sondados enquanto ainda encarnados, para serem submetidos à nossa interferência psíquica e conduzidos ao nosso convívio no menor prazo possível, urgência que muitas vezes levou-nos a interferir no psiquismo de alguns, induzindo-os a se “apressarem” a desencarnar.

Assim que incorporávamos um recruta ao grupo, este era submetido a sessões de excitação dos seus sentimentos negativos, como ocorrera comigo noutras ocasiões já relatadas. Nelas, cada indivíduo era forçado a recordar ocorrências que tinham como efeito avivar-lhes a revolta no íntimo, intensificando a sua ânsia de vingança contra os autores dos seus males, ao mesmo tempo em que lhe era garantido o apoio ao seu desejo de justiça, a fim de induzi-lo a se sentir em dívida com o grupo.

Passada esta fase de preparação, o incorporado era encaminhado aos setores de instrução e adestramento, conforme as suas características pessoais, a fim de ser habilitado às funções de interesse da organização.

Associamos muita gente de valor ao grupo, formando um verdadeiro exército, composto de diplomatas, intelectuais, guerreiros hábeis, administradores, religiosos, ex-governantes, ex-ministros, legisladores, engenheiros, médicos, enfermeiros, operários, secretários, técnicos em diversas especialidades e outros indivíduos de várias categorias, muitos modestos na aparência ou no saber, mas todo dotados de caráter inferior, capazes de qualquer atitude para os seus objetivos maléficis.

Agentes diretamente subordinados a mim tinham o encargo de dirigir as atividades em toda a cadeia de comando. Era uma cadeia de subordinação contínua, imutável, sustentada por normas rígidas e incorruptíveis. As ordens seguiam de mim até os executores, enquanto as informações vinham no sentido oposto até chegarem ao meu conhecimento e tudo feito de forma a que o menor número possível de elementos soubesse das ações – só eu tinha ciência de tudo.

A maioria esmagadora dos membros era do sexo masculino, mas havia também mulheres atuando nos escalões de execução. Não confiávamos encargos de chefia a elas para que as ações de comando não fossem prejudicadas por problemas de ordem sexual, entretanto, algumas peculiaridades da personalidade delas tornavam-nas insubstituíveis em certas situações, como no castigo a um marido infiel, por exemplo, no que elas eram muito mais impiedosas que os homens, assim como nas cobranças de ultrajes a mulheres ou crianças, conseguindo sucesso em missões nas quais eles costumavam fracassar.

O adestramento dos recrutados para as funções a desempenhar era feito por instrutores formados, treinados e supervisionados diretamente por mim.

Na verdade, todos possuem a faculdade de interferir nos pensamentos dos outros, mas é necessário aprender a empregá-la eficazmente, o que nós sabíamos promover, pois tínhamos professores particularmente peritos nessas práticas.

Quando mostrávamos a algum desses recrutas a maneira de alcançar os seus objetivos, geralmente havia uma fase inicial de dificuldade que exigia auxílio, entretanto, logo se tornavam capazes de crescer por si mesmos, aprendendo rapidamente o que verdadeiramente queriam fazer; depois, bastava apontar-lhes o inimigo e mostrar as suas fragilidades, para que o ódio ardente no íntimo deles os fizesse executar a cobrança desejada com as técnicas ensinadas, reforçadas pela sua ânsia febril de desforra. E, assim, satisfaziam o mesmo desejo que eu abrigava no meu íntimo.

Forcejava para manter os elementos da Governadoria convictos de nada haver de errado nas nossas ações – só fazíamos justiça –, embora eu soubesse serem as idéias de vingança o real motivo do meu regozijo. Fazia uma verdadeira “lavagem cerebral” neles, a fim de convencê-los que não “abriam as feridas”, apenas “enfiavam o dedo” nas já abertas, não “espalhavam gasolina”, apenas “atiravam o fósforo aceso”, na que já estava “derramada”, ou seja, usavam o que os indivíduos-alvo já sentiam para os castigar.

Os nossos métodos eram agressivos e violentos, mas só agíamos psiquicamente, interferindo na mente daqueles que queríamos justificar.

Propagávamos insistentemente a idéia de que o objetivo maior da organização era a execução da justiça, a aplicação do castigo nos culpados, nos devedores, nos que mereciam a punição que recebiam, cujas culpas eram criteriosamente investigadas antes de decidirmos empregar os nossos recursos para puni-los, o que só fazíamos se nos certificássemos de merecerem isso.

Foram muitos os contratos que recusamos por constatar que os indivíduos-alvo não mereciam o pretendido desfecho; mobilizávamos os nossos recursos apenas contra elementos culpados, inequivocamente merecedores da cobrança, como fazem os advogados dignos que só aceitam causas nas quais os contratantes estão realmente com a razão.

Há muitos profissionais da lei desinteressados pela lisura da justiça que visam apenas os honorários da causa, mas esse não era o nosso caso; queríamos lucros também, mas não em troca da dignidade que alegávamos defender nos nossos propósitos de aplicação rigorosa da justiça.

Todavia, sabíamos intimamente que a nossa intenção real era a vingança das aflições e dores causadas pelos nossos antigos algozes. E nos comprazíamos com os atos de desforra promovidos, identificando-nos com os sentimentos e ações dos seus promotores; as suas cobranças eram nossas também e acompanhávamos os desfechos fatídicos com mórbida e inconfessável satisfação.

As operações eram todas de natureza psíquica; não usávamos qualquer tipo de aparelho, equipamento ou instrumento. A única exceção era admitida no caso do aprendiz que não conseguia sintonizar com o indivíduo-alvo designado para ele, situação em que lhe dávamos um aparato qualquer, mandando-o usá-lo como transmissor de mensagens psíquicas, a fim de induzi-lo à autoconfiança, até ele mesmo perceber ser o seu próprio pensamento o produtor dos resultados que obtinha.

Os agentes bem sucedidos nas tarefas eram premiados com bons tratos, encontros desejados, estadia em locais paradisíacos, serviços do seu interesse etc., mas aos que fracassavam nas tarefas aplicávamos punições severas, publicamente, de forma a desencorajar os demais a cometerem erros semelhantes.

Intimamente, sempre tive dúvidas quanto a estar agindo certo ou errado, pois não tinha a intenção consciente de fazer mal a quem não merecia e só autorizava ações de castigo a indivíduos de mau caráter comprovado, mas isso não anulava a impressão de incorreção.

Certa vez, determinado indivíduo muito habilidoso infiltrou-se na organização e, com muita sutileza e argumentação, conseguiu me convencer a considerar a possibilidade de abandonar aqueles empreendimentos maléficos, convidando-me a visitar uma instituição espírita, a fim de conhecer as atividades ali desenvolvidas.

Acompanhado pelos meus assistentes diretos, compareci ao local indicado, a fim de observar o comportamento dos tarefeiros dali, a quem considerava representantes daquela Doutrina, mas constatei muita falsidade e hipocrisia na mente deles. Assistimos a uma reunião, num local em cujo acesso havia um cartaz com os dizeres: “*ENTRADA FRANCA PARA O SEU CONHECIMENTO*”, com algumas palavras mais sobre verdade e liberdade, mas observei ali muita gente humilhando ou sendo humilhada, enquanto várias pessoas atuavam nas atividades em busca apenas do destaque social.

Isso nos fez retornar à nossa base convencidos do nosso trabalho estar longe de ser abandonado e nunca mais quis repetir essa experiência.

No Mundo Espiritual, diversos espíritos se agrupam para agir conforme propósitos inferiores como o nosso; muitos desses agrupamentos operam independentemente, mas alguns agem subordinados a outros ou formam alianças, conforme os seus interesses e, numa determinada ocasião, recebemos a proposta de aliança com outra organização, para trabalharmos juntos, somar esforços e expandir as nossas zonas de ação.

Cheguei a pensar favoravelmente na hipótese, pois seria um meio de ampliar o poderio do nosso grupo.

Investiguei-os e descobri que os seus integrantes se dedicavam a ações de vandalismo, infiltravam agentes nas instituições religiosas para depreciar as pessoas que se encarregavam dos afazeres dali, interferindo nas suas ações durante as reuniões e tarefas, aproveitando a crença em poderes místicos de alguns para promoverem desentendimentos, litígios, conflitos, antagonismos...

Conhecíamos muitos religiosos que sabíamos serem pessoas sinceras e abnegadas, cujas ações não aprovávamos, mas não os achávamos merecedores de interferências maldosas. Isso me fez decidir, então, que as finalidades daquele grupo nada tinham em comum com as nossas, porque dirigíamos o nosso poder exclusivamente contra indivíduos cuja culpa era incontestável, o que nos tornava incompatíveis com quaisquer outros objetivos, incluindo os deles.

Recusei a aliança proposta, sofrendo depois muitas ameaças em consequência disso, mas nunca mais admiti a possibilidade de aliar-nos a nenhum outro grupo, fossem quais fossem os seus objetivos e métodos.

E continuamos com as nossas operações...

Era do nosso conhecimento que determinados grupos empregavam recursos de parasitismo mental. Seus agentes acoplavam aos indivíduos-alvo espíritos conhecidos como “ovoidizados” que, sugando-lhes as energias corpóreas, os enfraqueciam até apresentarem as condições adequadas ao domínio que desejavam lhes impor.

Muitos espíritos, por sugestão hipnótica deles próprios ou de outros indivíduos, permanecem por longo período com toda a sua atenção concentrada num só pensamento, deixando de empregar seus recursos psíquicos para qualquer outro propósito. Com a falta de uso, seus órgãos perispirituais podem se atrofiar e, com isso, perderem a capacidade de manter a forma humana, transformando-se em glóbulos de dimensões semelhantes às do crânio de um ser humano adulto. Esse processo é comumente mencionado como

“ovoidização”, porque ficam semelhantes a ovos. Sua sobrevivência, nesta condição, depende do fornecimento externo das energias de que necessitam ou do parasitismo, processo no qual eles se conectam ou são conectados a órgãos perispirituais de outros indivíduos cujo pensamento tem semelhança com o deles, sorvendo-lhes as energias tal verdadeiros vampiros. Afinizados aos seus “hospedeiros”, condição indispensável à manutenção da ligação com eles, transferem-lhes fluidos doentios, gerando enfermidades de variada natureza no seu corpo físico.

Há espíritos dotados de muita habilidade no uso da hipnose, capazes de aproveitar idéias inferiores encontradas na mente de determinados indivíduos, para induzi-los a se “ovóidizarem”, colocando-os nas condições favoráveis à sua conexão a algum órgão do corpo físico de alguém, como objetivo de levar este alguém à exaustão orgânica.

Técnicas dessa natureza exigem conhecimentos profundos do funcionamento do perispírito e do corpo físico, mas isso não era do nosso interesse; dominávamos os recursos de interferência psíquica com que alcançávamos resultados satisfatórios aos nossos objetivos e isso nos bastava.

CAPÍTULO X A BASE DAS OPERAÇÕES

Ocupávamos uma região localizada sobre o planalto central deste novo continente, usufruindo os seus benefícios geográficos e estratégicos.

Naquela época, o local era desabitado, o que nos era muito conveniente, porque não havia interferência material nem espiritual de vulto, uma vez que os interesses do bem se concentram mais intensamente nos lugares de grande ajuntamento de pessoas, embora não sejam deixados ao abandono as que vivem isoladas ou reunidas em pequenos grupos.

Ali construimos uma fortaleza rústica em estilo medieval, a exemplo dos castelos antigos. Paredes de grande espessura, sólida muralha com torres elevadas nos cantos estratégicos, pântano tenebroso ao seu redor, tudo envolto numa névoa pardacenta de aparência amedrontadora.

A qualidade da engenharia que possuíamos não era acompanhada de pureza de pensamentos e, por mais que nos esforçássemos para a arquitetura ser agradável, bonita, bem delineada, as formas acabavam ficando retorcidas, irregulares, defeituosas, porque os nossos padrões mentais eram de profunda inferioridade moral.

Em todo grupo, as emanções psíquicas dos seus elementos se conjugam para definir as características do ambiente que habitam. As nossas irradiações fluídicas naturais eram de baixa qualidade, motivo suficiente para, por maior que fosse o esforço despendido, não sermos capazes de conseguir a harmonia arquitetônica que, por exemplo, ostentam as instalações de trabalho no bem, como a misericordiosa instituição espiritual que me acolheu com tão grande bondade e carinho, para me ajudar na retornada do caminho do progresso evolutivo. Neste local, de edificações não muito amplas, o hábito do bem dos seus habitantes faz com que os ambientes sejam agradáveis, riosos, refletindo a luz que vem do Mais Alto.

Mas isso não acontecia com a nossa fortaleza, embora o desejássemos. Não havia luz para refletir, porquanto imperava ali a penumbra, as imperfeições dos acabamentos grosseiros e o aspecto rudimentar dos cômodos. Mesmo assim, era o melhor que podíamos produzir e nos parecia muito conveniente, embora pudesse causar repugnância a qualquer observador de categoria evolutiva mais elevada.

A edificação era espaçosa e funcional para os nossos propósitos, planejada para ser imponente capaz de provocar admiração em qualquer visitante, mas era encoberta por um nevoeiro sombrio e pardacento.

O acesso ao seu interior era uma alameda de largura irregular, tortuosa, cheia árvores ressequidas, espalhadas em desalinho, envoltas por uma neblina densa e malcheirosa, galhos retorcidos, cobertos de espinhos, solo sem vida, pedras de vários tamanhos espalhadas por toda parte.

Apesar de não podermos construir nada melhor, aquele aspecto desagradável nos era conveniente por causar temor em quem dele se aproximasse.

A vigilância da muralha era feita por indivíduos rudes, despenteados, barbas por fazer, vestes sujas, expressões fisionômicas desagradáveis, posturas pouco recomendáveis para alguém de formação militar, portando armas que não sabiam manejar corretamente: espadas, arcos, canhões toscos de carregar pela boca, massas, cajados, punhais, lanças, artefatos primitivos, mas bastante poderosos para enfrentar inimigos que não contassem com recursos bélicos mais sofisticados, além do que o nosso serviço de inteligência possibilitava atualizarmos esses apetrechos sempre que surgia algo mais aperfeiçoado.

No pântano repugnante que cercava completamente o lado externo da muralha, viviam indivíduos de aparência animalesca, apavorante, monstruosa. Eram espíritos embrutecidos, com a mente cheia de idéias de vingança sanguinária que geravam em torno deles um asfixiante halo repulsivo e amedrontador. Por causa da intensidade e constância da sua ânsia de destroçar os adversários como se fossem feras selvagens, mostravam-se transfigurados, num processo de profunda auto-hipnose, ostentando as formas correspondentes: leões, ursos, panteras, gorilas, lagartos, crocodilos... Eles prestavam o serviço de guarda dos acessos da fortaleza, em troca de proteção. Com as suas atitudes ameaçadoras, amedrontavam os intrusos, dificultando-lhes a aproximação, enquanto os seus bramidos alertavam os vigias da muralha, permitindo-lhes acionar os alarmes que eram também muito rudimentares, como acenos de tochas acesas conforme um código pré-estabelecido, batidas repetidas em pedaços de metal, para a tomada das providências necessárias à contenção dos ataques.

Graças à eficiência desses alarmes, eram rechaçadas as tentativas de invasão desfechadas contra a fortificação e sempre foi possível garantirmos a nossa defesa, exceto nas investidas do bem contra o que nada podíamos fazer..

No interior da fortificação, escadas irregulares e mal cuidadas, escuros corredores estreitos conduziam a aposentos rústicos, nos quais havia móveis toscos de acabamento grosseiro; a iluminação, muito deficiente, era feita com velas, tochas bruxuleantes a exalarem odores desagradáveis e janelas que não passavam de brechas irregulares nas paredes grossas, de pedras nuas, descoradas e manchadas; as entradas eram estreitas, muitas sem porta, algumas protegidas por reposteiros feitos de tecidos grosseiros, ásperos, pesados, ventilação insuficiente, ar pesado e malcheiroso.

Contudo, em comparação com as nossas moradias anteriores, o era muito cômodo e servia muito bem aos nossos propósitos, proporcionando-nos abrigo e segurança.

Essa era a base de operações da Governadoria, onde eu, o Governador, me alojava com os meus serviçais e auxiliares diretos e de onde eram organizadas e despachadas as equipes para os diversos locais de trabalho. Dali, os observadores saíam em busca das informações necessárias à elaboração das estratégias de assédio, enquanto eu, reunido com os meus assessores diretos, recebia e examinava os relatórios para a avaliação do desenvolvimento das tarefas, o planejamento das modificações e o despacho dos mensageiros, em atividade contínua.

Os executores das operações, de posse dos planos das missões, deslocavam-se para as suas áreas de atuação, a fim de desencadear as operações, sob constante e atenta vigilância dos nossos “olheiros”.

Em muitas situações, o grupo ficava muito vulnerável às ações de interferência inimiga, o que nos obrigava a manter o estado de alerta constante, prontos para as medidas que fossem necessárias.

Os nossos interesses não se restringiam ao continente americano, pois agíamos em qualquer local do planeta, não havendo onde não pudéssemos alcançar com as nossas equipes. Estivemos em ação nas grandes guerras mundiais e noutras inúmeras situações de conflito, registradas ou não na história da Humanidade.

Onde surgem choques de interesses, há sempre condições favoráveis às atividades de interferência espiritual, maléfica ou benéfica.

Secretamente em operações paralelas, inúmeras investigações e sondagens eram efetuadas no cotidiano dos indivíduos do nosso interesse, muitas vezes em processos demorados que podiam se estender por períodos prolongados, a fim de enriquecer os dossiês que facilitavam aos nossos estrategistas definirem os procedimentos capazes de produzir os desfechos desejados.

Havia, na Governadoria, um indivíduo de especial competência na execução dessas missões, apelidado por nós de “Observador”.

Indivíduo minucioso e eficiente na coleta das informações, no controle dos auxiliares e na catalogação dos dados, seus serviços eram de extremo valor para o sucesso das operações. A sua captura pelas forças do bem que ocorreu numa certa época, foi uma perda muito grande que enfraqueceu muito a nossa capacidade.

Sempre que houvesse algum intervalo nas operações, eu reunia os meus auxiliares diretos para analisar os objetivos, os resultados, os comportamentos e as decisões das diversas operações da Governadoria. Para me auxiliarem nisso, utilizava os elementos mais capazes da organização. Planejar batalhas, derrubadas de governos, eliminação de lideranças sociais, políticas ou religiosas eram tarefas complexas que tornavam esse procedimento indispensável. Estudávamos os relatórios exaustivamente, pois era muito importante conhecermos completamente as minúcias dos procedimentos das equipes nas áreas de ação, os seus progressos, as mudanças de situação e tudo o mais que pudesse influir no sucesso das operações. Algumas vezes, mudávamos o entendimento em relação a certa forma de ação, ou decidíamos enviar novas frações para efetuarem atividades julgadas necessárias, ou para reforçar grupos em determinadas frentes de trabalho etc..

Assim se desenvolviam as atividades na fortaleza, a nossa base de operações.

CAPÍTULO XI

A GOVERNADORIA EM AÇÃO

Certa vez, na realidade espiritual, desejei que um certo indivíduo executasse determinada ação. Sem me dar conta do que fazia, concentrei o pensamento na ordem correspondente e, surpreendentemente, ele obedeceu. Repeti o procedimento e obtive o mesmo efeito. Esperei um pouco e voltei a efetuar a ordem mental, obtendo a mesma consequência. Fiquei muito excitado com a descoberta desse poder de submeter outros indivíduos à minha vontade que não suspeitava possuir.

Voltei a aplicar o processo no mesmo sujeito, tentando outros tipos de sugestão, assim como outras maneiras de sugerir e obtive sucesso em muitas tentativas. Passei a aplicar o mesmo procedimento em outros espíritos, procurando metodicamente conhecer as

peculiaridades da faculdade e identificar os métodos mais eficazes da sua aplicação. Percebia que este poder seria extremamente útil para mim futuramente e o investiguei exaustivamente até controlá-lo.

Qualquer indivíduo é naturalmente possuidor dessa faculdade em estado germinal, mas é necessário aprender o seu controle para poder empregá-la. Interferir nos pensamentos de outra pessoa não é fácil, exige o estabelecimento da ligação psíquica do assediador com o indivíduo-alvo e, neste processo, é indispensável haver entre eles *vínculo psicológico, sintonia vibratória e afinidade fluídica*; a falta de qualquer destas condições impede totalmente a concretização da ligação psíquica.

O vínculo psicológico resulta de algum compromisso assumido, conscientemente ou não, em acontecimentos passados, nos quais os dois, assediador e indivíduo-alvo, interagiram de alguma forma prejudicial para o primeiro. A ação faz surgir automaticamente um vínculo psíquico entre o autor e o receptor, um elo de ligação que só é desfeito com a compensação do feito. No caso do assédio maldoso, esse vínculo é gerado por um malefício causado, direta ou indiretamente, pelo indivíduo-alvo ao assediador, em alguma oportunidade passada.

A sintonia vibratória ocorre quando o assediador tem, na sua mente, idéias da mesma natureza dos sentimentos abrigados pelo indivíduo-alvo na sua. Cada criação mental tem a sua vibração característica e os espíritos atraem os outros cujas mentes vibram em frequência semelhante à dos seus pensamentos. Quando, por exemplo, um indivíduo tem um pensamento de ódio, os desencarnados com este sentimento, por não terem o corpo físico a tolher-lhes os sentidos, o captam com facilidade e se sentem atraídos para ele; se tiverem algum interesse no indivíduo, maléfico ou benéfico, poderão buscar o seu convívio mental. Quando não há esta semelhança de idéias, não há sintonia e o assediador nem tem como perceber o alvo das suas intenções.

A afinidade fluídica é conseqüência da semelhança dos hábitos psíquicos dos envolvidos, ou seja, assediado e assediador têm personalidades parecidas. No assédio com intenções maléficas, estas devem ter semelhantes aspectos de natureza inferior – as falhas morais. Isso ocorre porque os espíritos, encarnados e desencarnados, possuem, em torno de si, uma “psicosfera pessoal” ou “aura”, campo de influência, composto pelos fluidos emitidos pelos seus próprios pensamentos, que os circunda inteiramente e os acompanha onde quer que estejam. Este campo, imperceptível aos órgãos sensoriais do corpo físico, tem as propriedades correspondentes às peculiaridades das criações psíquicas habituais do indivíduo. Para fazer a conexão psíquica, o interessado precisa interpenetrar com a sua aura a do indivíduo-alvo, podendo ocorrer difusão dos fluidos de uma nos da outra, aceitação que se denomina “afinidade”, única condição que permite o compartilhamento das criações mentais, isto é, único jeito de um poder interferir nos pensamentos de outrem. Pode não haver essa aceitação fluídica, situação que anula a possibilidade da conexão, mesmo havendo vínculo psíquico e sintonia dos pensamentos de ambos – o agente assediador interferente só conseguirá concretizar a sua “hospedagem” na mente de um indivíduo se os pensamentos habituais deste tiverem semelhanças com os dele.

Na Governadoria, o recurso empregado nas cobranças era somente esse sistema de influência psíquica que dominávamos. Eu controlava uma grande habilidade nisso que, reforçada pela liderança natural, possibilitava a minha permanência na chefia do bando.

Os nossos trabalhos seguiam uma rotina bem definida. Primeiro, entre os diversos compromissados com atos maldosos cujas cobranças eram solicitadas por seus pretensos credores, escolhíamos o indivíduo que seria o alvo da nossa influência; a personalidade dele era exaustivamente analisada para a aprovação ou não da execução do assédio; se

concluíssemos que o indivíduo-alvo não era merecedor do prejuízo das nossas ações, a realização da operação de assedia era cancelada.

Uma vez aprovada a aplicação da cobrança, antes da investida, coletávamos o máximo possível de informações sobre o indivíduo a ser cobrado, as suas atitudes habituais, mesmo as íntimas, os ambientes que freqüentava, seu relacionamento com as pessoas do seu convívio, a fim de identificar as suas fraquezas psíquicas, avaliar a possibilidade de êxito e decidir a melhor estratégia para alcançar o objetivo de sempre: fazê-lo sofrer pelo mal que causara ao seu cobrador.

Terminada esta fase, o próximo passo era mandar os assediadores promoverem o envolvimento do indivíduo-alvo em situações problemáticas para torná-lo inseguro e mantê-lo nesse estado de ânimo, sem descanso, sem trégua, até induzi-lo a mergulhar em profunda perturbação emocional. Uma vez conseguido isso, os agentes previamente selecionados efetuam a sua ligação psíquica com o indivíduo a ser assediado, procurando conquistar a sua simpatia, oferecendo cumplicidade, apoio amistoso, a fim fazê-lo aceitar a ligação mental iniciada e conceder a “hospedagem” deles na sua mente. Uma vez aceitos no psiquismo do indivíduo-alvo, iniciavam a ações de aprofundamento da interferência nos seus pensamentos, até conseguirem convencê-lo a efetuar o desfecho planejado.

Era importante conhecer o perfil psicológico do assediado, porque, sem esse cuidado, tentar influenciar o seu psiquismo era como progredir em local desconhecido, travar batalha contra um inimigo invisível, o que geralmente resulta em desperdício inútil de tempo, pessoal e material.

Muitas vezes, apesar da execução correta dos preparativos, nossos esforços fracassaram, pois a defesa do indivíduo foi mais eficiente que os nossos recursos. Nesses casos, não lutávamos contra forças que podiam ser invencíveis e desistíamos, para esperar condições favoráveis a uma nova investida no futuro.

Qualquer que fosse o desfecho planejado por nós, era indispensável o indivíduo-alvo, induzido pelos influenciadores ou por sua própria vontade, assumir o estado íntimo favorável ao “encaixe” dos contatos psíquicos dos nossos agentes.

Por exemplo, interferir no relacionamento de um casal que estivesse em colóquio amoroso, num momento de carinho, seria totalmente ineficiente. O que se tinha que fazer era esperar uma ocasião de desentendimento entre os dois, para acionar as providências de interferência com alguma probabilidade de êxito. E, enquanto esperávamos isso, criávamos sutilmente incidentes que gerassem num a desconfiança na fidelidade do outro. Um colarinho sujo de batom, um flagrante de um gesto de carinho com um ex-amante, o cheiro de um perfume não habitual e incoerente, eram incidentes que, ocorrendo cm freqüência, favoreciam um clima crescente de desconfiança. E insistíamos com esse procedimento até conseguirmos o descontrole emocional, quando, então, conectávamos as ligações psíquicas para efetuar o nosso assédio.

Atuações como essas, de indução ao conflito dos relacionamentos, eram aplicadas geralmente nos grupos familiares, bases da sociedade em que viviam. Uma vez enfraquecido o laço afetivo entre os integrantes da família, esta se desequilibra e diminui a força da sociedade, princípio este que os homens do poder parecem não perceber, caso contrário conseguiriam promover a hegemonia do seu povo.

Assim prosseguia o desenvolvimento das nossas tramas secretas prejudiciais e muitas vezes fatais para os envolvidos.

As operações seguiam, então, fases gerais estudadas previamente, cuja eficiência era comprovada pelos excelentes resultados alcançados.

Sempre elaborávamos previamente dossiês com os hábitos e os desejos dos indivíduos-alvo, destacando as suas imperfeições morais, fatores favoráveis aos nossos

objetivos. Para isto, utilizávamos, além dos nossos investigadores, elementos inescrupulosos integrantes da companhia espiritual dele. Estes se comprometiam a vigiá-lo em troca de compensações, como visitas a lugares aprazíveis ou encontros com alguém do seu interesse. De posse desses dossiês, submetíamos as alternativas de ação possíveis a meticoloso estudo, adequando-as aos hábitos íntimos do indivíduos-alvo. E, antevendo possíveis ocorrências de imprevistos nas ações do grupo, elaborávamos também alternativas de ação para as quais os planos podiam ser modificados com a rapidez suficiente para garantir o sucesso da operação em curso. Todos estes procedimentos possibilitaram o nosso sucesso na grande maioria dos casos em que aplicamos os nossos métodos de interferência psíquica.

Cada encarnado tem a companhia inevitável e constante de espíritos desencarnados que vigiam o seu comportamento, tanto o íntimo quanto o ostensivo, compartilhando com ele seus sentimentos e idéias. Compõem esta companhia mental amigos, parentes, admiradores, cúmplices, cobradores de tempos passados, espíritos que têm pelo indivíduo algum interesse, benéfico ou maléfico que conseguem “hospedagem” no seu íntimo por estarem na sua mesma faixa evolutiva e manterem com ele sintonia e afinidade das criações mentais. Pela nossa ainda pouca evolução, os que atraímos para o nosso convívio psíquico são espíritos de pouca elevação e, entre eles, podem se encontrar alguns que nos desejam o mal.

Esta companhia é uma ameaça constante para o nosso equilíbrio psicológico, mas constitui recurso valioso e eficaz de ajuda à nossa reforma interior, porque, sendo o pensamento a geratriz desse processo de interferência mental, também pode ser o fator reformador dessa companhia obrigatória; enquanto a criação mental inferior atrai e segura os indesejáveis, a reformada os repele e substitui por acompanhantes de melhor categoria evolutiva; a presença destes junto de nós trará inúmeros benefícios.

Dentre os vigias inevitáveis do indivíduo-alvo, uns contratávamos como nossos “olheiros” para informarem cada atitude sua ao comando da Governadoria. Isto era feito por transmissão telepática, cuja propagação no fluido cósmico universal é quase instantânea – no exato momento da emissão de um pensamento, este era captado pelo observador e nós o conhecíamos, antes mesmo que se completasse.

Depois da fase de análise, empreendíamos a conquista da hospedagem psíquica de um ou mais dos nossos agentes, na mente do indivíduo-alvo. Para isso, aguardávamos ou provocávamos nele alguma atitude conveniente à sintonia dos influenciadores com ele ligados por vínculos psíquicos. E, assim que os “olheiros” nos avisavam do surgimento de uma idéia de natureza inferior, semelhante à dos agentes, estes se ligavam a ele para promoverem a interpenetração mútua das auras, a deles na do assediado. Isto conseguido, os assediadores passavam a induzir o indivíduo a conservar a atitude psíquica inferior, a fim de manterem a sua afinização com ele e se “hospedavam” na sua mente, a fim de misturarem as suas criações mentais com as do “hospedeiro”. A partir disso, tudo era feito para satisfazê-lo nos seus desejos mais íntimos: se quisesse beber, conseguiam-lhe companhia que gostasse de bebida, se pensasse em sexo, traziam quem lhe satisfizesse a libido, se pensasse em abrir um Motel, arranjavam quem lhe pudesse fornecer os recursos, se tivesse vontade de assaltar um Banco, forneciam-lhe a planta e assim por diante, sempre de modo a incentivá-lo a mais desejos inferiores. Conseguida, assim, a sua total aceitação pelo indivíduo-alvo, os agentes “hospedados” expandiam gradativamente a sua atuação no psiquismo dele, até conseguirem implantar ali os clichês mentais que melhor favorecessem a indução ao desfecho planejado. Depois disso, era promovida a armação da trama adequada à consecução do objetivo da operação – a aplicação do castigo.

Em certas situações, era utilizado um processo que denominávamos “eco” que consistia em inculcar a idéia desejada na mente do indivíduo-alvo através da sua repetição insistente; atingido o estado mental que nos era conveniente, reuníamos a ele vários espíritos de pensamentos fixos doentamente na mesma criação mental, a fim de impedi-lo de pensar em outra coisa, atormentando-o até induzi-lo a intensa perturbação emocional; quando ele atingia total desequilíbrio psíquico, insistíamos que pusesse um fim na agonia, instigando-o a executar o que fora planejado, como pular no despenhadeiro, atirar contra o próprio corpo, agredir alguém, assassinar, ingerir veneno, enforcar-se, pular na frente de um veículo para ser atropelado, empurrar alguém num precipício ou outro ato drástico como esses. E, na esmagadora maioria das vezes, conseguíamos o nosso intento.

Certa vez, pretendíamos levar ao suicídio um determinado indivíduo muito sovina. Os agentes influenciadores inculcaram no seu pensamento a idéia do dinheiro que trancara num cofre, constantemente vigiado por ele, estar prestes a ser roubado, induzindo-o a profunda preocupação; depois, os agentes reuniram ao redor dele vários desencarnados com fixação mental na mesma idéia, para fazer repercutir-lhe no pensamento repetidamente a ameaça iminente do assalto para roubá-lo, até ele ficar exasperado, perturbado emocionalmente, sem conseguir pensar em outra coisa; então, indicando o local onde ele guardava uma pistola, os influenciadores o convenceram de ser melhor acabar logo com aquele tormento, insistindo na sugestão dele se matar até que, num momento de extrema comoção, o sujeito pegou a arma, encostou o cano na cabeça e disparou, caindo no chão em agonia – atingimos o nosso objetivo mais uma vez.

Outro método utilizado era a implantação de idéias favoráveis ao assédio psíquico na mente do indivíduo-alvo, em cujo convívio mental os nossos agentes estavam já “hospedados”. O processo consistia em convencê-lo a agir do jeito desejado, através da argumentação adequada e insistente. Os influenciadores buscavam levá-lo a se envolver em alguma situação geradora de insatisfação, a fim de, depois, induzi-lo ao desfecho planejado.

Certo indivíduo, por exemplo, tinha uma esposa que não atendia às suas expectativas sexuais, deixando-o ressentido a ponto de se arrepender de ser casado com ela.

Depois de “hospedarmos” os agentes na sua mente, estes lhe sugeriam relacionar-se com outra mulher. Gerados pela sua consciência, surgiam pensamentos de reação a isso: a lembrança de ter assumido formalmente o compromisso no altar de ser fiel a ela ou de ser uma questão de honra manter o casamento; mas, em contraposição, os influenciadores lhe asseguravam ser a fidelidade válida somente quando há algum retorno da esposa, do contrário, não passava de um sacrifício inútil; contra-argumentavam todas as idéias justificadoras que lhe surgissem na mente, até surgir um sinal de aceitação dessas idéias, ocasião em que sugeriam o abandono definitivo, já que a mulher não lhe servia mais para nada. Buscando convencê-lo, apresentávamos persistentemente todos os pretextos possíveis, mesmo falsos ou grosseiros, para inculcar-lhe a vontade de agir da forma que desejávamos: insistiam que desconfiasse da fidelidade dela, do seu comportamento familiar indiferente, das suas atitudes com os parentes, com os amigos, com os conhecidos, acrescentando imagens mentais coerentes com as idéias conflitantes a inculcar no seu pensamento, para fazer crescer a animosidade pela companheira que já não o agradava mais. Depois disso, promoviam o seu envolvimento sexual com outras mulheres, a fim de que a esposa perdesse na comparação das suas atitudes amorosas com as delas. Tudo era feito com obstinada persistência até o indivíduo ficar extremamente descontente com a mulher e concretizar a separação.

No mundo dos encarnados, observam-se muitos acontecimentos cujas características indicam a aplicação dessa técnica, como as mudanças de comportamento em indivíduos

que, de uma hora para a outra, passam a agir de forma diametralmente oposta ao seu jeito costumeiro. Pode-se citar como exemplos: alguém de vida exemplar que passa a frequentar lugares indecorosos, uma pessoa de moral considerada inatacável que se envolve em situações escandalosas, certa mulher admirada pelo seu recato que trai o voto de fidelidade ao marido, um empregado de extrema confiança que causa vultoso prejuízo à firma, certo policial famoso pela retidão que é flagrado numa ação ilegal, um magistrado considerado exemplo de honestidade que se deixa corromper, pais de conhecido cuidado com os filhos que os atacam violentamente ou vice-versa, pessoas tidas como pacíficas que assaltam, assassinam, torturam...

Em certos casos, quando era conseguida a “hospedagem” na mente de um indivíduo, os influenciadores facilitavam-lhe o acesso a cargos de importância e notoriedade, removendo os obstáculos à sua ascensão social, profissional ou política, conduzindo-o sutilmente ao destaque; enquanto isso, envolviam-no em mais e mais compromissos, a fim de, no momento certo, fazer isso ser levado ao conhecimento público para que se realizasse a cobrança planejada.

Eventos como esses acontecem com grande frequência no Mundo Corpóreo, onde os escândalos, apesar de maléficos e prejudiciais, ainda são muito necessários.

Na maioria das situações, é possível incutir qualquer idéia na mente de um indivíduo, conforme as metas desejadas. Para isso, deve-se agir conforme a personalidade do indivíduo-alvo, enaltecer o valor do orgulhoso, elogiar a beleza do vaidoso, depreciar as posses do invejoso, apontar o descaso das pessoas ao egoísta, apontar cargos de importância ao ambicioso, prometer salários grandiosos, ganhos astronômicos...

Muitas pessoas ainda teimam em manter sentimentos inferiores no seu íntimo, favorecendo as ações nefastas dos influenciadores espirituais – onde houver qualquer sentimento negativo, sempre é possível sujeitar ao assédio psíquico interferente o indivíduo que o abriga no seu íntimo.

Deus que de tudo tem ciência e a tudo preside sempre faz surgir nos pensamentos das pessoas os argumentos que lhes fortalecem o desejo de acertar, embora lhes permita escolherem as atitudes por sua própria decisão. Assim, cada pessoa possui ligado a ela um conselheiro espiritual, conhecido como “anjo da guarda”, “guardião”, “guia”, “protetor”, com a missão de lhe inspirar as idéias da correção das ações, idéias estas que têm a força do interesse que o indivíduo sente por elas. Os influenciadores fazem o mesmo com as suas criações psíquicas doentias na mente dele, se acham ali condições que permitem isso.

Assim como os países têm a sua Carta-Magna, conjunto de preceitos a serem seguidos pelos seus habitantes, os espíritos possuem no íntimo a Constituição Divina. Mas a obediência a ela depende da vontade deles, isto é, eles escolhem o que desejam fazer, porque cada um é o governador da própria existência.

Ao entender que é muito melhor viver segundo a Vontade Divina, o espírito passa a progredir com mais rapidez e intensidade. Crescer, todos crescem, queiram ou não, pois ninguém retrograda nem consegue impedir o seu arrastamento pelo progresso dos seus semelhantes, mas a rapidez desse crescimento depende da vontade de atender aos preceitos da Constituição Maior.

Não há como se elevar sem o conhecimento e a vivência do que já se aprendeu; quando o espírito expressa o desejo neste sentido, todo esclarecimento necessário lhe é colocado ao alcance para que o absorva e empregue conforme a sua vontade, de acordo com a sua convicção das reais necessidades, sem subterfúgios, sem ilusões...

O que acontece com o indivíduo tendente às coisas do mal? Toda a atenção dele está voltada para o crime e isso lhe parece sempre o comportamento mais cômodo e age assim instintivamente. O que é mais fácil fazer: levar uma bofetada e perdoar o agressor ou atirar

uma pedra nele em revide? Na maioria das situações, este último é o modo de reagir que tendemos a utilizar, pois o egoísmo que ainda caracteriza a nossa personalidade é intenso ao ponto de nos impelir sempre para o jeito errado de agir. Dirigir-nos a alguém, reconhecendo que lhe fizemos mal, dizer-lhe que erramos e pedir-lhe o perdão continuará sendo extremamente difícil, penoso e desagradável, enquanto os sentimentos que abrigamos no íntimo não estiverem aperfeiçoados suficientemente.

Contudo, lembrando o que os amigos espirituais vêm me ensinando nos últimos tempos e negando a mim mesmo as desculpas antigamente engendradas para continuar agindo à margem das minhas verdadeiras necessidades, posso afiançar que, no futuro, este aperfeiçoamento chegará para todos nós, quando o orgulho for completamente vencido no nosso íntimo.

CAPÍTULO XII ATUAÇÕES NEFASTAS

Conforme mencionado, quando íamos envolver algum indivíduo em situações de dificuldade, as etapas das operações para isso eram definidas em duas fases: a de preparação e a de execução.

Na fase de preparação, localizávamos o indivíduo-alvo para, em seguida, estudarmos minuciosamente a sua personalidade em busca de fraquezas morais e da certeza dele merecer o nosso assédio maléfico; depois disto estar bem esclarecido, procurávamos elementos, pertencentes ou não ao grupo, com vínculos de prejuízos anteriores produzidos por ele; completadas estas providências, colocávamos o indivíduo-alvo sob vigilância constante, usando para isso algum integrante do seu grupo particular de acompanhantes espirituais, se possível; de posse das informações obtidas nestas ações, planejávamos a melhor estratégia para conseguir o desfecho desejado, além das alternativas de ação para o caso de eventuais imprevistos.

A fase de execução iniciava pela pressão emocional sobre o indivíduo-alvo, até ele atingir a condição adequada à sintonia psíquica dos nossos agentes com ele, a fim de, aproveitando a afinização resultante do vínculo de compromisso que existe entre eles e o indivíduo-alvo, os assediadores efetuarem a sua conexão à mente dele. Assim que isto era conseguido, os nossos agentes mantinham as condições favoráveis à permanência da ligação mental, através de sugestionamento insistente no psiquismo do indivíduo-alvo de idéias da mesma natureza das suas fraquezas morais. Assim se “hospedavam” na mente dele e passavam a induzi-lo às condições convenientes ao desfecho planejado, ocorrendo o mesmo com os demais envolvidos.

Quase sempre, essas fases levavam aos resultados que desejávamos.

Certo indivíduo, numa encarnação anterior, traiu a confiança de um integrante do nosso grupo, cometendo um ato de adultério com a sua mulher e, ansioso pela desforra, o nosso companheiro solicitou o apoio da organização para a sua cobrança.

Depois de analisarmos e aprovarmos o pedido, localizamos o indivíduo-alvo e, em contato com elementos da sua companhia espiritual individual, recolhemos as informações para o conhecimento da sua personalidade, identificando as suas falhas morais. Após nos certificarmos da sua culpa, mandamos alguns auxiliares exercerem cerrada vigilância sobre as suas atitudes. Assim que constatamos nos seus pensamentos idéias libidinosas sobre uma determinada mulher comprometida, promovemos a sua ligação mental com o companheiro cobrador. Este cuidou de manter inalterada a vontade do encarnado em ter relações sexuais com aquela mulher, enquanto outros agentes sugestionaram os

pensamentos dela, no mesmo sentido. Depois passamos à preparação do flagrante do adultério, agindo também na mente do marido ultrajado. Fortalecidos os vínculos psíquicos estabelecidos com cada um, mantivemos todos sob constante e intensa influência mental, a fim de “empurrá-los” ao desfecho final planejado que seria a chegada inesperada do marido traído no local do encontro dos dois para o flagrante do ato adúltero. Definidos o momento e o local do encontro, combinado “secretamente” pelo casal de parceiros incoseqüentes, promovemos a ocorrência do desfecho maligno. Durante a inevitável discussão, atuamos nas mentes cheias de exasperação e ira dos integrantes encarnados, dos quais impedimos o equilíbrio dos pensamentos, induzindo-os a se entregarem à contenda violenta e mortal que teve como resultado a morte do indivíduo-alvo, para a satisfação da ânsia de vingança do nosso companheiro cobrador.

Fora mais uma operação de “aplicação da justiça” realizada com sucesso.

Este processo mostrou-se eficaz num grande número de vezes, entretanto em algumas situações encontramos dificuldades que interromperam e impediram o desenvolvimento de operações muito bem preparadas. Deparávamos com indivíduos imunes ao tratamento que lhes queríamos aplicar, espíritos cujas brechas morais ou não existiam ou estavam protegidas contra ações como as nossas. Era como se alguém inesperadamente se interpusesse entre nós e eles, bloqueando qualquer interferência psíquica. O sujeito com quem lidávamos ficava fora do nosso alcance por ser possuidor de algum mérito que lhe garantia o apoio do Poder Maior.

O pensamento corrompido favorecia o “encaixe” dos vínculos psíquicos e a “hospedagem” dos nossos agentes na mente dos indivíduos-alvo. Enquanto houvesse sintonia com os nossos interesses inferiores, o íntimo deles ficava acessível como um livro aberto no qual podíamos ler à vontade todos os detalhes do seu modo de pensar e de agir. A manutenção desse estado mental inferior formava em torno do indivíduo um ambiente vibratório convidativo para os espíritos cujo pensamento tivesse estrutura semelhante, como se ele revelasse em altos brados, em meio à multidão, os seus inconfessáveis anseios, enquanto os nossos “olheiros” nos cientificavam disso imediatamente. Mas, quando o sujeito mudava o hábito mental, passando a adotar atitudes íntimas edificantes, melhorando os seus sentimentos, fazia-nos perder completamente o contato com a sua mente e ficava fora do nosso alcance.

Neste caso, mantínhamos alguma vigilância sobre ele, a fim de voltarmos a estabelecer a hospedagem dos nossos agentes no seu psiquismo quando e se isso viesse a ser possível, retomando as ações em continuação ao processo interrompido. Perderíamos muito trabalho, mas o objetivo poderia ainda ser atingido, como ocorreu muitas vezes.

Houve muitos casos em que, iniciado o desenvolvimento da operação, constatávamos o indivíduo-alvo imune à nossa ação; de alguma forma, ele modificara a personalidade e, com isto, anulava a sintonia das suas criações mentais com as dos nossos agentes. Assim, o próprio sujeito criava uma barreira vibratória intransponível para os nossos agentes.

Contudo, o mais comum era alcançarmos sucesso nas nossas investidas.

Em várias das operações, no desfecho final, houve a morte de alguns dos envolvidos nele. Os que desencarnavam deste modo e tinham alguma utilidade para o grupo eram acolhidos pelos nossos asseclas para os juntarem a nós. Era um procedimento habitual, uma forma de conservarmos a eficiência do grupo. Mas não era qualquer indivíduo que recrutávamos assim; só nos interessavam os capazes de aumentar a nossa eficiência, aqueles dotados de habilidades coerentes com as finalidades da Governadoria.

Foram muitas as oportunidades em que efetuamos o envolvimento mental de indivíduos ainda encarnados, “apressando” o momento da sua desencarnação, a fim de

associá-lo ao nosso empreendimento o mais rápido possível – queríamos contar com elementos úteis à garantia do nosso poderio grandioso e constante.

Enquanto isso, os que não tinham interesse para a organização, tão logo se desligavam do corpo, eram entregues aos seus cobradores para serem submetidos a torturas psíquicas tenebrosas.

Os pensamentos formam correntes de partículas mentais com o poder da indução psíquica. A intensidade e a persistência desta corrente dependem da capacidade de concentração mental e da manutenção da vontade de quem a produz. A idéia emitida pode, então, ser corporificada na mente do indivíduo a quem foi dirigida, adquirindo consistência conforme a força da sua sustentação, gerando as formas-pensamento. Alguns espíritos conseguem desenvolver considerável habilidade no uso dessa faculdade, tornando-se capazes de criar imagens psíquicas idealizadas para induzir as impressões mentais convenientes aos seus propósitos, no psiquismo daqueles a quem querem inspirar determinadas emoções. Assim, eles conseguem fazer outros indivíduos terem sensações da natureza que desejam: perseguição, medo, ameaça, agonia, tortura, paralisção, tormento, fome, sede, dor, desamparo, queima, enregelamento, alívio, segurança, além de qualquer outra sensação geradora do estado emocional que desejam para eles. Entretanto, isso só pode ser feito quando há, entre o autor e o indivíduo-alvo, além da sintonia vibratória dos pensamentos e da afinização fluídica das auras, um vínculo psíquico qualquer, como o que liga o devedor ao seu credor; sem elos como esses, o indutor nada pode realizar nesse sentido, mesmo que detenha grande habilidade no processo.

Eu e alguns dos meus assessores, dominávamos muito conhecimento sobre isso e os recursos que nos permitiam promover o surgimento das condições favoráveis à aplicação das nossas técnicas de indução psíquica, métodos de ação que nos trouxeram sucesso na maioria das operações de aplicação da justiça, da punição de indivíduos sabidamente merecedores disso.

Freqüentemente, recebíamos as indesejáveis visitas de tarefeiros do bem que subtraíam integrantes do grupo e, quando sabíamos do contato de algum elemento com eles, forcejávamos para manter vigilância sobre ele, a fim de termos como impedir ações que pudessem modificar características na sua personalidade que o ligavam aos nossos objetivos, embora nem sempre isso tenha sido possível.

O ambiente onde um indivíduo encarna exerce grande influência sobre o seu caráter, assim como a educação que lhe é proporcionada; entretanto, o espírito carrega consigo as tendências adquiridas no passado que podem, ou não, ser dominadas no período de vida material. Numa determinada época, estas tendências emergem do inconsciente na sua mente, levando-o a querer agir do modo peculiar à sua antiga personalidade, gerando potenciais interiores que, às vezes, criam conflitos de comportamento por se contraporem aos padrões já adquiridos. Isso consta do planejamento prévio da sua vida corpórea, porque ele precisa ser submetido a esses conflitos para efetuar a própria reforma íntima indispensável ao seu progresso espiritual. A correção das tendências negativas nesses conflitos melhora os seus sentimentos, favorecendo-lhe o avanço evolutivo.

No período da infância, o ex-integrante do grupo ficava fora do nosso alcance, cercado de muita segurança, como se vivesse dentro de um casulo, totalmente protegido de interferências, nesta fase de ajuste ao corpo carnal. Às vezes, sequer o enxergávamos. Ao entrar na adolescência, começando a “acordar” espiritualmente na nova experiência corpórea, ele voltava a ficar susceptível às ações psíquicas, podendo aceitar os nossos agentes no seu convívio mental.

Muitos desses ex-companheiros de maldade ficavam imunes à nossa influência, mas outros tantos não mudavam quase nada e podíamos incutir nos seus pensamentos as idéias

comuns aos demais integrantes do grupo; assim, achando condições favoráveis, mantínhamos os agentes acoplados à mente deles, colhendo continuamente as informações que desejávamos.

Passando da adolescência à maturidade, continuávamos a atualizar a análise da personalidade deles, para identificar e combater qualquer ação que ameaçasse os nossos objetivos. Os agentes ligados a eles os instigavam a se recusarem a reformar as tendências, induzindo-os a assumir novos compromissos, a fim de enrijecer mais ainda os vínculos que os prendiam ao nosso grupo.

Em geral, nos servíamos desses indivíduos ainda na vida corpórea em ações sob o nosso comando sobre outros encarnados, a fim de atingir a quem desejávamos justificar.

Era possível permanecermos em contato psíquico com eles, porque não modificavam os seus hábitos mentais, pois, do contrário, sumiria o vínculo conosco e nada mais poderíamos fazer, às vezes, passando toda aquela encarnação sem que conseguíssemos fazer contato com ele, mas bastava um pequeno descuido no seu comportamento íntimo para retornarmos ao seu convívio mental. Assim, mantínhamos a sua utilidade para o grupo sem impedimentos causados pela vida corpórea.

Eu mesmo fui alvo desse tratamento, pois eles me submeteram às suas interferências psíquicas nos episódios da minha encarnação.

Quando fiquei sabendo disso, não fiquei muito incomodado, convicto do trabalho no grupo ser muito mais importante para mim do que qualquer outra coisa. Na verdade, eles tinham me beneficiado com isso e mereciam, portanto, a minha gratidão. O mesmo senti quanto ao companheiro Gorne que me transferiu a liderança do grupo. Ele me acompanhou psiquicamente durante toda aquela vida corpórea, sempre à minha disposição, prestando-me apoio valioso como seu comandante, além de me acolher de volta àquele grupo, depois da minha tentativa de auto-destruição.

Nas operações de influência, várias eram as orientações dadas aos agentes influenciadores de qualquer assediado: não dar-lhe descanso em momento algum, manter com ele contato psíquico constante, procurar até achá-lo novamente se o perdessem, recuar se ele se defendesse, mantendo vigilância sobre ele, à espera do momento em que estivesse desprotegido para atacar de novo sem deixar-lhe opções de defesa; quando o indivíduo-alvo esboçasse qualquer reação, deviam se manter fora do seu alcance e da sua percepção, aguardando o ressurgimento das suas falhas morais, para novamente retornarem à sua “hospedagem” mental.

Deviam, enfim, agir sutilmente nos seus pensamentos, sem tréguas, sem lhe permitir sono tranqüilo, excitando-lhe os defeitos com insistência; toda vez que lhe surgiam na mente idéias de correção de atitudes, os agentes deveriam fazer repercutir na sua mente os clichês psíquicos do teor que nos covinha, até a ocorrência das condições emocionais favoráveis à ligação planejada.

Com esse procedimento, recrutamos muitos elementos de interesse para o grupo.

Um episódio que ilustra a aplicação desse processo foi o assédio a um general alemão dotado de grande liderança sobre os seus comandados, além de exagerado orgulho, falha moral muito conveniente à nossa atuação psíquica na sua mente.

Os militares que serviam sob o seu comando tinham por ele uma grande admiração, prestando-lhe obediência quase fanática. A presença dele nos campos de batalha, com o seu porte altivo, o uniforme elegante e impecável, exercia expressiva influência sobre o moral dos seus liderados, tornando-os capazes de superarem as próprias forças para vencer os seus adversários. Suas tropas eram temidas pelos inimigos, famosas pela tenacidade com que lutavam. Muitas foram os confrontos em que conseguiram vencer adversários de poder bélico superior ao deles.

Outros comandantes de tropa tinham muita inveja dele e os ocupantes de postos mais próximos da direção geral das operações de guerra conseguiram convencer o comandante-em-chefe ser o prestígio do general entre os seus homens uma grande ameaça ao seu posto maior. E o marechal-de-campo, mesmo sendo amigo pessoal dele há muito tempo, o destituiu do comando daquela tropa, transferindo-o para um setor administrativo fora do campo de batalha.

O general sentiu-se atraído, ferido profundamente no seu amor-próprio, enchendo-se de revolta e de pensamentos de vingança.

Constatando o seu estado emocional alterado, espíritos da sua companhia individual que coerentemente pensavam de maneira semelhante à dele, ansiando por atender aos seus desejos, agitaram-se, confabulando excitados: *“O general está em sofrimento! O comandante-em-chefe o traiu! Precisamos ajudá-lo!”*.

As características desta situação favoreceram o “encaixe” dos nossos agentes na mente do general que nos interessava trazer para a realidade espiritual, a fim de associá-lo à Governadoria. Havia muito a ganharmos com as suas qualidades: era dotado de liderança incomum, de grande habilidade em estratégias bélicas, de exagerada austeridade consigo mesmo, muito preocupado em não se permitir erros por causa do orgulho agigantado, peculiaridades muito coerentes com os nossos objetivos.

Então, depois de conectados ao seu psiquismo, os nossos agentes influenciadores sondaram-lhe a mente, a fim de interferir nos seus pensamentos, tarefa fácil, porque ele não conseguia pensar em outra coisa além da traição de que fora vítima. Os agentes conseguiram “hospedagem” na sua mente e passaram a sugerir-lhe idéias de apoio e cumplicidade: *“O senhor não merece isso. Foi uma indignidade o que lhe fizeram. Seu próprio amigo o traiu. Esta destituição do comando das suas tropas é uma desonra inaceitável. O senhor está sendo envergonhado perante os seus comandados. Que mais o Senhor tem a fazer que possa preservar a sua honra?”*. Argumentos com estes, repetidos insistentemente, induziram-no gradativamente ao desequilíbrio emocional, fazendo agigantar-se a sua revolta, a ponto dele deixar-se dominar completamente pelos pensamentos de orgulho ferido. A partir da constatação da total desarmonia do seu estado íntimo, os agentes mudaram o teor das suas frase e passaram a insistir: *“É preciso expressar o seu protesto de maneira inesquecível. Tem que mostrar a estes traidores infames o quanto o Senhor é honrado. Acabe com essa agonia! Ofereça a sua vida para provar que a sua honra é inatacável!”*.

Exasperado, o general vestiu a sua melhor farda, empunhou a pistola, encostou a boca do cano na têmpora e acionou o gatilho...

Fora mais uma operação completada com sucesso.

Assim que a fase de perturbação peculiar da desencarnação terminou, agentes nossos o abordaram e o conduziram ao reduto da Governadoria, onde lhe foi garantido apoio irrestrito para a concretização do seu anseio de vingança pelo que lhe tinham feito.

Assim, o general se associou ao nosso grupo.

Ele não foi o único com quem agimos dessa maneira; muitos dos nossos comparsas mais capazes, mais valorosos, foram submetidos a tratamento semelhante.

Promover “apressamento” do falecimento de elementos que aumentariam o nosso poder era uma atitude muito natural, porque sabíamos que a morte não termina com a vida e tínhamos a convicção de estarmos concedendo-lhes o privilégio muito especial de participarem da nossa missão grandiosa: aplicar a “justiça” nos culpados de crimes contra os seus semelhantes. Isto era o alegado objetivo dos trabalhos da nossa organização e fazia-se todo o possível para nenhum dos integrantes da Governadoria deixar de julgá-lo

indiscutível, porque acreditar nele constituía a principal motivação para eles se dedicarem às nossas tarefas.

CAPÍTULO XIII

O DESBARATAMENTO DO BANDO

Em conseqüência da destreza dos nossos agentes na execução dos processos de interferência psíquica, comprovada pelo freqüente sucesso alcançado nas operações desencadeadas, o poder da Governadoria conquistou admiração e grande respeito no Mundo Espiritual. Conseguíramos expandir grandemente o território das nossas atuações, crescera o número de elementos alistados para os trabalhos nos nossos diversos setores de atividade. Além disso, os resultados das nossas operações eram sempre animadores, conformes com os nossos objetivos, engrandecendo cada vez mais o poder do grupo e, com isso, a nossa satisfação, bem como o nosso entusiasmo.

Então, começaram a desaparecer elementos do grupo inexplicavelmente.

Era habitual sofrermos investidas das forças do bem e nem sempre percebíamos claramente a presença das equipes que visitavam a organização, porque, além deles não permitirem isso, não tínhamos esta capacidade. Então, só sabíamos das ações deles por alguns sinais inconfundíveis da sua interferência. A alteração do comportamento costumeiro de algum elemento que passava a desacatar ordens, contestar determinações, discutir a autoridade dos seus chefes diretos, deixar de tomar medidas que antes executava sem titubear, trabalhar com ostensiva má vontade, fazia-nos suspeitar dele estar sob a influência de algum agente do bem infiltrado no grupo, a incutir-lhe idéias de mudança das suas intenções.

A informação dessa ocorrência era mantida em sigilo e os comentários restritos aos elementos de minha maior confiança. Porém, mesmo assim, havia problemas de vazamento nos canais de comunicação, causando dificuldades na manutenção da disciplina geral, produzindo uma onda crescente de perda de confiança na capacidade de controle dos encarregados das funções de comando.

Uma vez identificado o integrante do grupo nessa situação, a fim de impedir a sua interferência nas atividades e anular a sua possível influência nos companheiros, ele era removido das missões e mantido isolado dos outros, sob vigilância constante, enquanto buscávamos readaptá-lo aos interesses do grupo. Quando constatávamos a inutilidade dos nossos esforços neste sentido, cessávamos o combate à força que o impelia para aquelas modificações de comportamento e esperávamos o seu desaparecimento, cuidando para preencher logo a lacuna que deixasse nos serviços.

Além da remoção por agentes do bem, saíam elementos do grupo por diversos motivos: incompatibilidade das idéias com a natureza das nossas ações, intercessão dos entes queridos, temor de represálias pelo fracasso nas tarefas, desejo de atuar em outros grupos, terem sido capturados por agentes inimigos, intenções voluntárias de mudança íntima e outros mais. E as evasões do grupo aconteciam com muita freqüência, sendo por isso aceitas como de rotina. Mas um saía, outro entrava no seu lugar, porque sempre achávamos como compensar, em tempo útil, as baixas nos diversos níveis de atividade do grupo. Vez por outra, alguém avisava o sumiço de algum elemento na sua equipe e, em segredo, providenciávamos o substituto no mais curto prazo possível.

Mas isto ocorria nos níveis mais inferiores das equipes e, de repente, estavam desaparecendo agentes importantes do meu comando, elementos cuja ausência

comprometia as operações, interrompia atuações em pleno andamento, anulava contatos valiosos, punham a perder enormes esforços despendidos, gerando muita confusão e grande descontrole.

Quando constatei o aspecto crítico desses sumiços, tinha perdido alguns dos meus assessores mais confiáveis, como o general, nosso mais perspicaz estrategista, o chefe do setor de espionagem, brilhante organizador de ações de informação e contra-informação e condutor de missões muito bem sucedidas de dissimulação das nossas atividades, além de outros elementos em cujas habilidades baseávamos a eficiência das operações.

Isso tinha ocorrido de forma inesperada, alarmantemente sutil, o que me deixou enfurecido, cheio de ódio. Estavam minando o meu controle sobre o grupo, poder que me custara tanto conquistar. Eu que me julgava invencível até então, estava sendo derrotado fragorosamente. Era uma usurpação inadmissível do meu comando. Ninguém podia interferir assim na minha liderança sobre os meus asseclas sem pagar muito caro pela ousadia. Controlava uma organização enormemente poderosa, magnificamente organizada, de grandiosa eficácia e estavam subtraindo dela, um a um, os agentes de maior valor, de maior capacidade, reduzindo progressivamente o poderio da minha organização sem que eu pudesse esboçar qualquer defesa.

Isso feria profundamente o meu orgulho, sentimento mais cultuado por mim, minha imperfeição moral mais aguçada; precisava providenciar o retorno à normalidade das atividades o mais rápido possível, pois já surgiam sinais de descrédito na força do meu poder e ameaças de indisciplina. Era urgente retomar a condição de líder temido.

Acionei as providências necessárias para investigar essas irregularidades e identificar os responsáveis. E os agentes descobriram o motivo de todo aquele dissabor: uma equipe de espíritos encarnados e desencarnados abordava os nossos elementos e os convenciam a rejeitar os objetivos da Governadoria para, depois de conduzidos ao seu reduto, submetê-los a sessões de reeducação dos pensamentos. Além disso, constataram fraquezas morais úteis às nossas habilidades psíquicas em alguns dos integrantes dessa equipe de usurpadores, registros de ações negativas inconfessáveis nas suas mentes, indicando vulnerabilidade ao assédio mental e aos nossos métodos de atemorização.

Julguei este material suficiente para desencadear o nosso contra-ataque.

Primeiro, providenciei o envolvimento de cada um dos usurpadores encarnados em situações que lhes gerassem desequilíbrio emocional para anular a sua autoconfiança.

Por mais que se julgue confiar no Cristo, quando a angústia se intensifica, surge sempre dúvida nos que não têm firme a sua fé, como achávamos que era o caso deles.

Por isso, investimos nossos esforços no aproveitamento das suas fraquezas morais, buscando demovê-los da intenção de continuarem a nos enfrentar.

A princípio, isso nos pareceu fácil, porque conseguimos promover muita desarmonia psíquica neles. Porém, surpreendentemente, os meus assediadores se depararam com uma força de reação que os mantinha firmes nas ações causadoras das nossas dificuldades; qualquer esforço despendido para enfraquecê-los foi anulado por uma proteção cujo poder superava a nossa capacidade.

Enviei, então, alguns agentes para se deixarem capturar por eles, a fim de colherem informações mais precisas e os atemorizarem com o aviso de estarem enfrentando um poderio muito superior ao deles, capaz de lhes impor sofrimentos terríveis se teimassem naquelas investidas contra a nossa organização.

Porém estes enviados cumpriram as ordens e não voltaram para prestar contas do que lhes ocorreu, engrossando a lista dos desaparecidos, para aumentar a minha indignação.

Resolvi, então, enfrentar pessoalmente os inimigos.

Reuni todos os meus recursos para essa ação, certo de que poderia intimidá-los, obrigá-los a nos deixarem em paz e até destruí-los, se fosse preciso.

E apresentei-me a eles, confiante e destemido.

Mas determinado indivíduo se interpôs entre eu e eles; ataquei-o, mas, portador de condição moral muito superior à minha, foi-lhe fácil rechaçar as minhas ofensivas, sem muito esforço.

Pensei que, tendo sido derrotado, seria conduzido para alguma prisão, mas ele me surpreendeu com o convite para enfrentar a reduzida equipe encarnada deles que eu achava tão frágil.

Isso mexeu com os meus brios e, sem vacilar, me dispus a fazê-lo naquele mesmo instante, exigindo que me apresentasse a eles sem mais demora, para que destroçasse cada um daqueles intrometidos, como se esmaga formiga com a bota.

Este pensamento foi um erro, porque, cheio de orgulho ferido, enfrentei-os pela primeira vez e não fui bem sucedido. Conversamos, fiz as minhas ameaças, mas, em certo instante, percebi que já não estava mais falando apenas com os encarnados, havia por trás deles espíritos dotados de grande poder para as tarefas em favor do bem.

Concentrei todo ódio que pude reunir na investida contra eles, usei toda a minha força para aterrorizá-los, porém o que consegui foi nada, minha atuação foi inútil e sem qualquer efeito. Se não estivessem assessorados daquela forma, eu certamente os teria vencido e submetido a torturas indizíveis, mas nada consegui; enfrentava adversários muito superiores a mim; por mais que me esforçasse, não conseguiria sobrepujá-los.

O local era um grande anfiteatro, tendo no centro uma pequena mesa ao redor da qual estavam sentados os encarnados. Não observei isso com muita atenção pois concentrava todas as minhas energias no esforço de incutir o maior temor possível aos adversários.

Conhecia perfeitamente a personalidade e os hábitos psíquicos de cada um deles, pois os seus temores, preconceitos e fraquezas tinham sido investigados minuciosamente pelos meus agentes; portanto, sabia como ameaçá-los, como fazê-los temer as minhas represálias e estava pronto para usar toda a minha capacidade nisso.

Um deles me serviu de intérprete com as suas faculdades mediúnicas. Estava inseguro, cheio de sentimento de culpa, desconfiado da própria capacidade. Parecia fácil aterrorizá-lo, mas estava protegido por espíritos que garantiram a segurança do seu desempenho, assim como o dos outros.

Convidado a falar, falei com arrogância: *“Nada justifica o tratamento que me oferecem. Agem como se eu fosse um criminoso perverso. Estou percebendo um número exagerado de providências de segurança e isso, na realidade, demonstra o quanto me receiam!”*, vociferei, bradei acusações, fiz ameaças terríveis, mas, surpreso com a serenidade e aparente segurança dos meus ouvintes, não quis ouvir suas argumentações, deixando claro que sabia e odiava o que tinham para me dizer. Em certo momento, pretendia revelar o que sabia sobre eles, mas uma força imperceptível me impediu, deixando-me impotente e ainda mais enfurecido.

Sufocado de indignação, decidido a acabar com a entrevista, bradei com altivez: *“Não pedi para vocês mexerem comigo. Por que não me deixam em paz? Não lhes reconheço autoridade para se intrometerem nos meus afazeres! Por que teimam em me chamar de irmão? E não venham com essa de sermos criaturas de Deus, por que eu não penso assim! Vocês convenceram os meus auxiliares a traírem a organização!”* E acrescentei, em tom ameaçador, sem medir os termos que usava: *“Estou acorrentado, mas posso romper esses grilhões, no momento que quiser! Fui trazido à força, arrastado, como devem ter feito com cada um dos meus trabalhadores! Vocês não têm idéia do que sou*

capaz de fazer! Vão se arrepender muito do quanto me prejudicaram! Sou muito mais poderoso do que imaginam! Não vou ficar mais aqui! Não quero ouvir mais nada!”.

Não havia nenhuma corrente como declarei. Com o meu agigantado orgulho não conseguia conceber ter sido obrigado a ficar ali sem ter sido constrangido por algum recurso material e terem me acorrentado era a única explicação que justificava a permanência ali contra a minha vontade, porque ter sido dominado pela simples vontade dos meus oponentes era inaceitável para mim.

Não sei como, mas me retirei apressado, rumando ansioso para a Fortaleza. No desenvolvimento da entrevista, antevi o risco de ser convencido pela argumentação deles, como ocorrera com os elementos capturados anteriormente. Recuei, a fim de analisar os acontecimentos e aguardar uma outra ocasião favorável para efetuar nova investida. Para mim aquilo era uma batalha e essa é uma boa estratégia ante o perigo de uma derrota.

De volta à segurança da fortaleza, encontrei muitas dificuldades, as ações da organização descontroladas, a coesão das equipes enfraquecida, raras as ocasiões de reunião do pessoal suficiente para o atendimento das operações em andamento, fracasso de muitas delas, redução desastrosa do efetivo geral pela ação dos tarefeiros do bem e deserções – ao sentir o “cheiro” da desgraça, os covardes debandam espavoridos.

Muitos elementos permaneceram na Governadoria mais por admiração a mim e fidelidade à causa do que por achar possível retomarmos o poderio de antes; estes incentivavam os demais a continuarem fiéis à minha liderança, convictos de que eu acharia um jeito de reorganizar tudo, mas as dificuldades com os atos de indisciplina e controle dos que ainda se submetiam ao meu comando crescia assustadoramente.

Mergulhei no trabalho das providências para normalizar a nossa situação e, passado algum tempo, reuni os assessores restantes para distribuir-lhes algumas missões, pois eu ia enfrentar de novo os usurpadores. Estava convencido que, desta vez, conseguiria impor a minha vontade, dominaria completamente os opositores e iria forçá-los a cessarem as ações de desbaratamento da nossa organização.

Apresentei-me, então, aos usurpadores, deixando-me conduzir novamente ao grupo de entrevistadores encarnados, sereno e certo da vitória iminente.

Tudo ocorreu como na vez anterior, fui recebido pelo mesmo espírito que me conduziu ao anfiteatro na outra vez e me indicaram o mesmo médium de antes que, então, conforme percebi, estava bem mais confiante. Os participantes me receberam com atenção e um carinho revoltante para mim; esperava deles reações ríspidas e, ao contrário, agiam com decepcionante ternura, atitude incabível, no meu julgamento, diante de um adversário tão poderoso como eu era.

E, já de início, senti como se alguém estivesse me escovando o corpo por inteiro e, de onde a escova me tocava, saíam fagulhas, causando uma dor aguda como se me espetassem com espinhos aguçados.

Queixei-me, indignado, contrariado: “Como ousam fazer isso com alguém da minha envergadura! Subestimam o poder de persuasão que me tornou capaz de submeter tantos indivíduos ao meu domínio mental? Enorme é o número dos que estremecem de pavor a qualquer sinal da minha ira! E vocês me tratam assim, de forma tão vergonhosa, tão desagradável?”. Mas eles me ouviam impassíveis e eu continuava sentindo como se estive sendo afagado carinhosamente, parecendo estarem se desculpando pelas escovadelas...

Num certo momento, pedindo que me acalmasse, passaram a dialogar comigo.

Disseram-me desaprovar a subjugação dos asseclas pelo terror, modo que caracterizava o meu comando, assegurando-me que esta forma de domínio não era nada eficiente, pois gerava muito descontentamento e revolta, revelando que eles próprios, assim como muitos outros espíritos, encarnados e desencarnados, viviam espontaneamente

sob o jugo de um governador que os liderava pelo amor, pelo amparo carinhoso e incondicional, acrescentando que, entre as muitas lições dele, havia esta: “*Quem quer ser o maior, seja o menor, aquele que serve a todos...*”.

Protestei veementemente ante esta proposição. Isso se chocava frontalmente com as minhas convicções. Não era possível aceitar que um general conseguisse manter a sua superioridade sobre os subordinados, prestando-lhes serviços. Não! Agir assim é que seria contraproducente, inconcebível, nenhum comando podia ser mantido desse jeito. Não é possível entender como alguém obedeceria a quem lhe presta serviço. Este modo de agir geraria somente desrespeito à hierarquia, indisciplina, desobediência...

Mas eles continuaram a confirmar essa liderança amorosa e, em certo momento, descreveram o episódio da Última Ceia do Cristo com seus seguidores mais próximos, registrado no Novo Testamento da Bíblia, em que Jesus, chamado por eles de “Governador Espiritual do Planeta Terra”, pôs-se a lavar os pés de cada um daqueles homens rudes que conversavam, despreocupadamente sentados à mesa...

As imagens desta cena foram surgindo na minha mente, nítidas como se eu estivesse pessoalmente entre aqueles personagens, vivendo cada instante, registrando admirado o carinho com que Jesus afagava amorosamente os pés dos seus discípulos.

Intensa emoção dominou-me os sentimentos..

Algo dentro de mim pareceu se quebrar, deixando um vazio imenso.

Um remorso profundo agigantou-se sufocante dentro de mim, trazendo com ele uma agonia indescritível...

Então, me convidaram a olhar por uma janela que se abria para o exterior, por onde divisei um lugar aprazível, amplo, no qual os meus auxiliares desaparecidos acenavam para mim, sorridentes e felizes...

Surpreendentemente, uma sensação suave de calma me aquietou os pensamentos.

Por alguns segundos, ficamos todos em silêncio e a animosidade que sentia por eles desapareceu da minha mente.

De repente, eu, o grande estrategista, o torturador implacável, o poderoso magnetizador, líder temido de tantos malfeitores, não sabia mais o que fazer...

Parecia um menino surpreendido em flagrante travessura pela mãe...

Uma vergonha desconhecida dominava completamente os meus pensamentos, em total desequilíbrio...

Sensibilizados com o meu estado íntimo desarmonizado, eles me propuseram visitar o local que eu via daquela janela, aconselhando-me a decidir depois o que fazer; o seu desejo era o de que eu aceitasse permanecer ali também.

Indeciso, prestes a expressar a minha recusa, o rosto lindo de Lísia, a minha mãezinha querida, me veio à lembrança e a sua ternura amorosa me envolveu suavemente.

Ainda um pouco relutante, aceitei o convite. Sentia que, naquele momento, laços imperceptíveis já me prendiam àquele grupo. Não poderia mais me desligar dele e a minha vida tomaria, a partir dali, rumos completamente novos.

O Governador fora derrotado!

EPÍLOGO

Interessado apenas nas operações maléficas que chamava de “aplicações da justiça”, o temido líder da Governadoria, autor dos relatos apresentados nesta obra, perdeu inúmeras oportunidades de reforma das intenções para a construção da sua própria felicidade, proporcionadas por persistentes e prestimosos tarefeiros espirituais que

cumprem a missão do assédio amoroso aos espíritos que teimosamente preferem ocupar-se com o mal. E viveu assim, até ser vencido pelos argumentos do bem, reconhecendo a natureza errônea dos propósitos que norteavam a sua vida e capitulando perante a força do amor verdadeiro.

A lembrança dos seus feitos malignos encheu-o de remorso, motivando os tarefeiros do bem que se encarregavam do seu auxílio, percebendo o seu tormento íntimo, a dirigir-lhe frases de consolo e garantia de felicidade, além do que prometeram ampará-lo nos momentos de dificuldade, se empregasse a força da sua vontade no resgate dos seus erros.

Depois, ofereceram-se para conduzi-lo a um local que denominaram de “Colônia”, onde visitaria as dependências, observaria as atividades dos seus habitantes e, se aceitasse, seria acomodado em local já preparado, onde assistentes prestimosos o aguardavam para ajudá-lo na adaptação à nova situação e nas providências iniciais do seu retorno ao caminho da retidão.

Antes que isso fosse feito, os encarnados componentes do grupo socorrista lhe propuseram fazer o relato detalhado das suas ações na liderança da Governadoria, como um jeito de começar a compensação dos seus enganos, e ele aceitou, colocando-se à disposição da equipe para deixar-se entrevistar mediunicamente, se os encarregados do seu amparo aprovassem o trabalho proposto, o que foi expresso naquele mesmo momento.

E são os eventos descritos nas entrevistas feitas depois que compõem este livro.

A análise do relato assim obtido ressaltou aspectos do comportamento humano favorecedores do assédio psíquico dos indivíduos por espíritos com intenções maléficas.

Comentar estes aspectos e evidenciar os recursos de defesa contra os malfeitores espirituais motivou o acréscimo deste capítulo, cuja autoria é da equipe organizadora da obra, assessorada no detalhamento de muitas das ocorrências pela colaboração voluntária de outros antigos integrantes da Governadoria.

Também foi constatado nos relatos que **o orgulho e o egoísmo são as características principais do caráter dos espíritos que se envolvem nas ações psíquicas nefastas, tanto os assediadores quanto os assediados**, sentimentos impossibilitadores da conquista da felicidade plena, devendo ser combatidos até a sua total eliminação na personalidade. São os motivadores também dos malfeitores, esquecidos por completo do bem, lançarem-se às ações prejudiciais contra os seus semelhantes, sem perceberem estar se candidatando a igual tratamento por causa dos preceitos da **Lei de Causa e Efeito, mecanismo divino de cobrança inexorável dos atos de todas as criaturas**.

Nas situações descritas neste livro, caracterizadas pela interferência psíquica efetuada por agentes influenciadores, fica bem claro que a vulnerabilidade dos assediados é causada pelas suas falhas morais e o impedimento às ligações mentais maléficas pela ausência dessas “brechas” psicológicas – **o cultivo dos bons sentimentos imuniza o indivíduo contra a influência malfazeja, enquanto o costume das maldades, mesmo íntimas, facilita a ação dos assediadores**.

O Criador, infinitamente misericordioso e amoroso, mantém os recursos do bem ao alcance de todos, além de lhes proporcionar inúmeras reencarnações, oportunidades de retorno ao “campo de batalha” para o combate às imperfeições, ou seja, às “falhas morais”.

O *orgulho* é o conceito exagerado de si mesmo, o amor-próprio em demasia, a soberba. O orgulhoso não admite opiniões diferentes das suas, julga-se o único correto nos seus posicionamentos, repele as pessoas que não lhe reconhecem superioridade, considera-se infalível, nega-se a admitir fraquezas e limitações, acha impossível mostrar desconhecimento sobre qualquer assunto ou incapacidade de resolver qualquer situação,

menosprezando sempre as opiniões e atitudes das outras pessoas, a quem considera inferiores e insignificantes.

O *egoísmo* é o amor exclusivo por si próprio, faz o indivíduo não se importar com ninguém, considerar os outros úteis somente para atender aos seus desejos e caprichos; o egoísta menospreza a todos, acha que tudo existe só para lhe dar conforto, atenção, apoio e cuidado incondicionais, considera as suas necessidades mais importantes e urgentes do que qualquer outra coisa, a sua dor como a maior de todas, as suas dificuldades superiores às dos demais, agindo sempre como se tudo girasse em torno dele e só para ele.

Existem ainda outros sentimentos que também podem predispor as pessoas à interferência espiritual maldosa, entre os quais destacamos algumas, a seguir:

– *Autopiedade*, ou autocomiseração, sentimento de pena dos próprios males, compaixão por si mesmo; sentir-se assim faz a pessoa se considerar vítima intencional de tudo o que acontece, como se tudo e todos conspirassem para o seu prejuízo; o indivíduo que se sente assim pensa primeiro que todos estão contra ele, antes mesmo de verificar a realidade do acontecimento; muitas vezes esse é o sentimento causador da depressão.

– *Vaidade*, desejo incontrolável de atrair admiração e homenagens, vanglória, presunção; o vaidoso não admite derrota em qualquer sentido, ignora declaradamente o valor das outras pessoas, despreza os outros e as suas ações, exigindo a admiração de todos, considerando-se mais capaz, de maior beleza, mais brilhante, mais competente etc. do que os outros.

– *Solidão*, sensação de isolamento mesmo no meio da multidão, sentimento que pode fazer o indivíduo achar-se abandonado, mergulhar em melancolia, desânimo e diminuição da auto-estima, achar-se incapaz de merecer consideração, carinho ou cuidado, entrar em depressão, pensar em suicídio para chamar a atenção de alguém ou para fugir da opressão em que se sente.

– *Remorso*, inquietação da consciência por algum erro, transgressão ou crime cometido; é uma sensação de culpa profunda e intensa que pode dominar completamente os pensamentos da pessoa, fazendo-a julgar-se incapaz de merecer qualquer ajuda ou perdão, submeter-se à autoflagelação, achar nada mais ter a perder; algumas situações de remorso levam o indivíduo ao suicídio como forma de autopunição pelo ato do qual se culpa; este sentimento é o que mantém o vínculo inconsciente entre quem errou e aquele a quem vitimou, favorecendo as ligações psíquicas espirituais maléficas.

– *Ódio*, execração, rancor, raiva, ira, aversão a uma ou mais pessoas, a atitudes ou coisas, paixão que impele a pessoa a causar ou desejar o mal de alguém, gera repugnância, antipatia, desprezo, repulsão; é o sentimento negativo que pode levar o indivíduo a não pensar em outra coisa, a não ser em se vingar; o anseio pela desforra pode crescer a ponto de fazer o indivíduo perder a noção da natureza dos seus atos e ignorar os danos possíveis da consecução do intento de castigar aquele que o prejudicou.

– *Inveja*, desgosto ou pesar pelo sucesso dos outros, desejo violento de possuir bens materiais melhores que os alheios ou de ser mais prestigiado; esta atitude íntima pode fazer o indivíduo importar-se somente com as posses ou prestígio dos outros, nada mais valorizando, remoendo-se de raiva toda vez que alguém ganha ou adquire algo novo ou que ele não possui, ou que chame mais atenção que ele próprio.

– *Cobiça*, desejo obsessivo de possuir bens materiais, avidez, cupidez, ambição desmedida; este sentimento tende a fazer o indivíduo não se contentar com o que possui, podendo até perder a capacidade de pensar em outra coisa senão em adquirir ou até furtar mais e mais coisas compulsivamente, mesmo sem precisar do que compra ou que seja sem utilidade, sem se importar com o preço ou com o prejuízo a ser causado a outrem.

– *Contrariedade*, aborrecimento ou desgosto; é um sentimento desagradável, mal-estar experimentado pelo indivíduo quando enfrenta situações com que não concorda; o acúmulo de contrariedades no lar, no trabalho, na rua e o mal-estar constante tornam o indivíduo amargo, impaciente, intolerante, podendo chegar a se julgar objeto constante da desconsideração de todos.

– *Irritação*, exasperação, exaltação, agastamento ou irritabilidade, sentimento que, se prolongado, pode saturar o sistema nervoso do indivíduo, tornando-o agressivo, predisposto a reagir com violência ante qualquer sinal de ameaça, levando-o ao azedume, à facilidade em ficar colérico, ao linguajar áspero e ofensivo.

– *Mau humor*; esta é uma disposição deprimente que pode levar o indivíduo a permanecer irritado do acordar ao adormecer, num aborrecimento sem fim, explodindo freqüentemente em crises descontroladas de ofensas e acusações ásperas dirigidas a quem estiver por perto.

– *Pessimismo*; este sentimento faz a pessoa encarar tudo de forma negativa, esperar o pior em qualquer situação; é um estado íntimo que, quando prolongado, leva o indivíduo a ter idéias mórbidas sobre coisas, acontecimentos e pessoas, gerando desequilíbrios orgânicos, podendo causar lesões profundas e permanentes no corpo físico.

– *Frustração*; é o possível estado íntimo de um indivíduo depois de ser privado, por ausência de um objeto ou por um impedimento, seja exterior ou íntimo, da satisfação de um desejo ou de alguma necessidade; este sentimento pode produzir uma sensação de impotência que, prolongada e intensa, faz o indivíduo não conseguir mais desligar o pensamento do que considera a causa do seu dissabor, remoendo e revivendo intimamente os alegados motivos de se sentir assim, incapaz de superar a decepção, permitindo crescer dentro de si a inveja, o ciúme e o desamor.

– *Angústia*, ansiedade ou aflição intensa, ânsia, agonia, sofrimento, tormento, tribulação; é um estado íntimo que pode impedir o indivíduo de ajuizar corretamente sobre as situações, deixando-se dominar, às vezes, por um desânimo profundo, com receio de tudo e de todos, chegando até a ter “medo de ter medo”; isto pode gerar depressões profundas, alienação mental e idéias de suicídio.

Como reduzem o nível das vibrações mentais, estes sentimentos produzem sintonia e afinidade fluídica com espíritos imperfeitos.

Se o indivíduo abriga qualquer deles no seu íntimo, tendo compromissos assumidos no passado faltoso, sua mente assume condições que permitem aos espíritos a quem prejudicou estabelecerem nela processos maléficos de interferência e domínio psíquicos.

Existem também outros estados íntimos que levam a efeitos semelhantes, como *revolta, decepção, intolerância, agressividade, impaciência, desânimo*, assim como outros sentimentos inferiores presentes no cotidiano de todas as pessoas, contra os quais precisamos opor resistência persistente, ainda que, para isso, seja necessário pedir a ajuda de indivíduos esclarecidos ou dos benfeitores espirituais.

Deus mantém, em contato mental conosco, espíritos bem intencionados e dispostos a apoiar os necessitados sem restrições, à espera apenas de lhes ser dirigido o pensamento para prontamente prestarem a sua ajuda em qualquer situação.

Onde está o mal, está também o remédio, isto é, enquanto o indivíduo, permitindo-se pensamentos inferiores, possibilita o sucesso dos assédios espirituais prejudiciais, ele mesmo pode promover o fracasso destes com a própria reforma íntima que é a mudança do hábito mental para melhor, o que repele os “hóspedes” maus, atraindo os bons.

A busca desta reforma é tão importante que o simples desejo de empreendê-la é suficiente para se conquistar o interesse e a presença benfazeja dos tarefeiros bondosos,

mas a sua consecução exige a ação da vontade, especialmente na libertação de uma influência espiritual maléfica já estabelecida.

Difícil, mas não impossível, o tratamento desse mal é o mesmo necessário à libertação de algum vício, pois os assediadores, pela sua inferioridade, se impacientam com a persistência dos assediados nos procedimentos de melhoria e perdem o interesse pelo indivíduo que insiste em se aperfeiçoar ou se convencem a mudar também.

Comumente, o influenciado não consegue libertar-se da ação dominadora dos influenciadores apenas com os seus recursos pessoais e, neste caso, deve buscar a interferência de espíritos bem intencionados que se prestem ao trabalho de auxiliá-lo nos esforços que precisa despende.

Uma pessoa que se encontra sob assédio psíquico espiritual não apresenta nenhum sintoma ostensivo específico, mas pode estar sob o domínio obsessivo de algum espírito quem tem atitudes como as seguintes:

- a) *Comportamento negativo estranho ao seu modo de agir usual, como irritabilidade, agressividade, inquietação, sobressalto etc..*
- b) *Insônia, dificuldade para dormir, sono muito agitado e pesadelos freqüentes.*
- c) *Isolamento, fuga do relacionamento com os familiares, colegas e até de quaisquer outras pessoas.*
- d) *Freqüentes mau humor, tristeza, angústia, ansiedade, desânimo, melancolia e explosões de raiva.*
- e) *Compulsão irresistível para os vícios degradantes como jogo, tabagismo, alcoolismo, drogas...*
- f) *Acessos de características mediúnicas como discursos com voz e gestos estranhos, visões de vultos ou cenas anormais (visões fantasmagóricas), audição de vozes e de ruídos estranhos, movimentação de objetos à distância em momentos de crise emocional, quebra de pratos, copos, lâmpadas etc..*

Quando observados isoladamente, estes sintomas não são conclusivos, a incidência em conjunto, sem ser preciso a apresentação simultânea de todos, induz à possibilidade da ação influenciadora espiritual e o bom senso conduzirá ao diagnóstico adequado.

Os interessados no auxílio aos indivíduos que apresentam desequilíbrios psíquicos de qualquer natureza devem verificar a ocorrência desses sinais que são também peculiares à mediunidade, já que esta faculdade é indispensável ao processo de atuação psíquica dos assediadores.

Existem recursos muito eficientes para a prevenção e tratamento dos processos de interferência espiritual prejudicial:

- 1) **Prece** - É o procedimento que coloca o indivíduo em contato psíquico com o Mundo Espiritual elevado, cujos tarefeiros se mantêm perto de todos à espera da ligação com eles, para fornecerem o atendimento adequado às necessidades e méritos de quem faz a prece; esta atuação bondosa pode impedir ou enfraquecer vínculos mentais interferentes e prejudiciais com espíritos de más intenções.
- 2) **Passé Magnético** - É uma transfusão de energias regeneradoras que favorecem a harmonização das vibrações do paciente, restaurando-lhes o equilíbrio e aliviando as influências opressoras.
- 3) **Comparecimento a reuniões edificantes** - A presença do indivíduo na reunião pública, com a atenção concentrada no assunto esclarecedor em explanação, favorece o seu envolvimento por bons espíritos cuja interferência pode enfraquecer as ligações obsessivas; isso permite que ele e o seu assediador apreciem os verdadeiros princípios da felicidade, entendam o valor da reforma dos sentimentos e iniciem o desfazimento do vínculo psíquico existente entre os dois, o que se ocorre, muitas vezes, durante o evento.

4) **Ingestão de água fluidificada** - É um procedimento eficaz como o passe, pois o líquido concentra princípios curadores do perispírito e, através deste, do corpo físico, capazes de proporcionar alívio às enfermidades; assim se enfraquecem os fluidos doentes trocados pelos envolvidos no processo psíquico interferente, facilitando as providências da anulação da ligação prejudicial por onde atua a influência espiritual.

5) **Leitura e Estudo do Evangelho** - Este procedimento, além de transmitir aos envolvidos no assédio obsessivo espiritual os princípios libertadores e pacificadores ensinados por Jesus, atrai o interesse e a aproximação de espíritos bem intencionados que promovem a sensibilização de ambos, assediado e assediador, enfraquecendo com isso os vínculos psíquicos prejudiciais.

6) **Prática da Caridade** - Esta atividade enfraquece o egoísmo, criando condições para a reforma íntima, o que traz a companhia dos bons espíritos e o interesse deles pelo bem-estar dos envolvidos nesses processos de influência psíquica espiritual malfazeja.

7) **Companhia fraterna** - O hábito de estar em companhia de pessoas que se dedicam ao bem, ao culto das virtudes e dos pensamentos elevados, dificulta o surgimento das condições favorecedoras de influências malélicas e reduz os efeitos das existentes, impedindo ou enfraquecendo as ligações mentais prejudiciais, além de fortalecer a vigilância sobre as criações mentais e a perseverança no bem agir.

Todos estes recursos são muito benéficos, mas o último citado é particularmente valioso no caso da prece, porque vários indivíduos com o mesmo intuito podem conseguir um efeito muito maior que uma pessoa isolada. Pode-se entender isto melhor se, por exemplo, comparar-se a interpretação de uma peça musical por um solista, à sua execução por um coral; esta última é mais maviosa e agradável. Além disso, sendo cada pessoa acompanhada por um grupo de espíritos cujos interesses são semelhantes aos seus, pode-se entender o valor de reunir amigos bem intencionados ao indivíduo-alvo de um processo interferente, considerando a amplitude das vibrações de apoio que lhe serão dirigidas em favor o seu auxílio.

Ressalta-se também a importância da **realização assídua do Culto do Evangelho no Lar**, ao qual comparecem entidades interessadas na divulgação dos princípios da obra de Jesus que purificam o ambiente com a irradiação de fluidos benéficos peculiares à sua evolução. Isto repele a assistência invisível dos espíritos mal intencionados, cuja ausência propicia aos presentes a liberdade da sua interferência inconveniente por todo o tempo em que seus pensamentos estiverem ligados às lições lidas durante o evento.

Neste culto, os familiares se reúnem com outros freqüentadores espontâneos sempre na mesma hora e dia da semana, em torno de uma mesa ou sentados em círculo, mantendo perto um recipiente com água para todos beberem depois, onde os presentes lêem e comentam uma lição do Mestre Nazareno, escolhida aleatoriamente ou em seqüência.

Todos os recursos mencionados são fáceis de se conseguir e proporcionam sempre condições apropriadas à conquista e à manutenção da harmonia íntima, mas são, em particular, especialmente eficazes na terapia das ligações psíquicas interferentes com espíritos mal intencionados.

O espírito guarda no seu próprio íntimo os seus inimigos – as imperfeições –, que só podem ser vencidos com o aprimoramento constante dos sentimentos.

Conclui-se, então, ser o melhoramento contínuo da personalidade, a substituição das imperfeições pelas virtudes correspondentes: o egoísmo pelo altruísmo, o orgulho pela humildade, a ganância pela sobriedade, a ambição pela conformação, a intolerância pela tolerância, a impaciência pela paciência, a falta de respeito pela consideração, a falta de indulgência pelo perdão, a indiferença pelo devotamento, o ódio pelo amor, o único recurso para imunizar o indivíduo contra a interferência espiritual psíquica malfazeja.

É preciso ainda ressaltar que os acontecimentos descritos neste livro são reais, vividos pessoalmente pelo relator e, ao observarmos as situações do cotidiano, podemos constatar muitas ocorrências semelhantes às aqui registradas e identificar muitos figurantes das tramas do dia-a-dia com alguns personagens destes relatos.

Precisamos manter firme a nossa confiança no poder ilimitado do Criador, na Sua presença constante em tudo, até dentro de nós, na Sua ação providencial em todos os acontecimentos, no Seu amor sem limites por toda a Criação, sem nunca esquecermos de Jesus Cristo, o nosso mais fiel, presente e poderoso amigo, o divino encarregado do progresso de todos nós.

Desejamos que este trabalho lhe tenha sido útil de alguma maneira, pois foi este o principal objetivo da sua realização.

Muita paz!